

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

GUADALUPE VILHALBA CABRAL XAVIER

**A SITUAÇÃO BILÍNGUE NAS COMUNIDADES INDÍGENAS TERENA URBANAS
DE CAMPO GRANDE-MS**

**CAMPO GRANDE-MS
SETEMBRO/2019**

GUADALUPE VILHALBA CABRAL XAVIER

**A SITUAÇÃO BILÍNGUE NAS COMUNIDADES INDÍGENAS TERENA URBANAS
DE CAMPO GRANDE-MS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira e co-orientação da Profa. Dra. Onilda Sanches Nincao.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

CAMPO GRANDE-MS
SETEMBRO/2019

GUADALUPE VILHALBA CABRAL XAVIER

**A SITUAÇÃO BILÍNGUE NAS COMUNIDADES INDÍGENAS TERENA URBANAS
DE CAMPO GRANDE-MS**

APROVADA POR:

ROGÉRIO VICENTE FERREIRA, DOUTOR - (PPGEL-UFMS)
Orientador

ONILDA SANCHES NINCAO, DOUTORA – (PPGEL – UFMS)
Co-orientadora

ALINE SADDI CHAVES, DOUTORA – (UEMS)
Membro Titular

CLÁUDIA CAMILA LARA, DOUTORA – (UFMS)
Membro Titular

Campo Grande, MS, 11 de Setembro de 2019.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento
001”

Dedico este trabalho

A meu pai Tiaçú Barén Cabral, amigo, companheiro inesquecível.

A minha mãe Iza, exemplo de mulher, mãe, lutadora, vencedora.

A minha irmã Jane Vilhalba Cabral Pereira, que com os olhos brilhante incentivou a realização do mestrado passo a passo, obrigada irmã corajosa.

Ao meu esposo Carlos Gonzaga Xavier, meu amor, meu batalhador, apoio de todas as horas, um grande coração.

A minha filha Mayara Raquel, companheira, responsável, amiga, defensora.

Aos meus irmãos... só nós sabemos o significado de nossas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus pela vida e oportunidade por estar aqui. Eu que pensava que não retomaria o contato com os indígenas, que lembrava com saudades da Missão Caiuá; agora tenho um novo tempo, uma nova experiência para contar. Obrigada meu Deus, meu Jesus Cristo... Fiel e Justo sempre. Quero dar a honra a quem merece honra.

As palavras são poucas para escrever sobre todos que passaram pela minha vida nessa fase e deixaram suas boas marcas, entretanto ressalto a participação de alguns:

Agradeço primeiramente a liderança Terena pela cordialidade, receptividade, bondade e simpatia. Sinceros sentimentos de admiração ao povo Terena, povo indígena do Mato grosso do Sul.

Agradeço ao meu pai Tiaçú Barén Cabral (*in memorian*) e a minha mãe Izailda por terem me dado a vida e suas vidas, ao cuidarem de mim muitas vezes por dias e horas em um leito de hospital... hoje estou aqui... nem eu esperava.

Aos meus irmãos, por compreenderem minha ausência muitas vezes nas reuniões familiares, principalmente, você, Jane Cabral Pereira: te amo irmã abençoada, anfitriã da família.

Agradeço ao meu esposo, meu amor, amigo, companheiro de todas as horas e à minha filha, que compreendeu minhas ausências...

Agradeço à minha co-orientadora e professora Onilda Sanches Nincao, por possibilitar o retorno à vivência com os indígenas Terena, a quem admiramos e aprendemos a amar. Por ser exemplo de pesquisadora e enfrentar o desafio dessa pesquisa, um tema atual. Por me mostrar o caminho certo muitas vezes e por amar os povos indígenas e ter mudado a história da vida deles por meio da Educação Indígena em Aquidauana. E por ter paciência... Obrigada, muito obrigada.

Nossos agradecimentos ao orientador Rogério Vicente Ferreira, o qual tem nossa admiração.

Indicou o caminho: leitura, leitura, estudo, estudo, escrever, escrever, escrever. Muito trabalho. Obrigada.

A vocês, meus orientadores, muito obrigada, pois termino este trabalho sendo uma pessoa muito diferente do que quando iniciei. E lembrarei de vocês com gratidão.

Obrigada às professoras amigas, que, muitas vezes, mudaram meu dia com um simples sorriso. Obrigada à minha amiga do coração.

Obrigada à minha coordenadora Elisabete Marques, gostaria de ter um pouquinho da sua classe como pessoa e profissional. Deus a abençoe sempre.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como se configura o uso da Língua Portuguesa e da Língua Terena de comunidades indígenas Terena da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Tal temática é relevante em razão do aumento crescente da população indígena em Campo Grande pela migração dessas populações que saem de suas aldeias de origem e vêm em busca de novas oportunidades na capital do Estado. No município de Campo Grande existem 9 aldeias urbanas e um centro comercial indígena no Mercado Municipal com um quadro sociolinguístico complexo. A fundamentação teórica baseia-se nos conceitos da Sociolinguística e Linguística Aplicada, que têm como ponto de partida o estudo de fenômenos linguísticos relacionados a contextos sociais de línguas em contato e estudos de linguagens (BRAGGIO, 1998; MAHER, 2007) e os processos diglóticos (HAMEL; SIERRA, 1983). A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo e etnográfico, que busca colher, organizar e analisar os resultados de forma interpretativa em interação com os participantes da pesquisa. Foram realizados registros manuais no Diário de Campo, obtidos nas observações realizadas em cada campo de pesquisa, assim como as anotações anexadas manualmente nos questionários e no roteiro de entrevista a respeito do uso da Língua Portuguesa e da Língua Terena, além das observações dos momentos de interação em contextos comuns de moradores das 9 comunidades Terena e de um centro comercial indígena estabelecido no centro de Campo Grande. Os resultados mostraram a presença do sujeito Terena bilíngue e o processo de bilinguismo diglótico diversificado, com a presença de alternância de código pelos falantes da comunidade Terena do município de Campo Grande, definidos a partir do uso em conjunto da Língua Terena e Língua Portuguesa com uso significativo da Língua Portuguesa em contexto de comunidade Terena na capital e o uso diferenciado da Língua Terena entre as faixas etárias que definem a comunidade. Dessa forma, conclui-se que é importante que a comunidade e os estudiosos Terena, juntamente com os órgãos competentes, definam diretrizes que favoreçam a valorização, preservação e ensino da Língua Terena no contexto das aldeias indígenas urbanas da capital.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeias Indígenas Urbanas. Índio Terena. Língua Terena. Língua Portuguesa. Bilinguismo.

ABSTRACT

This research aims to investigate how the use of the Portuguese Language and the Terena Language of Terena indigenous communities in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, is configured. This theme is relevant due to the growing increase of the indigenous population in Campo Grande, on account of the migration of these populations that, as they leave their villages of origin, are seeking new opportunities in the state capital. In the municipality of Campo Grande there are 9 urban villages and kiosk in mercadão municipal with a complex Sociolinguistic condition. The theoretical foundation is based on the concepts of Sociolinguistics and applied Linguistics, whose start point is the study of linguistic phenomena related to social contexts of contact languages and language studies (BRAGGIO, 1998; MAHER, 2007) and the diglossic processes (HAMEL; SIERRA, 1983). The research methodology is qualitative and ethnographic, which seeks to collect, organize and analyze the results interpretatively in interaction with the research participants. Manual entries were made in the Field Diary, obtained from the observations made in each research field, as well as the annotations manually attached to the questionnaires and interview script regarding the use of the Portuguese Language and the Terena Language, in addition to the observation of the moments of interaction in common contexts of residents of the 9 Terena communities and an established commercial center in the center of Campo Grande. The results showed the presence of the bilingual Terena subject and the diversified diglossic bilingualism process, with the presence of code switching by the speakers of the Terena community of Campo Grande, defined by the joint use of the Terena Language and Portuguese Language with significant use of Portuguese Language in the context of Terena community in the capital and the differentiated use of Terena language among the age groups that define the community. Thus, it is concluded that it is important that the Terena community and the Terena intellectuals, together with the Academy, define guidelines that favor the valorization, preservation and teaching of the Terena language in the context of the urban indigenous villages of the capital.

KEYWORDS: Urban Indigenous Villages. Indian Terena. Terena language. Portuguese language. Bilingualism.

LISTA DE ABREVIATURAS

CG	Campo Grande
CPI-Ac	Comissão Pró-Índio do Acre
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LM	Língua materna
LP	Língua portuguesa
LT	Língua Terena
MS	Mato Grosso do Sul
SENAR	Serviço Nacional de Assistência Rural

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01	Lideranças Terena reunidas na festa do “Dia do Índio”	83
IMAGEM 02	Primeira entrevista na aldeia urbana “Marçal de Souza”	86
IMAGEM 03	Comemoração do “Dia do Índio” na Aldeia urbana “Darci Ribeiro”.....	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Relação das aldeias urbanas na capital do MS e suas especificidades linguísticas.....	55
QUADRO 02	Localização das aldeias por regiões na capital do MS.....	57
QUADRO 03	Matriz de coleta de dado sobre o uso da língua Terena em contexto de aldeia urbana do MS	64
QUADRO 04	Matriz de coleta de dado sobre o uso da língua Portuguesa em contexto de aldeia urbana do MS.....	65
QUADRO 05	Sujeitos da pesquisa: habitantes das aldeias urbanas da capital, por faixa etária.....	66
QUADRO 06	Falantes da Língua Terena e Portuguesa nas aldeias urbanas da capital do MS.....	92
QUADRO 07	Relação das aldeias urbanas da capital do MS.....	95
QUADRO 08	O uso da Língua Terena e Língua Portuguesa por contextos nas aldeias urbanas da capital do MS.....	97
QUADRO 09	Configuração do processo diglósico nas aldeias urbanas.....	111

LISTA DE MAPAS

MAPA 01	Localização das aldeias urbanas indígenas por região em CG, capital do MS.....	58
MAPA 02	As aldeias indígenas urbanas localizadas nos bairros de CG	59
MAPA 03	As distâncias entre as aldeias indígenas urbanas de CG, capital do MS.....	61

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Configuração do uso da Língua Terena por faixa etária nas aldeias urbanas indígenas da capital do MS.....	99
TABELA 02	Configuração do uso da Língua Portuguesa por faixa etária nas aldeias urbanas indígenas da capital do MS.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 Línguas em contato.....	20
1.2 O panorama do bilinguismo.....	22
1.2.1 <i>O sujeito bilíngue</i>	27
1.2.2 <i>A identidade do sujeito bilíngue</i>	31
1.3 O termo diglossia e seu processo entre a língua terena e portuguesa.....	36
1.4 A alternância de código.....	40
2 O CONTEXTO DA PESQUISA PARA COLETA DE DADOS	44
2.1 Período “pré-pesquisa”.....	44
2.2 A metodologia da pesquisa.....	46
2.3 O campo de pesquisa.....	48
2.3.1 <i>As primeiras visitas as aldeias urbanas do município de CG</i>	51
2.4 A descrição das aldeias urbanas.....	54
2.5 A localização das aldeias urbanas no mapa urbano da capital do MS.....	60
2.6 O material de coleta de dados.....	62
2.7 Os sujeitos da pesquisa.....	66
2.8 O contexto social das aldeias urbanas da capital do MS.....	67
3. ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS	74
3.1 O contexto das entrevistas nas aldeias urbanas de CG, capital do MS.....	74
3.2 A configuração do uso da língua terena e portuguesa na comunidade terena de CG, capital do MS	94
3.3 O uso da língua terena nas aldeias urbanas da capital do MS.....	98
3.4 O uso da língua portuguesa por faixa etária nas aldeias urbanas da capital do MS.....	103
3.5 Os significados dos usos linguísticos no contexto da comunidade terena do MS.....	106
3.6 A configuração do processo de diglossia na comunidade terena urbanas.....	111
3.7 A alternância de código como recurso linguístico Terena.....	114
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	125
ANEXOS	134

INTRODUÇÃO

O Brasil historicamente vivenciou uma política linguística definida pela homogeneização, iniciada no século XVIII com a colonização e o uso obrigatório da Língua Portuguesa em todo território nacional. Neste prisma surgiram ações como o Diretório dos índios definido por Marques de Pombal em 1758, na sequência a campanha de nacionalização do ensino definido por Vargas e por último, em 1990, o projeto de lei contra estrangeirismo. Assim a história da política linguística brasileira definiu-se como longa e o Brasil foi considerado como um país monolíngue. Mas na atualidade, na contra direção da unidade linguística nacional defendida por idealizadores, estão os que contemplaram na atualidade uma política linguística e cultural plural. Nesta direção DORNELES (2011) discutiu a apresentação linguística do Brasil no exterior, de uma política linguística homogeneizadora a diversidade linguística.

Cavalcante (1999) confirma a realidade linguística brasileira, e confere que nos tempos atuais, o Brasil passou a ser reconhecido como um país multilíngue. Na mesma direção Mello (2011, p. 353), fala da diversidade linguística nativa, presente no território brasileiro “Somos sim, o país da língua portuguesa, mas também o país da língua Xerente, Karajá, Apinajé [...]”, dentre outras línguas indígenas.

E essa realidade de país multilíngue assume uma representação peculiar no Estado de Mato Grosso do Sul (MS), que concentra a segunda maior população indígena do Brasil dividida em vários povos. Esse Estado é palco de um processo histórico de colonização bastante longo e complexo (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000), onde esses povos enfrentam um intenso e constante conflito fundiário na luta por seus territórios tradicionais.

Números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2010, apontaram que a população indígena de Mato Grosso do Sul cresceu 3,1% em 10 anos, uma vez que 73.295 pessoas se declararam como indígenas. Somente a capital, Campo Grande, ocupa o sétimo lugar entre os municípios brasileiros onde habitam populações indígenas, este número é de 5.657 indivíduos. O Estado também abriga duas das cinco maiores etnias indígenas do Brasil: os Guarani e Kaiowá, com 37,4 mil indivíduos e os Terena com, aproximadamente, 28,8 mil indivíduos.

Conforme Nincão (2008), a etnia Terena está estabelecida principalmente em MS, interagindo com a sociedade não indígena brasileira, uma ação que se intensificou a partir do século XVIII. Entretanto, os estudos a esse respeito só foram aprofundados no século XIX

(SILVA; FERREIRA; OLIVEIRA, 2014), revelando um contato que passou por variados processos de convívio. Ainda segundo Nincao (2008):

[...] esse grupo étnico está distribuído, no estado, em aproximadamente 25 aldeias, ocupando áreas descontínuas localizadas nos municípios de Anastácio, Aquidauana, Miranda, Dois Irmãos do Buriti, Nioaque, Sidrolândia, Campo Grande, Rochedo e Dourados. Alguns Terena encontram-se também instalados nos municípios de Avaí e Braúna, no Estado de São Paulo [...]. (NINCAO, 2008, p. 29-30)

No que diz respeito à capital de MS, Campo Grande, nesse espaço estão localizadas várias etnias indígenas brasileiras, firmadas em locais comuns, denominados aldeias urbanas¹, convivendo em contato com a sociedade não indígena e, dentre essas etnias, estão os Terena.

Parte da população do povo Terena residente na capital do Estado, fixou-se nas aldeias urbanas da capital, veio para a zona urbana porque precisava buscar novas oportunidades fora das áreas indígenas onde nasceram, lugar de suas origens (SILVA; BERNADELLI, 2016). O Censo do IBGE (2010) registrou 896,9 mil indígenas no país, sendo que 36,2% são moradores da região urbana e 63,8% moradores da região rural (ALTENHOFEN, 2013, p.35). Diante desse prisma, a população indígena do município de CG, definiu-se com mais de 6.000 (seis mil) indígenas e apresentou um quadro sociolinguístico complexo pela necessidade de utilizar a Língua Portuguesa para a sua inserção no mercado de trabalho, ou seja, para atender sua demanda de sobrevivência junto à sociedade brasileira. No Brasil, usar a língua oficial, a LP², é uma questão de sobrevivência tanto para o índio, assim como para o migrante, pois é a língua da interação, da comunicação (PRUDENTE, 2011).

Outro fator relevante tem ocasionado a fixação dessa etnia no centro da capital: a comercialização de produtos agrícolas produzidos em suas aldeias. Dessa forma, os produtos obtidos dessa atividade são vendidos de porta em porta em várias regiões da cidade, ou em barracas do Mercado Municipal. Nessa atividade, no contato entre Terena e não indígena, é perceptível o desenvolvimento da habilidade de falar e entender o português, possibilitando um comércio rentável para a sobrevivência material dessa etnia.

Diante disso, cabe perguntar: Como se configura o quadro sociolinguístico das comunidades Terena de Campo Grande? E como se dá o uso da Língua Terena e da Língua Portuguesa? Quais os significados desses usos para essas comunidades? Para Calvet (2002), a realidade linguística mundial define-se como plurilíngue e cada país possui sua diversidade

¹ A denominação aldeias urbanas, fazendo referência à união dos povos indígenas na região urbana divergiu entre os indígenas Terena. Assim, os termos empregados para nomeá-la variam entre: aldeia urbana, comunidade e assentamento indígena.

² LP: Língua Portuguesa.

linguística, sendo essa também a realidade brasileira. Para o autor, a diversidade linguística gera o contato entre as línguas e esse contato pode ser estabelecido pelo indivíduo, pela situação de aquisição de língua ou ainda pela própria comunidade (CALVET, 2002).

Já para Mesquita e Braggio (2012), esse processo pode ser definido de modo desigual, sendo uma língua tida como majoritária e a outra não, assim, relacionam-se entre si de modo dissonante, ou seja, conflitante.

Franceschini (2011) esclarece que, desde a colonização, a relação das “línguas” em território brasileiro definiu-se mais como de “conflito” do que de “contato”. A autora defende que a história das línguas indígenas no Brasil, definiu um contexto de conflito, sendo o conflito linguístico entrelaçado com outros tipos, como de cultura, posse de terras, etc. E, para desfazer esse conflito, a autora sugere que o Estado intervenha por meio de suas instituições e que a comunidade indígena forme intelectuais, como mestres e doutores em seu meio, a fim de que reflitam sobre a situação da língua de seu povo, e para que estratégias sejam criadas com o intuito de levantarem resistências e fortalecimento para enfrentarem as pressões da sociedade envolvente, de forma que estas não resultem em perdas linguísticas para a comunidade indígena. (FRANCESCHINI, 2011).

É importante ressaltar que os Terena possuem uma política linguística própria de apropriação/aprendizagem da LP como uma ação estratégica de sobrevivência junto à sociedade brasileira (NINCAO, 2003; 2008). Assim, a grande concentração de indígenas Terena provenientes de diferentes áreas, como dos municípios de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Dourados, etc. configuram uma diversidade de uso da LP e LT³, o que provoca certa complexidade, tornando-se necessário conhecer, registrar, organizar e analisar o perfil linguístico da população urbana Terena.

Levando-se em conta o *locus* de investigação desta pesquisa, observa-se que a LP e LT estão fixadas no mesmo espaço geográfico: o espaço urbano da capital, onde se estabelecem em convívio comum. Essa é a realidade indígena Terena do município de Campo Grande/MS, um lugar de desenvolvimento, de influências, práticas e relações entre diferentes povos e que definem as aldeias indígenas urbanas⁴ da capital.

Nesse sentido, como há um processo de migração para CG, de formação de diferentes aldeias com indígenas Terena, há pessoas dessa etnia que são falantes de sua língua de origem e não falantes (NINCAO, 2008). Portanto, é importante compreender esse processo, o qual

³ LT: Língua Terena.

⁴ O termo aldeia indígena urbana, nesta pesquisa, diz respeito ao conjunto de diferentes etnias reunidas em um mesmo espaço geográfico.

pode contribuir para a reflexão e o entendimento sobre o uso da LP e da LT no convívio de contexto das comunidades indígenas em Campo Grande.

Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar como se configura o uso da LP e da LT no contexto dessas aldeias urbanas na cidade de Campo Grande/MS, tendo em vista também traçar um perfil sociolinguístico etnográfico da população Terena.

Tal temática torna-se relevante pelo aumento crescente da população indígena nessa cidade, motivado pela busca de novas oportunidades (URQUIZA; VIEIRA, 2012). Além disso, realizar a configuração do uso da língua indígena Terena e da LP nas aldeias indígenas urbanas de Campo Grande/MS justifica-se pela necessidade de se obterem dados que possam fundamentar políticas linguísticas e educacionais para as populações indígenas de Campo Grande e fomentar novos estudos.

O tema é relevante, ainda, por ser parte da situação bilíngue na comunidade indígena Terena urbana de CG, de migração Terena para a capital, vindos de aldeias de diferentes municípios do MS. Existe uma tendência para o aceleração desse fato pelas questões relacionadas às dificuldades de sobrevivência dessas comunidades em suas aldeias de origem.

Espera-se, também, que os dados obtidos possam contribuir para o entendimento dessa importante demanda do povo Terena em Campo Grande/MS, como também para o estabelecimento de políticas de atendimento a essas comunidades, já que a presença dessa etnia é relevante e significativa para a construção histórica de MS (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Na Introdução discutiu-se a política linguística determinada no Brasil (Dornelles, 2011), e as novas diretrizes para a realidade linguística, de um país multilíngue, que possui a Língua Portuguesa, língua nacional e as línguas indígenas, nativas, em seu território nacional, definindo assim a realidade de um país multilíngue (MELLO, 2011, p. 353).

E ao contemplar a presença das línguas indígenas no Brasil, depara-se com o fato que os Terena migram, na atualidade, para a capital do MS. E na Referencial Teórico foram discutidos os conceitos de Línguas em contato, conforme Calvet (2002), Mello (1999), Maher (1997) e seus significados e ampliações conforme Ferguson (1959), Romaine (1989), Maher (2007) e Nincao (2003; 2008).

A respeito da Metodologia, delimitou-se que esta pesquisa é de cunho etnográfico, com abordagem qualitativa, por meio da qual procurou-se colher, organizar e analisar os resultados em contato com os participantes da pesquisa. A pesquisa etnográfica é desenvolvida a partir da presença física do pesquisador no ambiente que envolve os sujeitos, procurando compreender os processos diários, a maneira de vida do indivíduo ou de um grupo

a fim de desenvolver registro detalhado sobre a vida do sujeito da pesquisa, a partir da observação das relações socioculturais (SEVERINO, 2016).

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico sobre os Terena, considerando dados históricos e trabalhos sobre a etnia, seu trajeto histórico, seu contexto de vida, seu processo de formação, desenvolvimento das aldeias e o uso da LP e da LT em seu cotidiano. Na coleta de dados foram utilizados o questionário, a entrevista e a observação participante, com anotações no Diário de Campo. Para a aplicação, foram realizados inicialmente os contatos com lideranças locais, que definiram a prática da pesquisa. Na sequência, foram desenvolvidas as entrevistas, a aplicação de questionários e observação de fatos como instrumentos de relevância para a obtenção dos dados. O questionário foi construído a partir de material organizado como um roteiro de perguntas padronizadas e impressas e os resultados foram anotados pela pesquisadora. Também ocorreram registros por meio de notas no Diário de Campo, os quais foram realizados fora do contexto das comunidades Terena.

A análise de dados foi desenvolvida com base na literatura pesquisada para aquisição dos objetivos e direcionamento para reflexão a respeito do uso da LP e LT no contexto de comunidade indígena Terena urbana no município da cidade de Campo Grande, delineando o quadro sociolinguístico desse uso.

A pesquisa está dividida em três capítulos, sendo iniciado com a Introdução, que apresentou-se o cenário político linguístico definido no Brasil à partir da colonização. No primeiro capítulo, aborda-se o referencial teórico como base para a investigação. O segundo capítulo trata da metodologia utilizada para relatar a obtenção dos dados e o processo de desenvolvimento da pesquisa. No terceiro capítulo, consta a análise que busca apresentar como se dá o uso da LP e da LT no contexto de aldeias urbanas de CG (MS), e nas Considerações Finais apresenta-se a política linguística dotada pelos Terena residentes na região urbana.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo discutir as teorias que embasam a análise de dados dessa pesquisa, tendo em vista o contexto caracterizado por línguas em contato, constituído pela língua majoritária e minorizada⁵ conforme Braggio (2012) e (Silva, 2011), visando, ainda, identificar seus usos e significados constituídos na cidade de CG (MS).

Dessa forma, serão apresentados os conceitos de Línguas em Contato embasados em Calvet (2002), Mello (1999), Maher (1997), como também de Bilinguismo, Sujeito Bilíngue, Diglossia e Alternância de Código e suas ampliações, conforme Ferguson, (1959). Esse último conceito inicialmente foi discutido por Romaine (1989 apud Nincao, 2008) e Maher (2007).

1.1 Línguas em contato

O Brasil possui em seu território o contexto da diversidade linguística, definida por fatores como o uso linguístico, a história e a cultura de povos que convivem em lugares comuns (BORSTEL, 2009). É nos contextos formados por diferentes comunidades linguísticas que se definem pontos em comum de línguas em contato que podem desenvolver-se por meio do falante, da forma de aquisição ou da comunidade (CALVET, 2002). E foi nesse contexto histórico, na realidade do plurilinguíssimo que a LP se definiu como língua oficial (Maher, 1997, p. 22), além das línguas indígenas faladas em quase todas as suas regiões (MELLO, 1999). Assim, a diversidade linguística no Brasil e as línguas autóctones⁶ tornaram-se objeto de estudos, com o fator determinante de *línguas em contato* (CALVET, 2002, DUARTE, 2016). Conforme Couto (2017, p. 27), o termo utilizado como referência sempre foi “*línguas em contato*”, que surgiu a partir de Weinreich (1953), mas, preferencialmente, o autor utiliza o termo geral “*línguas de contato*”.

A opção pelo termo tem como um dos motivos o fato de que não há línguas livres de contato, mesmo aquelas que fazem parte de comunidades isoladas, pois o contato entre línguas (contato de línguas) pode acontecer por diversas maneiras e usar diferentes instrumentos. Portanto, o que ocorre é um processo que vai para além do contato de línguas,

⁵ BRAGGIO (2012) utiliza o termo minorizada para fazer referência às línguas indígenas.

⁶Altenhofen (2008, p. 136) define línguas autóctones como línguas indígenas faladas no Brasil e línguas alóctones como línguas de imigração.

alcançando o contato de cultura, a forma de interação, e apresenta diferentes resultados do contato (COUTO, 2017, p. 30).

Com base no cenário da colonização, Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009, p. 41) relacionam o contato entre os colonizadores europeus, indígenas e africanos na formação do português brasileiro. Inicialmente, na colonização, deu-se o contato entre os portugueses e indígenas, promovendo o surgimento da *língua geral*⁷. Na sequência, os africanos vieram escravizados para o Brasil e desenvolveram contato com a *língua geral* e, em seguida, com os portugueses por meio da produção açucareira, estabeleceu-se o contato dos africanos com o português que, historicamente, se constitui a partir do contato entre línguas, pelo convívio e comunicação diária, entre diferentes povos (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO 2009, p. 58).

Ao abordar o multilinguismo social, Maher (1997) explica que o tema passou a ser contemplado pelos estudiosos anglo-saxões Weinreich (1953), Ferguson (1959) e Fishman (1967) como a relação entre línguas. Além disso, entre as línguas em contato, para Ferguson (1959) haveria uma que seria a *língua Alta*, a língua de uso exclusivo público e formal e a *língua Baixa*, que diz respeito à língua de uso restrito, privado e informal. São línguas com uso determinado conforme a funcionalidade a ser atendida (MAHER, 1997, p. 21).

Para Silva (2011), o contato entre línguas caracteriza-se como *contato entre falantes*, que abrange significados como atitudes, sentimentos, diferentes valores que resultam em *línguas em conflito*. (SILVA, 2011, p. 9). No prisma de línguas em contato, está inserida a cultura e a sociedade do falante, que teve procedência nas conquistas, migrações e nas diversas relações entre diferentes falantes.

Altenhofen (2014) especifica 8 situações de contato linguístico, de diferentes línguas e variedades no Brasil, as tipologias de contato linguístico são: Português e línguas indígenas (autóctones), Português e línguas afro-brasileiras, Português e línguas de imigração (alóctones), Português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com Guarani e Espanhol, no Paraguai, e Espanhol no Uruguai), Português e línguas co-oficiais em contato (p.ex. A nheengatu, Baniwa e Tukano, em São Gabriel da Cachoeira, AM); b) Guarani, em Tacuru, MS; c) Akwê Xerente, em Tocantínia, TO; d) Pomerano, em Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Pancas, Laranja da Terra e Vila Pavão, ES, e em Canguçu, RS; e) Talian, em Serafina Corrêa, RS; f) Hunsrückisch, em Antônio Carlos, SC; e

⁷ Freire (2011, p. 208) conceitua: Língua Geral era uma língua de origem Tupi, usada na catequese pelos jesuítas, em todo território brasileiro, desde o século XVI.

Foi conhecida como língua supraétnica, de alcance de todas as etnias inseridas no contexto da nova conquista, da terra recém-encontrada pelos europeus.

g) Alemão, em Pomerode, SC), contatos linguísticos de fronteira (com os países vizinhos), contatos intervaretales do Português (entre falantes de variedades regionais do Português), contatos transnacionais do Português “aquém- e além-mar” (Portugal e demais países lusófonos, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, além do próprio Brasil) (ALTENHOFEN, 2014, p. 26). Assim foram especificadas as diferentes formas de contato linguísticos, que ocorrem no nível microlinguístico e macrolinguístico, integrados ao cenário linguístico brasileiro.

1.2 O panorama do bilinguismo

A partir do século XX, a noção de bilinguismo passou a comportar novos conceitos (MEGALE, 2005). Portanto conceituar bilinguismo não é um ato simples, já que a complexidade é revelada na transcrição de conceitos, pois podem ser distintos entre si (MEGALE, 2005).

Maher (2007), em seu estudo “Do Casulo ao Movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural”, definiu o bilinguismo como um fenômeno multidimensional, situação em que os sujeitos bilíngues se diversificam, diferenciando-se em suas competências. O bilinguismo foi visto como a realidade humana comum de uso de mais de uma língua. Entretanto, o bilinguismo como estado de uso de mais de uma língua não comporta em um único padrão a atuação do sujeito bilíngue.

Isso ocorre devido à existência de fatores influenciadores sobre o sujeito bilíngue e sobre seu contexto de interação linguística, pois o contexto exerce força sobre o falante bilíngue, determinando o uso linguístico, até mesmo tornando suas escolhas diferenciadas e determinadas pelo momento de interação. Escolhas que foram influenciadas por diversos itens da prática linguística do sujeito falante. Dessa forma, não é suficiente a ideia do sujeito bilíngue enquadrado na homogeneidade, em uma única forma de fala, de uso de recursos linguísticos, ou de um mesmo nível de uso de mais de uma língua (MAHER, 2007, p.6). A autora ainda explica que a competência comunicativa de um sujeito bilíngue deve ser avaliada a partir de um padrão diferenciado de análise.

Desse modo, o panorama linguístico brasileiro é de um cenário linguístico com uma constituição diversificada, é a realidade de uso de mais de uma língua em várias esferas da sociedade, pelos falantes brasileiros, iniciando pelas línguas autóctones e alcançando as chamadas línguas de prestígio. Assim, se configura a presença das línguas no mundo, na América do Sul e no Brasil, de uma significativa diversidade linguística. Portanto, a definição

do Brasil como país monolíngue não subsiste, pois a realidade é de uma variedade de línguas naturais e de diferentes configurações de uso em seu território, como em seu contexto da América do Sul (DUARTE, 2016).

Cavalcanti (1999), ao realizar “Estudos Sobre Educação bilíngue e Escolarização em Contexto de Minorias Linguísticas no Brasil”, voltou seu olhar para o contexto de uso de mais de uma língua, contexto bilíngue de minorias, levando em consideração a ênfase na tradição oral. Dessa forma, recebeu atenção o contexto formado pelo uso das línguas minorizadas, como as línguas indígenas, um contexto entendido como um cenário complexo, marcado pelo multilinguismo. Sendo assim, receberam atenção as comunidades indígenas que apresentaram registros linguísticos de sua LM, na oralidade, no meio da comunidade (MAHER, 1998, p. 122).

Portanto, ao falar do país ainda na sua formação como nação, tendo por foco a visão de país monolíngue, a autora explica a realidade enfrentada pelos indígenas:

No caso dos indígenas, a proibição de uso das línguas indígenas foi direta nos variados contextos: a língua indígena (qualquer que fosse) era “feia”- a denominação “gíria” não é gratuita – e ser índio era uma “vergonha” [...]. Não é preciso acrescentar mais nada para entender que esse foi um incentivo (de sucesso!) para a construção da baixo-estima da população indígena e do perigo de deslocamento das línguas indígenas (CAVALCANTI, 1999, p. 394).

Dessa forma, a língua indígena teve seu uso retraído e muitas vezes eliminado, resultando no índice conhecido pelas perdas de várias línguas nativas, de povos nativos no território brasileiro. Uma perda de povos e línguas que Rodrigues (2002) explica como um processo longo, instalado desde a colonização. Assim, os povos indígenas e a realidade das línguas indígenas na atualidade, como foi mencionado anteriormente, relaciona-se a certas comunidades indígenas que mantêm as marcas linguísticas no discurso do próprio povo, durante as interações da comunidade étnica (MAHER, 1998).

Diante das diferenças que marcam os sujeitos bilíngues e no anseio de apresentar um conceito que abrangesse o sujeito bilíngue a partir de suas diferenças, Barretto (2009) apresenta o bilinguismo como “[...] uma condição particular, identificada pelo contexto e forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção e abandono das mesmas” (BARRETTO, 2009, p. 121).

É, pois, no debate sobre bilinguismo que se inicia a ideia de observar a prática do bilinguismo a partir de vários ângulos de estudo, como o social e o individual (FERGUSON, 1959; MELLO, 1999). Portanto, o bilinguismo não está limitado a uma única esfera de

envolvimento do falante, pois dentro dos ângulos que abrangem o falante é possível encontrar o bilinguismo individual e o bilinguismo social. O bilinguismo individual tem como foco o uso das línguas pelo indivíduo (FERGUSON, 1959; MELLO, 1999). Essa é uma perspectiva que se preocupa com o indivíduo bilíngue e o fazer linguístico como competência, desempenho etc.

Este trabalho se encaixa na esfera do bilinguismo social, pois observa o ato linguístico relacionado ao movimento da língua em uso, como as mudanças de uma geração para a outra, o processo de diglossia, a comunicação intercultural etc. Dessa maneira, o bilinguismo tem sido objeto de estudo, pesquisas e tem chamado a atenção de estudiosos da área, pois abrange muito mais que o uso da língua, revelando estreita ligação do indivíduo ao seu contexto de uso linguístico (MELLO, 1999; CAVALCANTE, 1999). Ainda retomando o conceito de bilinguismo, Crystal (1985) explica que

As definições de bilinguismo refletem suposições sobre o grau de proficiência que uma pessoa deve atingir antes de ser qualificada como bilíngue (se comparável a um FALANTE-NATIVO monolíngue, ou um pouco menos que isso, até o ponto de conhecimento mínimo de uma segunda língua). Diversas distinções técnicas já foram introduzidas, entre o bilinguismo COMPOSTO e COORDENADO, por exemplo (baseada em como um bilíngue vê as duas línguas: SEMANTICAMENTE equivalentes ou não-equivalentes?), entre os vários métodos de aprendizado das duas línguas (simultaneamente na infância ou através de instrução formal), e entre os vários níveis de abstração em que operam os sistemas linguísticos – o bilinguismo está em oposição a situação de BIDIALETO e a DIGLOSSIA. De particular importância é a maneira como os estudos do bilinguismo envolvem a análise de questões sociais, psicológicas e nacionais (como o caso do galês e do flamengo), levando em conta o *status* social das diversas línguas e seu papel de identificar os falantes com um determinado grupo étnico (CRYSTAL, 1985, p. 38).

Diferentemente, o Dicionário Caldas Aulete Digital apresenta a definição de bilinguismo na modalidade “Verbetes atualizado”, fazendo referência ao bilinguismo como:

1. Domínio de duas línguas.
2. Coexistência de duas línguas em um país, comunidade etc., e seu uso regular pela sociedade, ou por parte dela (cada parte usando sua língua).

Já na modalidade “Verbetes original”, foi encontrada a definição de bilinguismo como:

1. Uso de duas línguas; qualidade de bilíngue.

No dicionário “online” Caldas Aulete Digital, percebeu-se uma breve definição do bilinguismo, sem aprofundamento ou explicações detalhadas, pois não é sua função como dicionário tradicional de fácil acesso, aprofundar-se sobre o uso de diferentes línguas por um

único sujeito. Assim sendo, observa-se que conceituar bilinguismo não é algo simples. O conceito tem sido citado de diferentes formas, pois esta é uma área que tem passado por “[...] transformações teóricas que evidenciam sua visibilidade e relevância cada vez maior em um mundo globalizado [...]” (NINCAO, 2008, p. 64). A cada instante, surgem notícias de chegada de imigrantes no Brasil e eles trazem consigo o uso de suas línguas maternas⁸.

Um grupo de migrantes foi estudado por Borstel (2011) em “Língua e cultura dos imigrantes Paraguaio em Guaíra”, o autor explicou que descendentes de primeira geração utilizam traços específicos de suas línguas de origem. Dessa maneira é preciso considerar que a língua de origem e o bilinguismo acontecem conforme certos fatores determinantes, tais como “[...] escolaridade, classe social, relações de trabalho, faixa etária, gênero, religião, política linguística, relações com línguas alóctones, atitudes em relação às línguas em contato entre outros [...]” (KRUG; HORST, 2015, p. 176). Esses fatores exerceram influência sobre o falante, determinando o uso linguístico.

Os estudos de línguas alóctones também abrangeram as comunidades que passaram por mudanças linguísticas a partir de uma situação de contato. Cabral e Rodrigues (2011) desenvolveram estudos na linha de pesquisa sobre a Língua ZO’É, uma língua que pertence ao sub-ramo IV da família linguística Tupi-Guarani. Esse grupo indígena desenvolveu um contato controlado com não índio, com domínio do português marcado por uma aprendizagem desenvolvida através do contato com funcionários de órgãos governamentais ou visitantes que ficavam pouco tempo no local. A política linguística da comunidade é de que os não índios de contato prolongado aprendam a falar bem a língua ZO’É, com o intuito de fortalecer a língua de origem do povo indígena. Mas depois de vivenciar a perda da língua nativa, no século XX, os agentes de órgãos governamentais não incentivaram o uso da LP entre os indígenas, portanto, o contato com a LP aconteceu apenas no período de convívio com agentes governamentais ou do não índio na comunidade.

De acordo com Cabral e Rodrigues (2011), foi realizado um estudo buscando evidências sobre as transformações ocorridas na língua ZO’É, e a partir da fala de não índios, pelo contato com falantes de línguas de filiações genéticas diferentes. Os dados da língua ZO’É foram levantados por meio de falantes não índios, somando seis pessoas, cinco falantes nativas da LP, sendo que três pessoas viveram com os ZO’É durante sete anos. Conforme os autores, os aprendizes do ZO’É cristalizaram usos da língua, que foram comparados a

⁸ Correspondem a línguas de origem. Silva (2011) estudou a situação sociolinguística da comunidade de imigrante alemã, localizada na região rural de Goiânia (GO). O grupo chegou no Brasil em 1924 e praticava, no passado, o uso da língua alemã naquela região.

mudanças ocorridas no decorrer da história de outras línguas da família Tupi-Guarani, ou seja, a aprendizagem tornou-se diferenciada, visível e comparável as mudanças de língua induzida pelo contato.

Estudos sobre mudanças na língua pelo contato com falantes de outra língua fortalece a ideia de que as línguas como o Guajá⁹ sofreram interferências de aprendizagem incorreta por falantes de outras línguas. E mesmo que os jovens tenham começado a ser fluentes no uso da LP, devido ao contato desenvolvido, não foi identificado bilinguismo na comunidade indígena ZO'É.

A cidade de Carambeí, localizada no estado do Paraná, no Sul do Brasil, vivenciou outra realidade. A cidade tipicamente holandesa tornou-se alvo de estudo a respeito do bilinguismo entre a LP e a língua holandesa. Os habitantes da cidade com fortes características físicas holandesas mantiveram, na cidade, traços holandeses em monumentos e na arquitetura da cidade. O grupo foi formado pela maioria de descendentes de holandeses, e os habitantes foram observados na região urbana e analisados no âmbito do comportamento linguístico em momentos de interação comum da população, como igrejas, escolas, cooperativas, festas e o meio familiar. Os habitantes foram analisados por meio da realização de questionário, entrevistas dirigidas a grupos definidos, além da observação a grandes grupos em eventos. A autora dividiu a área de pesquisa em domínios: o privado, na família (casa), e o público, na igreja (cultos), na Cooperativa e na Escola (FRAGA, 2011).

Conforme essa autora, concluiu-se que os falantes idosos são bilíngues em português e holandês, sendo que as idosas falam mais a língua holandesa. Os adultos bilíngues em holandês e português reservam o uso da língua holandesa para o uso com os idosos e a LP com os mais jovens. Os jovens reservam o uso da língua holandesa para com os mais velhos, quando falam, prevalecendo o uso da LP com os pais e irmãos. Em ambientes públicos, sobressaiu o uso da LP, mas na igreja manteve-se o uso da língua holandesa através dos cultos orais e publicações escritas, juntamente com a escola que promove o ensino dessa língua. Na área da igreja, a língua holandesa concorre com a LP nas interações verbais entre os idosos, entretanto, a língua holandesa tem sido usada por todos e aprendida pelas crianças em menor proporção na cidade. Assim, a LP foi se tornando língua usada na cidade.

Dessa maneira, Fraga (2011) concluiu que em ambiente privado a LP e a língua holandesa são usadas em conjunto, em grau de igualdade, porém o bilinguismo entre os mais

⁹ Os Guajá também denominados Awá são um povo indígena originário do baixo rio Tocantins no estado do Pará. Possivelmente formavam, junto aos Ka'apor, Tembé e Guajajara, um grupo maior da família linguística Tupi-Guarani da região (<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajá>).

jovens é baixo. Prevalecendo o uso da LP, assim a língua holandesa na cidade paranaense está ameaçada devido à diminuição de uso pelos mais jovens.

Braggio (2012) assume a postura conceitual sobre o indivíduo bilíngue, iniciada no século XX, que transita entre dois parâmetros, expondo a definição de sujeito bilíngue como aquele que vivenciou diferentes momentos linguísticos. A autora apresenta a definição do indivíduo que usa duas línguas no seu dia a dia, indo além do conhecimento, que usa as diferentes línguas em diversos momentos de interação social.

Dessa forma, o conceito discutido também por Maher (2007) engloba a diversidade de tipos de sujeitos bilíngues no mundo, principalmente considerando as múltiplas situações linguísticas.

1.2.1 O sujeito bilíngue

O bilinguismo tem sido estudado por diferentes esferas do conhecimento, como Psicologia, Sociologia, Educação e a Linguística, situação que expõe a complexidade da temática e propõe a presença do sujeito bilíngue. Para falar do indivíduo bilíngue, Bernieri (2017) cita Mackey (1972), mencionando a amplitude do conceito, que está interligada à arbitrariedade do tema. Entretanto, a autora ressalta que o sujeito bilíngue, em sua prática linguística, assume características diferenciadas quanto ao grau de domínio linguístico das 4 habilidades, a função de uso das línguas em diversas situações, como ocorre a alternância entre uma língua e outra e a extensão de seu uso.

No âmbito do domínio linguístico, Megale (2005) cita MacKey (1972) para dizer que deve ser considerado o grau de proficiência do bilíngue e que esse domínio se diferencia quanto às habilidades, podendo o bilíngue possuir considerável vocabulário, mas desenvolver uma pronúncia limitada. Assim sendo, a função do uso linguístico está relacionada à situação de uso, à alternância vinculada, à frequência e às condições das práticas linguísticas.

Desse modo, o sujeito bilíngue pode ser entendido a partir do uso das línguas de domínio, um uso realizado para diferentes objetivos, com domínio linguístico diferenciado de uma língua para outra, podendo haver competência em uma língua em determinada área e ausência do mesmo domínio em outra língua. Portanto, faz-se necessário, no momento, reconhecer o sujeito bilíngue como sujeito de práticas linguísticas próprias.

Assim, retomando Maher (2007), percebe-se que, ao falar do sujeito bilíngue,

O que importa frisar é que existem vários tipos de sujeitos bilíngues no mundo, porque o bilinguismo é um fenômeno multidimensional. Somente uma definição suficientemente ampla poderá abarcar todos os tipos existentes. E, talvez, esta fosse suficiente: o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua (MAHER, 2007, p. 79).

A realidade de uso de mais de uma língua assumiu como fundamento a imigração, fenômeno existente em vários locais e, assim, tornou-se comum no contexto da atualidade, passando a ser reconhecida pelos estudiosos como causa de novas reflexões sobre o uso de mais de uma língua na mesma região, sobre a prática do bilinguismo (MAHER, 2007). Entretanto, a competência linguística do sujeito bilíngue precisa ser considerada a partir das funções que ambas as línguas desempenham, pois sua carga linguística pode ser distribuída nas duas línguas de uso (MAHER, 2007).

Portanto, o reconhecimento da diversidade de línguas não é um fato novo no ramo dos estudos de línguas. Nincao (2008) especifica que o mundo é plurilíngue, sendo assim, as comunidades linguísticas não podem ser vistas isoladamente, pois as línguas interagem entre si constituindo um ponto de encontro: o sujeito bilíngue (CALVET, 2002). É nesse patamar de riqueza linguística que está localizada a realidade da imigração, da interação de diferentes povos, línguas, da iniciada visão do mundo globalizado (NINCAO, 2008).

Ainda na perspectiva da interação de povos e línguas, Altenhofen (2008), ao falar de variedades de contato, explicou que a relação entre línguas se define primeiramente no contato pessoal do sujeito, a partir do falar linguístico individual, ato definido como *Idioleto*. Segundo Labov (2008 apud Bloch, 1948), *idioleto* diz respeito à fala de um sujeito sobre um assunto, para a mesma pessoa por um determinado tempo, ou seja, trata-se do uso linguístico direcionado para a mesma pessoa durante certo período.

Desse modo, o sujeito bilíngue é marcado pela competência linguística, a partir da funcionalidade das línguas de sua atuação. Essa atuação se distribui entre as línguas de seu uso. Portanto, não se molda ao sujeito bilíngue uma avaliação apenas a partir do uso de uma só língua de seu domínio, pois falar da realidade linguística é falar da existência de diferentes línguas, mesmo em uma só localidade (GONÇALVES, 2009). Entretanto, segundo Bernieri (2017), quando a ênfase está voltada para o aspecto social do uso da língua na sociedade, a variedade está distribuída com características em comum e, dessa forma, denomina-se *Socioleto*.

De acordo com Mello (1999), são muitos os motivos que levam uma nação a usar duas ou mais línguas constantemente, por isso é motivo relevante na constituição do fenômeno do

bilinguismo o processo migratório, pois é um fato gerador do contato entre pessoas que usam diferentes línguas e costumes. A autora explica que

Vários tipos de bi ou multilinguismo surgem: alguns grupos aprendem a língua da região como o caso das famílias de imigrantes que não têm alternativa para adaptar-se a nova nação; outros impõem a sua própria língua como no caso das conquistas e invasões (MELLO, 1999, p. 34).

O uso de mais de uma língua inicia-se na aprendizagem de uma língua que ocorre pelo ouvir, apreender e pelo falar a língua do outro. E essa realidade da imigração no contexto brasileiro tem sido foco de estudos, gerando assim novas reflexões sobre o bilinguismo (MAHER, 2007). Isso mostra a relevância e importância do tema do bilinguismo e do sujeito bilíngue no atual cenário do mundo, de plurilinguismo (Calvet, 2002). Portanto, é necessário observar que o sujeito bilíngue não pode ser submetido a um conceito de bilinguismo descompromissado com sua realidade, com sua experiência e contexto de vida comunitária. Dessa forma, Nincao (2008) explica:

São muitas as representações sobre o “sujeito bilíngue”, representações essas oriundas dos conceitos (e preconceitos) advindos dos estudos sobre o bilinguismo. Tanto o bilinguismo individual, como o social, foi tratado, na literatura por uma visão idealizada que foi responsável pela circulação de mitos em torno de um bilíngue ideal [...]. (NINCAO, 2008, p. 65.)

A visão do bilíngue ideal não cabe mais na realidade do mundo globalizado, pois a realidade é de movimentação dos povos de um lugar para outro, transportando a língua materna para novas realidades de vida e vivenciando novos contextos.

Assim, o entendimento do monolinguismo como padrão perde força, fazendo ressurgir o conceito da pluralidade linguística como nova realidade (CAVALCANTI, 1999). Ocorrendo o entendimento contrário à ideia do bilinguismo como um problema social, mas, [...] fixando o conhecimento de que as competências dos sujeitos bilíngues não são estáveis[...] (MAHER, 1997, p. 23). Nesse sentido, o sujeito bilíngue não assume a posição de sujeito estático, formal, mas de sujeito em contexto de ação e interação linguística, assim, a ideia do sujeito bilíngue perfeito não subsiste (MAHER, 2007).

Dessa forma, é fato que o sujeito bilíngue está inserido na esfera do uso linguístico do seu meio social e da formação escolar da sua comunidade. Portanto, seu meio de convívio é marcado pelo uso de mais de uma língua, da LM e da língua de convívio de sua comunidade. E para a língua das sociedades dominantes, de uso do falante bilíngue é atribuída a

classificação de língua majoritária ou de prestígio, a qual tem sido de responsabilidade da escola.

Altenhofen (2008), em seu estudo denominado “Os Contatos Linguísticos e seu papel na realização do Português falado no sul do Brasil”, explica que as diferenças linguísticas entre indivíduos foram perceptíveis nas comunidades locais, mas essa realidade modificou-se e as variedades linguísticas tornaram-se entranhadas no meio comunitário. Para ele, o autor, as diferenças linguísticas não sobressaem mais como antes, devido à complexidade dos contextos de contatos linguísticos e do plurilinguismo (ALTENHOFEN, 2008, p.129). O autor denominou de variedades de contextos a diversidade de contato entre as comunidades que desenvolvem intensa mobilidade e interação entre falantes. Dessa maneira, definiram-se seis tipos de contato linguístico, sendo o primeiro contato entre o português e línguas autóctones (indígenas). E para a língua das sociedades dominantes, de usos do falante bilíngue (como a LP) foi atribuída a classificação de língua majoritária ou de prestígio, a qual tem sido de responsabilidade da escola.

Altenhofen (2008) retoma Romaine (2005) ao especificar que os contextos e as formas de aquisição de uma ou duas línguas pelo sujeito (bilíngue) se diferenciam entre si, ou seja, uma pode ser adquirida primeira ou podem ser adquiridas simultaneamente, visto que tanto o contexto e a forma de aquisição são mutáveis.

A nova realidade mundial social traz não só para a escola, mas para a sociedade, o falante de língua materna denominado de povos originários, indígenas, que estão se deslocando para o contexto urbano (URQUIZA; VIEIRA, 2012) e que, por fim, nomeiam a língua materna de definidas sociedades, povos, como línguas minoritárias (MAHER, 2007), mas também apresentada por Silva (2011) como língua minorizada.

Desta maneira, as línguas foram classificadas e o bilinguismo individual, social, conforme Nincao (2008, p. 65), [...] foi tratado, na literatura por uma visão idealizada, em que um indivíduo bilíngue poderia ser igualmente competente em duas línguas até de forma perfeita. Entretanto, essa competência de uso de duas línguas não corresponde ao ato de interação do sujeito bilíngue com a língua diferente da língua materna. Na medida em que o sujeito bilíngue interage com a sociedade por meio do uso de duas línguas pertencentes ao seu repertório linguístico diário, ele conhece, domina as duas línguas e interage em diferentes momentos, mediante o uso e seus recursos linguísticos (BRAGGIO, 2012).

Maher (2007) provoca uma nova reflexão sobre o sujeito, diferenciando o sujeito bilíngue real do utópico, bilíngue real, diante do sujeito imaginário. A autora explica que

O bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exhibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas” (MAHER, 2007, p. 73).

O falante de mais de uma língua, o sujeito bilíngue, foi classificado como bilíngue de *verdade* por Maher (2007, p. 73), quando possui em seu repertório linguístico o que lhe é real, prático e verdadeiro, tendo por base o uso cotidiano das línguas ao seu alcance. Dessa forma, ele possui e deixa suas marcas no modo de uso linguístico, nas suas particularidades do ambiente e em suas próprias características de uso linguístico. Uma realidade que desfaz a utopia das marcas de perfeição de uso de mais de uma língua e apresenta um uso linguístico em que o sujeito bilíngue transita, dominando seu repertório linguístico, conforme suas necessidades, sendo marcado por suas particularidades. Ao falar do multilinguismo na sociedade, Mello (1999) cita Mackey (1972) para dizer que se deve considerar o que vai para além das fronteiras linguísticas e que favoreça a compreensão do contato entre várias línguas em uma sociedade. Assim, para entender o multilinguismo é necessário ir além da linguagem, entrar na dimensão de Ciências como a Psicologia, Sociologia, Etnografia e outras.

Existem países que possuem várias línguas em uso em seu território, constituindo-se assim bi ou multilíngue, entretanto, alguns com uso de mais de duas línguas, são vistos como monolíngues. É fato que no mundo inteiro ocorre o bi-multilinguismo, mas não é a oficialização de várias línguas que torna um país multilíngue, pois países como a África, Nigéria e outros possuem várias línguas oficiais, mas seus falantes não são necessariamente multilíngues. Uma nação multilíngue não faz um indivíduo multilíngue, pois não é a oficialização de uma, duas ou mais línguas que define uma política bi-multilíngue, pois o comum é o grupo menor aprender a língua majoritária para sobrevivência social (MELLO, 1999).

A questão sobre a Identidade do sujeito bilíngue, sua conceituação, a complexidade que envolve o tema passaram a ser assunto apresentado no item a seguir.

1.2.2 A Identidade do sujeito bilíngue

Conceituar identidade aparenta ser um ato simples, pois diante da necessidade de identificação, da indagação sobre a identidade, a resposta é direta e adequada as

circunstâncias, assim o sujeito apresenta respostas como “sou brasileiro”, “sou professor” e outras respostas disponibilizadas com o sentido de positividade, autonomia, e que por vezes pode ter como base a individualidade, a autossuficiência, valores pessoais. E até mesmo uma diretriz que permite uma resposta baseada na diferença, como por exemplo: “ela é italiana”, “ela é mulher”, etc. Assim a diferença deriva da identidade e a identidade é referência no reconhecimento do indivíduo. Dessa maneira, diz-se que identidade e diferença têm origem social e cultural (SILVA, 2000).

Para Hall (2006) o tema identidade tornou-se um assunto amplamente debatido, constituindo-se de interesse da Teoria Social. No movimento da constituição do ser humano, a ideia da velha identidade deslocou-se e a ideia do sujeito unificado deu lugar a nova identidade, de um sujeito moderno, que se apresentou como fragmentado, multifacetado.

Assim o que foi denominado crise da identidade gerou profundas mudanças em conceitos estabelecidos como fixos, devido a constituição do tema e seu processo de deslocamento, assumindo a característica de ampla complexidade, tornando-se um assunto aberto a discussões e novas apresentações. Na perspectiva do conceito sobre identidade, historicamente, o sujeito apresentou-se pertencente ao Iluminismo, como ser sociológico e pós-moderno, de concepção humana, individualista, representado pela figura masculina. Como ser sociológico, o sujeito ficou vinculado à sua interação social, definindo a identidade a partir do outro, essa realidade está mudando, pois, o sujeito passou a ser fragmentado, possuindo várias identidades. Desta maneira a identidade vinculada a interação passa por transformações como resultados de mudanças estruturais e institucionais presentes ao redor do indivíduo.

E este novo contexto torna explícito o sujeito pós-moderno, em que a identidade se define como móvel, determinada pelos sistemas culturais presentes no meio de convívio. O sujeito passa a ter diferentes identidades, em diferentes situações de convívio (HALL, 2006). Segundo o autor a pesquisa da área não permite posicionamentos teóricos definitivos sobre o tema, entretanto pode ser estudado a partir de reflexões como a identidade moderna. Uma perspectiva que tem por base as transformações que ocorreram na sociedade moderna, a partir do final do século XX, a perspectiva da sociedade moderna remete a mudanças constantes, a variedades de sujeitos e identidades, com bases articuladas e estruturas abertas a interação e ao movimento social (HALL, 2006, p. 17). A identidade moderna, vista pela ótica da desagregação dá lugar ao deslocamento surgido pelo discurso do conhecimento moderno, a psicanálise dá ênfase a identidade como um processo em andamento, em construção, à partir de uma lacuna preenchida pela participação do outro sujeito. Para Hall (2006) a questão da

identidade também se faz presente na Linguística, mas, a partir da analogia entre língua e identidade quando o sujeito se reconhece na interação com o outro.

Entretanto a partir do conceito de identidade cultural e nacional, definem-se como natas e não formadas, e a cultura, nacional, com sentido de nação produz o sentido identificação que culmina no conceito de identidade dividida entre o passado e presente. A identidade nacional está em deslocamento cedendo espaço para novas identidades, híbridas. Sendo a identidade fortalecida pela reação defensiva quando ameaçada por outro grupo, e em torno do tema “nação” está a criação de identidades nacionais. Desta maneira identificou-se a extensão e complexidade do tema identidade (HALL, 2006).

Liberti (2007) ao falar de identidade e a vivência dos indígenas Kaiwá, explica que a identidade vinculada à cultura trata de dois sujeitos, um sujeito individual e um coletivo. O individual é um ser específico, indígena, um ser homem, e o sujeito coletivo é um conceito. Um ser que utiliza estratégias das escolhas, fatores determinantes da identidade individual, diferenciando-se da identidade coletiva, que se abastece da imposição, da ordem, afirmação, determinação sobre o que está ao seu redor. No primeiro, o índio apresenta um comportamento universal, marcado pela presença do outro, o segundo desenvolve uma conduta dirigida pela norma. Conforma a autora a identidade está vinculada as relações, sendo remetidas a papéis sociais, sendo o contato intercultural a impressora de valores étnicos, sociais e políticos no índio. Um processo que se define numa via de mão dupla, em que há reciprocidade entre sujeitos (LIBERTI, 2007, p. 103, 104).

Krug e Horst (2015 ao falar de identidade, apresentam as comunidades étnicas como ambiente de uso de suas próprias línguas, que vivenciam contato com a Língua Portuguesa e se deparam com a situação de manter a tradição linguística da sua etnia ou experimentar a renovação de hábitos, de certa forma imposta pela comunidade dominante. Entretanto, muitos aspectos exercem importância sobre esse dilema de manter a tradição linguística ou experimentar uma nova realidade e um desses pontos relevantes na resolução desse dilema é a identidade étnica (KRUG; HORST, 2015).

Para os autores, a língua é um dos elementos determinantes na constituição da identidade e etnicidade de uma comunidade, dentre outros elementos como escolaridade, gênero, faixa etária, etc. O interesse de conhecer a influência da língua na formação da identidade, expõe que quanto maior o valor atribuído a língua, mais expressiva é sua influência na formação da identidade e assim torna-se significativo o uso e preservação da língua de origem. Portanto, diferentes fatores estão incluídos na questão da construção da

identidade, fatores como as relações desenvolvidas com comunidades de contato dos sujeitos bilíngues.

Para Krug e Horst (2015), a língua e a etnicidade exercem poder na formação da identidade do falante de uma língua. Assim, os autores reconhecem que as comunidades que perderam suas línguas mantiveram ícones culturais como marcadores de identidade da etnia. E são exemplos de ícones, as danças típicas e os trajes do grupo étnico, portanto, a identidade não nasce no indivíduo, mas é um processo individual, construtivo, é subjetivo, dinâmico, e se constitui a partir da vivência do sujeito, de suas experiências de vida, com a comunidade de convívio e com a sociedade. Ao citar Brandão (1986), os autores dizem que o povo que muda para área urbana de grandes centros, como MS, perde seus costumes diante da nova realidade de vida e no contato com a língua majoritária, pois o povo instalado na nova área se depara com a língua de prestígio. Krug e Horst (2015), explicam que o prestígio e o valor de mercado da língua favorecem a construção da identidade positiva, de um indivíduo. Desta forma, para eles, a língua se define como um dos fatores de influência na construção da identidade, mas não se constitui como elemento relevante nessa construção.

Ao falar sobre identidade, Maher (1998) volta seu olhar para o contexto indígena, sua principal área de pesquisa. Ela explica que as línguas autóctones foram carregadas da simbologia tradicional de indianidade, entretanto professores índios do Acre e do Amazonas utilizaram em seus discursos a LP de forma específica para construção e sinalização de indianidade, apropriando-se e utilizando o português como marcador de identidade indígena. A essa prática discursiva marcada de indianidade, a autora denominou de *Português índio*, desenvolvida por um grupo diversificado de indígenas que pertencem ao projeto CPI-Ac. Para a autora, identidade não é resultado de sensação, sentimento interno ou nato, assim como raça e cultura não receberam significado de indianidade, pois as designações assumiram outros valores. O primeiro termo foi abandonado pela Antropologia e a cultura assumiu a posição de produto.

Diante de expressividade das línguas indígenas no Brasil, tornou-se relevante a questão da identidade indígena. É importante reconhecer que a identidade indígena não tem significado como sentimento, fator sensação do sujeito, em outras palavras, o sujeito indígena não é índio por ter sensação de ser índio. Maher (1998) explica:

A questão da identidade indígena, o “ser índio”, remete, isto sim, a uma construção permanentemente (re)feita a depender da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre o índio e outros sujeitos sociais e étnicos: tal construção busca a) determinar especificidades que estabeleçam “fronteiras identificatórias” entre ele e um outro e/ou b) obter o

reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence, da legitimidade de sua pertinência a ele (MAHER,1998,p. 17).

A identidade indígena é o resultado de uma ação social, temporal entre sujeitos que ocupam espaços entre si, por vezes visíveis e, tornam-se reconhecidos em seus grupos. É no contato com o outro que o índio se determina como sujeito índio, portanto identidade é um fazer socio-histórico, marcado por vários fatores como o político, ideológico e experimental de constante mudança.

Quando o sujeito indígena se sente ameaçado em sua identidade, ele traça procedimentos como uso da língua de origem, práticas de comportamentos específicos da etnia, e até uso de hábitos alimentares da etnia, para permanência da sua identidade, se apropriando de elementos que fortalecem suas características indígenas, como exemplo Maher (1998) apresentou o quadro de interação indígena. Segundo a autora foi o momento em que os povos indígenas desenvolveram o uso da língua portuguesa anexando a esse uso suas marcas linguísticas próprias, tendo como ponto de partida deste fato, povos que deixaram a prática linguística materna. Ao retomar Maher (2016), apreende sobre os povos Apurinã, povos que deixaram a língua de origem e em sinal de resistência a perda da identidade, transferem para o discurso, no uso da Língua Portuguesa, traços específicos da sua etnia.

Nessa perspectiva, Maher (2016) apresentou povos indígenas que desenvolveram estratégias de preservação da identidade por meio do discurso, utilizando a língua dominante, mas, abastecida de traços linguísticos que mantiveram a identidade indígena ativa. Dessa maneira, para o indígena, a língua portuguesa não é emprestada do não índio, ou constitui uma apropriação, pois muitos já têm a LP como língua materna (NINCAO, 2003, 2008), tornando-se um meio de construção e preservação de identidade indígena. Ao retomar Maher (2016), compreende-se a realidade do indígena em contexto urbano, um fato que pareceu novo, mas que existe desde quando as cidades adentraram para as terras indígenas. O tema *ser índio urbano* e suas consequências é resultado da pesquisa da autora, realizada no Acre. Uma pesquisa que evidenciou o contraste entre o conceito tradicional de ser índio e as transformações vividas na contemporaneidade.

A realidade do índio inserido na sociedade urbana, apresentando características de não índio e usando a língua portuguesa no seu dia a dia, levantou a visão de que ele poderia estar perdendo sua *identidade cultural*. No que diz respeito aos indígenas, eles estiveram atados por muito tempo aos seus costumes ancestrais, até mesmo ao uso recorrente da Língua Portuguesa como língua franca ou para alguns como LM. E isso levantou a ideia da interligação entre

identidade e língua. Segundo a autora, faz-se necessária a tomada de consciência de que identidade étnica resiste à perda da língua de origem, pois a identidade cultural indígena é constantemente construída (MAHER, 2016).

As noções e os conceitos de bilinguismo, sujeito bilíngue, diglossia e alternância de código permitem compreender que na atualidade, o bilinguismo faz parte da vida do indivíduo contemporâneo, pela realidade da transposição das fronteiras geográficas e linguísticas no mundo. Dessa maneira, não há uma definição simplória que explica o bilinguismo praticado nas diversas comunidades existentes no Brasil e no mundo inteiro, pois o bilinguismo abrange muito mais que falar mais de duas línguas, trata-se mais do que o domínio linguístico de duas línguas e, assim o sujeito bilíngue não pode ser reconhecido apenas como falante de duas ou mais línguas (MAHER, 1999).

No contexto de presença de mais de uma língua em uso, a alternância de códigos, em inglês *code-switching*, representa a manifestação de domínio das duas línguas, uma ação que abrange além da estratégia conversacional, a capacidade de articular o uso de duas línguas para alcançar um objetivo conversacional durante uma interação pessoal ou comunitária.

A presença de uma ou mais línguas no âmbito social, convivendo lado a lado, pode provocar a diglossia entre as línguas daquela sociedade, assunto que é apresentado no item a seguir.

1.3 O termo Diglossia e seu processo entre a língua Terena e Portuguesa

Para apresentar a convivência de duas línguas diferentes no mesmo espaço, Calvet (2002) retoma o conceito histórico de diglossia apresentado por Ferguson (1959) sobre a variedade linguística baixa e alta presentes em contexto comum de falantes. Na *variedade alta*, a língua é usada em momentos de privilégios oficiais, como o uso em lugares públicos, universidades, igrejas sendo também padronizada, ensinada na escola. Mas a língua classificada como *variedade baixa* é de uso em contexto comum, como o ambiente familiar e na literatura popular, ocorrendo o ensino em contexto do dia a dia. Sendo assim, Calvet (2002) explica o fenômeno da diglossia, apresentado por Ferguson (1959) como:

[...] uma situação linguística relativamente estável, na qual, além das formas dialetais de uma língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais) existe uma variedade superposta muito divergente, altamente codificada (quase sempre gramaticalmente mais complexa) veiculando um conjunto de literatura escrita vasta e respeitada [...] (CALVET, 2002, p. 60).

A definição do autor expõe a relação de formas dialetais que no uso de uma mesma língua, há uma variedade que sobressai, altamente codificada, a partir do uso estabelecido em determinados eventos.

A diglossia define-se como um fenômeno que acontece no convívio de comunidades bilíngues, a partir da relação de uso de duas línguas, sendo uma língua majoritária e outra minoritária, que fazem a opção pelo uso de uma mesma língua em situações sociais diferentes. E ao que se chamou inicialmente de línguas em contato, assumiu a realidade de conflito linguístico.

Bernieri (2017) cita Ferguson (1974) para explicar diglossia como um fato desenvolvido na mesma língua (da fala e escrita), que vai além do dialeto primário, para uma forma sobreposta que não pertence ao uso comum. A autora fala sobre diglossia como variedade de uma língua presente no mesmo local, diferenciada em variedade H (High status) e variedade L (Low status), em que são expostas as relações de status e prestígio de variedades presentes no mesmo contexto social, definidas como variedade majoritária e minoritária. Esse conceito foi ampliado por Fishman (1967) para dialetos diferenciados entre si, de línguas diferentes estabelecidas na mesma localidade.

Dessa forma, são apresentadas as relações entre as variáveis com base em Fishman (1967), sendo que, na primeira relação, os indivíduos utilizam as variedades alta e baixa para funções determinadas. E na diglossia sem bilinguismo, as duas línguas se fazem presente no mesmo espaço, mas cada grupo utiliza uma variedade diferente da outra. A terceira relação se define a partir do bilinguismo sem diglossia, quando o bilinguismo se estabelece com maior ênfase na comunidade e o uso não se restringe a funções determinadas pelo sujeito. E a última relação ocorre quando não há bilinguismo e nem diglossia, a extinção se estabeleceu a partir da mudança e desaparecimento de línguas antes definidas na comunidade (BERNIERE, 2017).

Conforme Franceschini (2011), os grandes conflitos delimitados no período da colonização desencadearam-se, além do extermínio de povos, o extermínio de línguas, tornando-se um conflito diglósico (FRANCESCHINI, 2011). Após a fase de intensas críticas, o processo de diglossia recebeu novos posicionamentos teóricos. Conforme NINCAO (2008) a partir da:

“contraposição à idéia de línguas em contato pela de línguas em conflito. Esses autores afirmam que “sociolinguistas catalães passaram a conceber o conflito linguístico como constitutivo da dinâmica social” (ibid, ibidem).

Conforme Hamel e Sierra (op. cit.) do ponto de vista político-ideológico, esse conflito pode resultar em deslocamento lingüístico com substituição da língua deslocada pela de maior prestígio (HAMEL e SIERRA, 1983, p. 96 apud NINCAO, 2008, p.67).

A esse respeito, também, Maher (1997) afirma que houve uma mudança de visão de estudiosos nativos como um fenômeno de pressão sobre as línguas de menos prestígio, para a perspectiva dos estudiosos europeus que a classificam como parte do social do uso da linguagem. Assim, traçou-se uma nova linha de conceito e, nesse sentido, Maher (1997) explica que

[...] europeus, por outro lado, concebendo o conflito como parte constitutiva da dinâmica social, argumentavam que, em situações diglössicas, não existe apenas uma diferenciação funcional, aparentemente neutra, entre as línguas, pois o que está em jogo é que a cada função corresponde uma valoração social diferenciada. (MAHER, 1997, p. 21)

A partir desse entendimento, a autora argumenta que foi proposto que a relação diglössica não fosse mais pensada como uma relação de contato estável entre uma língua alta e uma baixa, mas sim como uma relação de conflito não estável, assimétrica, entre uma língua dominante e outra dominada. Dessa maneira, o processo diglössico se refere, em última instância, a um jogo de ocupação linguística (MAHER, 1997).

Diferentemente, Bassani (2015) apresenta a diglossia como um fenômeno de especialização funcional que se desenvolve diferentemente nos contextos de interação. Nos ambientes de intimidades, como em casa, acontece uma interação pessoal e nos lugares oficiais, se apresenta diferentemente, adequado a interação do momento.

Mello (1999) retoma Ferguson (1964), para falar da necessidade do falante escolher a variedade linguística adequada a sua interação, para não sofrer as consequências de um uso linguístico inadequado. Desse modo, a diglossia passou a ser relacionada ao nível sociocultural, pois o fenômeno assumiu a posição de possuir duas línguas em contato ou duas variedades sendo usadas em momentos diferentes, uma realidade que expandiu o seu conceito. A partir desse momento, foram incluídas todas as diferentes formas de fala e de variedade de línguas, entretanto, essa relação não se define de forma harmoniosa como aparenta ser. A autora prossegue dizendo que a escolha linguística do falante pode ser resposta a sua interação social ou ao mundo emocional.

A relação entre os indivíduos pode definir a produção linguística do falante, pois a competência se concretiza na capacidade do sujeito de se fazer ouvir. Desta forma, a língua

passa a ser instrumento de poder, de se fazer ouvir, de ser respeitado, obedecido, é a linguagem verdadeira, abastecida de autoridade. O sujeito negocia a língua, pois não é estática, muda de acordo com o contexto, vinculada à interação social, assim a competência linguística adquire seu valor na relação com o mercado linguístico, que não segue um único padrão, mas se define na relação, interação com outro, ocorrendo assim as trocas linguísticas apresentadas por Bourdieu (1983).

Ao falar de linguística e competência, o autor especifica que a linguagem não se limita a função da comunicação, Bourdieu (1983) explica que [...] “A linguagem é uma praxis: ela é feita para ser falada, isto é, utilizada nas estratégias que recebem todas as funções práticas possíveis e não simplesmente as funções de comunicação. Ela é feita para ser falada adequadamente” Bourdieu (1983, p. 2). A linguagem pertence ao falante, ao exercício da fala conforme a exigência da prática de uso.

Ainda em Bourdieu (2008), a língua foi relacionada ao poder simbólico pertencente à esfera da invisibilidade, lugar em que o sujeito, por vezes, ignora sua participação e atuação. Na esfera da invisibilidade, do universo social simbólico, a língua assume padrão de instrumento de conhecimento, meio de construção do mundo (BOURDIEU, 2008, p. 8). Portanto, é importante considerar que o falante valoriza sua língua a partir da sua relação com a língua na comunidade de convívio. Sendo assim, a relação de distanciamento da sua língua parte da negação de uso dessa língua na comunidade, uma atitude que enfraquece o uso da língua de origem do povo. Assim o uso linguístico do sujeito assume importância na sua representação, pois a língua, seja de origem ou adquirida, transcende a ocupação de instrumento de comunicação, e atinge o nível de meio de exercício de poder, na busca de reconhecimento e de respeito do outro (BOURDIEU, 1977). Tal entendimento esclarece que as escolhas linguísticas assumidas pelo sujeito falante, pode oscilar entre exercer poder e outras vezes expressar distanciamento. Sua opção linguística fica entre o exercício de poder, de domínio e a representação social assumida, marcada pelo distanciamento, desvalorização da língua de origem, expondo nitidamente o conflito diglótico assumido pelo uso linguístico desenvolvido em sua comunidade.

Portanto, a diglossia está vinculada a questões como o padrão de uso, status, modo e prestígio adquirido, estabelecendo, assim, uma forma padrão de uso linguístico na comunidade. Porém, tem sido apontada, muitas vezes, como um fenômeno que revela conflitos.

A trajetória histórica conceitual de diglossia foi construída a partir do contato entre línguas, da realidade linguística de diferentes povos, tendo como ponto comum a presença de

mais de uma língua em um só ambiente e, inicialmente, foi classificada como uma “dualidade funcional estável” (MAHER, 1997, p. 21). Esse processo conceitual foi construído tendo por base o contato, entretanto, definiu-se uma nova perspectiva para a relação entre as línguas presentes no mesmo local, por serem díspares entre si (MAHER, 1997, p. 21).

Essa concepção deixa transparecer que as duas línguas não se encontram mais no mesmo nível, mas em lugares de conflito, desenvolvendo um embate de valor real e de uso competitivo. Nesse jogo de forças, vence a de maior prestígio, até que novas estratégias de valorização da língua desprestigiada sejam levantadas diante do choque de dominação linguísticas.

Nessa direção, na realidade brasileira, a língua portuguesa, historicamente construída como de prestígio, foi definida como língua nacional e tem sido base e fundamento para as diversas produções linguísticas no país (MAHER, 1997). Assim, ela tem ocupado o espaço de domínio e destaque e as línguas minoritárias passam a ocupar o lugar de dominadas pela língua dominante. O reconhecimento desse jogo de posições e valor permite considerar que o conflito diglótico afeta todas as áreas sociais, isto é, áreas que envolvem o falante (MAHER, 1997, p. 20-22).

1.4 A Alternância de Código

A realidade de contextos bilíngues se define em resultado de povos que saem de suas terras à procura de novas oportunidades e passam a conviver com outros povos (ROMAINE, 1995). Dessa forma, o falante, ao se deparar com mais de uma língua e um contexto que permite escolhas linguísticas, alterna as línguas que pertencem a seu meio de convívio e que fazem parte do seu repertório linguístico.

A esse fenômeno linguístico Calvet (2002) chamou de Alternância de Código, em inglês *code switching*, uma mudança que ocorre no meio da frase ou no intervalo de uma frase para outra. A inserção de elementos linguísticos diferentes no discurso em desenvolvimento expõe a realidade em que vive o falante de línguas em contato, definindo uma mistura de línguas faladas pelo locutor. A inserção do elemento linguístico na frase ou no discurso nem sempre vai representar uma estratégia comunicativa (CALVET, 2002, p. 40), podendo servir como um apoio à intenção da interação e ao que está sendo dito.

A presença do bilinguismo em uma comunidade favorece o desenvolvimento de atitudes linguísticas, como *code-mixing* ou *code-switching* (BERNIERI, 2017). A autora cita Thomason (2001) ao conceituar *code-mixing* e *code-switching*. O primeiro diz respeito a

mudança intrassentencial, que ocorre no interior da sentença e a seguinte se estabelece pelo uso de duas línguas, pelo falante da mesma língua. Mas, apenas o *code-switching* está relacionado à diglossia, portanto *code-switching* recebe foco nesta pesquisa e compõem este item. Bernieri (2017) explica:

[...] Code-Switching é o processo de troca entre uma língua e outra, em eventos diferentes de fala, ou estágios estruturalmente identificáveis. Estas estratégias são habilidades intelectuais que requerem competência bilíngue. Acontece quando duas línguas entram em contato pelo mesmo falante. É um mecanismo estruturado em condicionamentos lexicais, sintáticos, sociais e psicossociais [...] (BERNIERI, 2017, p. 59)

O *code-switching*, também chamado de alternância de código, ocorre com a utilização de duas línguas de forma alternada, no mesmo discurso por um falante em interação com um receptor ou uma comunidade. Um aspecto da linguagem que põe em contato duas línguas distintas, um ato entendido no passado como falta de capacidade e que recebeu atualmente o entendimento diferenciado baseado em novos estudos desenvolvidos na área. O *code-switching* trata da questão de domínio de diferentes línguas, com o mesmo propósito, desenvolvido na interação do sujeito e receptor da fala (BERNIERI, 2017, p. 60).

A Alternância de Código se estende à atitude de articulação de sentido do discurso, Calvet (2002) associa essa mudança de línguas à função, intenção do falante, classificando essa habilidade como uma estratégia linguística, isto é, um meio facilitador utilizado pelo falante para alcançar o propósito da conversação. Ele exemplifica a alternância de línguas como uma negociação de línguas, ou, dizendo de outra maneira, como uma estratégia utilizada no momento do uso das línguas, fixando um jogo de uso linguístico até que se chegue ao acordo de qual língua usar no momento. Ao ser solicitado o uso de uma língua, o receptor avalia, faz a escolha e a utiliza de forma satisfatória e então atende ao pedido do falante emissor, ou ocorrerá outro lado da negociação, a negação. Nessa fase, o diálogo desenvolve-se na alternância das línguas e, em desacordo, os falantes travam uma discussão em que um fala a língua do outro, e ambos buscam provar suas habilidades linguísticas. Nessa guerra linguística, sai na frente quem faz a devida escolha, pois, diante do uso de duas línguas, na alternância de código estão embutidas diferentes funções. Portanto, esse transitar de uma língua a outra, pode ser abastecido de significado social, emocional (CALVET, 2002).

Segundo Porto (2007), a alternância de código define-se como recurso do bilíngue composto pela mistura de línguas na formação dos enunciados, esta é uma estratégia comum nas comunidades bilíngues. Porto (2007) em sua obra “Os estudos sociolinguísticos sobre o

code-switching: uma revisão bibliográfica” apresenta a Alternância de código iniciada em Gumperz (1982), que definiu o fenômeno como uma sobreposição de estruturas linguísticas diferenciadas entre si. Ao retomar Romaine (1989), entende-se que todo grupo bilíngue lança mão da estratégia de alternância de código, para Appel e Muysken, (1987) o fenômeno é parte central da comunicação e conforme Franceschini (1998) o fenômeno se desenvolve em diferentes contextos. A autora explica que o fenômeno não é reconhecido como falta de competência linguística, mas é composto de motivações e funções, entretanto, permite limitações gramaticais, definindo a relação social explícita no ambiente selecionado.

O fenômeno inicialmente foi definido como abordagem tradicional, voltada para a tipologia funcional, com a organização baseada em diferentes funções como citações, especificações, qualificação de mensagem e outros. Os autores Appel e Muysken (1987) defendem a presença de fatores como diretiva, expressiva, metalinguística, etc. De forma atualizada Koziol, (2000) propõe funções como personalização, falta de tradução adequada e outros. E Richardson (2000) apresentou o último levantamento com propostas como marcação de ironia, função enfática, expressão de autoridade, etc. Em seguida, definiu-se a abordagem interacional, quando ocorrem as marcas das intenções do bilíngue. E uma nova direção tem sido almejada para ser anexada ao fenômeno, Auer (1984), que baseado em Gumperz (1982), sugere a abordagem semântica do fenômeno alternância de código.

A abordagem interacional foi apresentada por Myers e Scotton (1993) como o modelo que considera as motivações sociopsicológicas expressas no uso da alternância de código. Myers e Scotton (1993) explicam que o falante, ao definir suas escolhas linguísticas, manifesta seu sentido intencional, com motivação sócio- psicológica, e que acrescenta abordagem semântica ao fenômeno da alternância e código. Uma abordagem que tem por foco o falante e ouvinte. Na sequência, Porto (2007) menciona a abordagem preditiva da alternância de código, que partiu da análise descritiva, e que seguiu em direção ao modelo explicativo de como ocorre a escolha de códigos no fenômeno em estudo. Segundo Porto (2007), os estudos prosseguem na busca de um modelo teórico que prevê as instâncias de *code-switching* no discurso bilíngue.

A estratégia linguística definida como Alternância de Código é apresentada por Nincao (2008) como

[...] uma competência linguística e não como uma “deficiência” [...] “o *code switching*” não é falta de competência, é sinal de competência [...], a mistura de línguas, embora estigmatizada, não acontece por acaso, mas serve a

importantes funções nas comunidades que as usam, o que é visível nas comunidades indígenas. (NINCAO, 2008, p. 68)

O falante de mais de uma língua, ao realizar o jogo de uso de línguas diferentes, revela competência linguística e essa articulação não acontece sem intenção, mas é acompanhada por um objetivo específico, que o sujeito articula o uso linguístico a favor do seu objetivo, mudando de uma língua para outra, assim cumpre uma função comunicativa, planeja atingir um objetivo interativo. Maher (1997, p. 24) alega tratar de competência do falante, pois ele toma posse de recursos comunicativos e anexa a seus enunciados valores diversificados, ligados aos sentimentos, intenção, identidade. É um recurso comunicativo intencionalmente utilizado pelo falante. Na comunidade bilíngue, quando ocorre a alternância de código, produz-se uma transmissão de sentido, de sentimento de privacidade ao fazer uso da uma língua e outra.

Essa estratégia de mudança de código foi compreendida de diferentes maneiras e tornou-se motivo de riso e julgamento, como também associado à imperfeição, mas essa hipótese perdeu forças quando se passou a considerar que trata-se de uma manifestação verbal, de valores diversos e que exige competência no uso.

A Alternância de Código faz parte, portanto, de um processo que tem se mostrado comum em qualquer fase do falante de mais de uma língua, e seu uso está associado ao “comportamento psicossocial” de determinadas comunidades (MELLO, 1999). Conforme Mello (1999), não há uma diminuição de uso da alternância de código ligada ao tempo de uso da língua ou à maturidade do falante, pois o processo revela capacidade de manejar, de pôr em uso, línguas diferentes em um mesmo momento de fala.

Ainda segundo Mello (1999), a Alternância de Código, a partir de 1972, assumiu a importância de estratégia comunicativa que expõe a intimidade do uso linguístico do falante e, para a autora, ganhou ênfase o aspecto funcional dessa estratégia. A autora explica que a “[...] mudança de código é vista como uma estratégia conversacional que contribui para o inter-relacionamento entre as pessoas” [...] (MELLO, 1999, p. 93). Portanto, não se trata de um uso linguístico descompromissado, mas um instrumento de reconhecimento das relações sociais e interpessoais do falante.

Na sequência, desenvolvem-se estratégias metodológicas de pesquisa, iniciada com a apresentação do Contexto da Pesquisa, tendo por base teóricos selecionados da área de pesquisa científica, como Severino (2016) e Gil (2017), para obtenção de dados a respeito do tema de pesquisa.

2 O CONTEXTO DA PESQUISA PARA COLETA DE DADOS

Neste capítulo são apresentados os passos desenvolvidos para a investigação do uso da LT e LP nas aldeias urbanas de Campo Grande. Na investigação, foi realizado um período de preparação para a coleta de dados, denominado pré-pesquisa, realizada no primeiro contato com liderança Terena. Esse período possibilitou a localização e o reconhecimento das aldeias urbanas da cidade e apresentações da pesquisa para as lideranças locais, além da prática de observação da comunidade Terena, a aplicação do questionário e o roteiro de pesquisa para os falantes Terena de cada comunidade e o tipo de pesquisa a ser desenvolvida.

Com o material recolhido na obtenção dos dados, foi realizada a análise, cujo conteúdo será exposto no próximo capítulo.

2.1 Período “pré-pesquisa”

Ao reconhecer a extensão do campo de pesquisa, totalizando o número de 9 aldeias urbanas¹⁰ e mais um grupo comercial indígena estabelecido no centro da capital, surgiu a necessidade de fazer contato com líder indígena Terena Demétrio¹¹. O contato foi importante para obter a localização dessas aldeias urbanas e a autorização para o acesso a elas, já que se encontram estabelecidas em diversas áreas do município de Campo Grande, MS.

De posse da localização das aldeias urbanas Terena e a autorização, o líder indígena Terena Demétrio indicou uma pessoa da liderança Terena residente na área urbana da capital para que servisse de guia na localização dessas comunidades e acompanhassem a apresentação da pesquisa às demais lideranças, dando início ao desenvolvimento do processo de coleta de dados. Esse apoio foi necessário porque além da diversidade de localidades, havia também a problemática de aceitação da pesquisa em cada aldeia urbana, pois cada localidade apresenta um contexto diferente de liderança, que se definem na formação com povos indígenas Guarani e Terena. A líder Terena indicada enumerou as aldeias urbanas, seus bairros de localização e como seria possível o acesso a elas, além disso, nomeou as lideranças e populações indígenas Terena localizadas nessas comunidades. A partir desse momento, a líder Terena ficou

¹⁰ A população Terena das aldeias urbanas nomeou a organização indígena Terena no município pelos termos como “assentamento indígena, aldeia urbana, comunidade Terena, comunidade indígena urbana”. É importante ressaltar que algumas aldeias estão em processo de formação e reconhecimento como aldeias urbanas indígenas. Algumas delas estão em fase de distribuição de lotes, construção de casas/ barracos. Entre os integrantes das novas aldeias houve comentários sobre o surgimento de novas aldeias urbanas, entretanto, não foram localizadas para serem incluídas na realização da pesquisa. A primeira aldeia urbana reconhecida no município de Campo Grande é denominada Marçal de Souza.

¹¹ Os nomes adotados nas pesquisas são fictícios, guardando a privacidade dos sujeitos da pesquisa.

estabelecida como guia às visitas as aldeias, pois em alguns momentos seria preciso a sua intervenção como tradutora para a LT sobre a pesquisa, fazendo uso da língua Terena com a liderança idosa e explicação sobre o preenchimento do questionário.

A respeito do acesso a essas comunidades indígenas, é preciso mencionar, ainda, que as estradas se apresentaram como de difícil acesso em alguns lugares, sendo preciso trafegar de carro. A informante alertou que algumas aldeias ficavam em lugares com ruas sem asfalto e sem iluminação durante a noite, e que determinados moradores só seriam encontrados nesse período, pois eles realizavam diferentes trabalhos, remunerados para sobreviver na área urbana. Também disse que, durante o período de chuvas e frio, alguns locais são de difícil acesso, com alagamentos das ruas da região.

Nesse momento de repasse de informações sobre as aldeias urbanas, houve a participação do líder Terena Gerson¹², da aldeia urbana “Água Bonita”, o qual enumerou as aldeias de acordo com os bairros de localização, os nomes dos líderes das aldeias indígenas urbanas, os líderes da comunidade local, os líderes religiosos e os profissionais Terena. Os detalhes sobre esses dados relevantes, coletados, foram expostos na sequência deste trabalho e a enumeração das aldeias foi iniciada pela aldeia urbana oficialmente estabelecida na capital, Marçal de Souza, seguida da segunda aldeia urbana reconhecida, a aldeia urbana Água Bonita (URQUIZA; VIEIRA, 2012).

Na sequência, os dados foram coletados, organizados e apresentados a partir da interação com a população Terena nas aldeias urbanas, sendo que, no primeiro contato, foram realizadas as apresentações da pesquisadora e da pesquisa às lideranças. Esse momento foi marcado por cordialidade, apoio e ajuda da liderança e do povo Terena a favor do desenvolvimento da pesquisa, como ocorreu na comunidade Terena do Jardim Inápolis. Assim, o trabalho desenvolveu-se por meio da apresentação da pesquisa, de seu objetivo, bem como da discussão de como seriam realizadas as próximas visitas, entrevistas nas aldeias.

Posteriormente, foram iniciadas as visitas, com apresentações aos líderes e às diferentes lideranças de cada aldeia urbana indígena. As visitas foram marcadas previamente, pelo guia Terena, devido à rotina dos líderes e das lideranças, que participam de reuniões com os órgãos administradores do município de Campo Grande, a fim de buscarem a concretização de direitos indígenas no estado do MS¹³.

¹² Todos os nomes citados são nomes fictícios, guardando a privacidade de integrantes Terena.

¹³ Informação cedida por integrantes Terena das aldeias urbanas.

2.2 A metodologia da pesquisa

No que diz respeito à metodologia, a pesquisa é de cunho etnográfico, com abordagem qualitativa, por meio da qual se buscou coletar, organizar e analisar os resultados em interação com os participantes da pesquisa.

Segundo Severino (2016), a pesquisa etnográfica ocorre quando há a presença física do pesquisador no contexto que envolve os sujeitos:

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades, os modos de vida do indivíduo ou do grupo social. Faz um registro detalhado dos aspectos singulares da vida dos sujeitos observados em suas relações socioculturais. (SEVERINO, 2016, p. 126)

De acordo com o autor, a presença do pesquisador no campo de pesquisa é essencial, sendo esse o caminho para colher e registrar dados a partir do cotidiano dos sujeitos envolvidos.

Gil (2017) afirma que as pesquisas etnográficas visam o estudo de sujeitos de uma determinada cultura no seu próprio ambiente, a partir da aplicação de instrumentos como entrevistas em profundidade e observação participante. Entretanto, as pesquisas etnográficas contemporâneas têm se voltado para o estudo de comunidades em âmbitos menores, tais como empresas, escolas, hospitais, clubes e parques. Atualmente, esse tipo de pesquisa não utiliza unicamente a técnica de entrevista e de observação, mas pode valer-se da análise de documentos, de fotografias e filmagem, fato que permitiu a exposição de imagens neste trabalho.

Essa é uma prática de pesquisa denominada microetnografia, pois preocupa-se com a descrição de elementos que podem ser comparados e postos em contraste por diversas observações, registros, análises. E que tem o objetivo de explicar a fala em interação, sua construção social, cultural em ambientes específicos e, tem como ponto comum a interação entre os diversos falantes de uma sociedade diferenciada. E com meios de registros sendo utilizados como recursos audiovisuais, tecnológicos que permitem retomar os registros para comparações, descrições detalhadas e análises (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014).

Ao retomar Gil (2017), entende-se que a pesquisa etnográfica apresenta-se em desvantagem, para sua realização, pois, há a necessidade de mais tempo do que se comparada a outros tipos de pesquisa, como também a questão do pesquisador ter de participar

ativamente de todas as etapas da pesquisa, pois não pode contar com a participação de outra pessoa na coleta de dados. Gil, (2017, p.41) acrescenta que, quando “[...] os dados são coletados por um único pesquisador, existe risco de subjetivismo na interpretação dos resultados da pesquisa.” Para o autor,

A rigor, a etnografia vincula-se ao paradigma interpretativista, segundo o qual o real não é apreensível, mas é uma construção dos sujeitos que entram em relação com ele. Assim, nessa modalidade de pesquisa procura-se valorizar as relações influenciadas por fatores subjetivos que marcam a construção dos significados que emergem ao longo de seu desenvolvimento (GIL, 2017, p. 41).

Para Severino (2016), a pesquisa etnográfica utiliza-se de métodos e técnicas compatíveis com a abordagem quantitativa, já que esse tipo de abordagem tem como objetivo a descrição e a interpretação dos fenômenos, como também a atribuição de significados a eles. Entretanto, a abordagem quantitativa não será contemplada nesta pesquisa, pois optou-se neste trabalho pela abordagem qualitativa.

A coleta de dados foi realizada, inicialmente, por meio de um levantamento bibliográfico sobre os Terena, considerando dados históricos e pesquisas anteriores sobre essa etnia e seu trajeto histórico, seu contexto de vida atual, assim como o processo de formação e desenvolvimento das aldeias, principalmente no que diz respeito ao uso da língua Portuguesa e Terena em seu cotidiano. Dessa forma, objetivou-se conhecer as atividades, as ações realizadas no convívio familiar, em grupo nas comunidades e a configuração de uso dessas duas línguas nessas atividades.

Como método de coleta de dados, foram utilizadas as fases do questionário, a entrevista, e a observação participante, com anotações no Diário de Campo. Para a aplicação, inicialmente, foram realizados os contatos com lideranças locais, ação que definiu a prática da pesquisa e assim foram feitas as visitas de apresentação da pesquisadora e da pesquisa aos líderes e às lideranças locais das aldeias urbanas. Em seguida, foram realizadas as entrevistas, a aplicação do questionário e observação de interação entre Terena e Terena, como instrumentos de relevância para a obtenção dos dados.

O questionário constou de perguntas organizadas previamente como um roteiro de perguntas padronizadas e impressas, e os resultados foram anotados pela pesquisadora no Diário de Campo. A elaboração do questionário teve como base referências bibliográficas específicas, porém, contando com possibilidades de acréscimos de perguntas levantadas no desenvolvimento da pesquisa, o material utilizado foi acrescentado no decorrer deste capítulo.

Também, foram realizados registros por meio de notas no Diário de Campo, praticados fora do contexto das comunidades Terena.

A análise de dados foi realizada com base na literatura pesquisada a fim de se obter respostas às perguntas de pesquisa já mencionadas anteriormente, ou seja, contribuir para reflexão a respeito do uso da língua Portuguesa e Terena no contexto de comunidades indígenas Terena urbanas no município de Campo Grande, delineando o quadro sociolinguístico desse uso. A partir de descrições realizadas sobre os usos das línguas nas comunidades urbanas Terena, foi possível compreender suas implicações sociais e educacionais.

2.3 O campo de pesquisa

Nesta seção, apresento as aldeias urbanas, o campo de coleta de dados, o ambiente, o processo construtivo de moradia, com o relato de particularidades das aldeias, assim como o quadro linguístico a partir da rotina dos sujeitos Terena participantes da pesquisa.

Campo Grande/MS possui 9 aldeias indígenas urbanas identificadas¹⁴ e um centro comercial indígena localizado em uma área que pertence ao Mercado Municipal, na parte central da cidade. Esse local constitui-se como uma nova configuração de estadia Terena urbana, no centro da capital, uma vez que se trata de um centro comercial com integrantes Terena com estadias fixas nas barracas desse espaço. Outro modelo surge da interligação da aldeia urbana “Água Bonita I” com uma nova área em construção, ou seja, surge a indagação se uma nova aldeia está se constituindo a partir da extensão do espaço territorial da primeira. Esses dados foram coletados na observação e relato de integrantes Terena, pois é nítido o crescimento e a realização de benfeitorias na aldeia “Água Bonita” e seu território.

A seguir, apresento as aldeias indígenas urbanas juntamente com suas especificidades.

1- Aldeia urbana Marçal de Souza

Localizada no Bairro Tiradentes tem por líder Denis Terena¹⁵. Essa aldeia urbana foi a primeira a ser formada na capital, pela primeira cacica Terena, citada como “ [...] índia, mulher guerreira [...]” (CALVIS; BEZERRA, 2017, s/ p.). Na atualidade, esta aldeia ficou totalmente rodeada por construções em alvenaria, prédios, com a fixação de comércio indígena dentro da aldeia e o comércio não indígena ao seu

¹⁴ Embora tenham sido citadas 9 aldeias no levantamento, uma aldeia não foi localizada no início da pesquisa e ao ser mencionada sua existência durante a entrevista, surgiu um silenciamento entre os Terena.

¹⁵ Todos os nomes são fictícios guardando a privacidade dos sujeitos da pesquisa.

redor, formando um cenário contraditório de construções na área. No local da aldeia urbana Marçal de Souza, foram observadas construções de casas em forma de oca e outras com formas modificadas, pois muitas vezes uma casa possui mais de uma família habitando a mesma residência. Entre os familiares é comum o uso da LT e LP, como foi observado um pai Terena, que ao chegar do serviço, falou Terena com seu bebê de quase dois anos de idade.

2- Aldeia urbana “Água Bonita”

Localizada no Bairro Nova Lima tem por líder senhor Nelson, casado com uma Terena. Essa é uma aldeia marcada pelo histórico de liderança Guarani, conforme o relato do líder, mas com casamento interétnico com Terena, portanto, com significativa população Terena residente no local. Entretanto, o líder definiu a formação da aldeia urbana pela presença de várias etnias diferentes entre si, determinando uma formação multilíngue, ou seja, formada por vários povos¹⁶, várias línguas em uso, mas que tem por uso comum a LP. É uma aldeia em processo de crescimento sendo identificado o uso da LT entre os Terena e a portuguesa entre todas as etnias.

3- Aldeia urbana “Assentamento Jardim Inápolis”

Tem por líder o idoso Ronaldo Terena. A aldeia está prestes a mudar de liderança. Sua estrutura e condições de moradia estão em fase de conquista de benefícios governamentais. O líder expressou o desejo de ter uma sala para reforço da LT e uma área para reuniões com a população da aldeia urbana. A população é formada por profissionais liberais, como professores Terena atuantes na rede pública de ensino na capital. No momento da entrevista, foi presenciado o uso da LT e LP entre adultos, jovens, e adolescentes na área visitada para coleta de dados.

4- Aldeia urbana “Darcy Ribeiro”

Situada no Bairro Noroeste, tem como líder o senhor Daniel, mas é identificada como uma aldeia que possui mais de um líder. O lugar não foi visitado para coleta de entrevistas, mas foi permitido acesso para observação por meio de convite para participar da “Festa do Dia do Índio” e do churrasco em comemoração ao “Dia do Índio”. Durante a festa, foi identificada a LT, em uso em quantidade expressiva, acompanhada pela tradução para a LP, diante dos participantes da festa e autoridades políticas.

¹⁶ O dado foi citado por um líder indígena Terena.

5- **Aldeia urbana “Água Funda”**

Localiza-se nos fundos do Bairro Noroeste, é uma aldeia em formação, marcada pela característica de união entre os integrantes Terena. É uma aldeia com forte característica de trabalhos em comunidade, com uma população ativa que faz uso da língua de origem entre familiares e na comunidade Terena. É uma aldeia em processo inicial de construção de moradias, com lotes bem demarcados, cercados e distribuídos. Aparenta excelente administração, é um ambiente limpo, organizado, mas não foi possível encontrar o líder na localidade. Foi identificado o uso da LT e Portuguesa entre os adultos e alguns jovens, e foi coletada a narração de uso da LT entre crianças.

6- **Aldeia urbana “Jardim Vila Romana”**

Localizada ao lado do Frigorífico Bordon, tem por líder o senhor Denis, índio Guarani casado com uma Terena. É uma comunidade marcada pela característica dos Terena serem fraternos, simpáticos, amáveis, alegres, receptivos e sinceros, com famílias formadas pelo casamento interétnicos. O uso da LT foi praticado, ensinado com habilidade entre adultos, adolescentes e jovens em idade escolar.

7- **Aldeia urbana “Santa Mônica”**

Situada no Bairro Santa Mônica, tem por líder o senhor Robson. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de observações e de diferentes interações dentro da aldeia urbana. É uma aldeia bem estruturada, organizada, silenciosa, sendo identificado o uso da LP em maior proporção frente a LT dentro da aldeia urbana. Poucas vezes foi identificado o uso da LT, em reuniões familiares e em momentos da festividade do “Dia do Índio”. Desta forma, não foi identificado o uso recorrente da LT, assim, como não foi identificado o uso da LT em público.

8- **Aldeia urbana “Estrela da Manhã”**

Localizada no Bairro Noroeste, tem como líder o senhor João, a aldeia foi visitada, porém não foi disponibilizada para entrevista, apenas observada. Não foi identificado o uso da língua portuguesa e Terena. É uma aldeia extensa e necessita de apoio para sua formação. Sua identificação oscilou entre assentamento, comunidade e aldeia indígena urbana em formação inicial em 2018/1¹⁷.

9- **A Aldeia urbana “Tarsila do Amaral”**

¹⁷ É importante considerar que as mudanças na esfera de moradia ocorrem constantemente nas aldeias urbanas.

Localiza-se no Bairro Nova Lima, próxima à aldeia urbana Água Bonita. Foi visitada e observada por diferentes maneiras, com acesso aos líderes Terena religiosos, comerciantes, fabricantes e vendedores autônomos de pães, verduras. Desse modo, foi identificado raro uso da LT em público, pois é intensa a interação com o não índio.

De acordo com as informações levantadas no campo de coleta de dados, as aldeias foram definidas como comunidades diversificadas entre si, já que são formadas por várias etnias, como Guarani, Kaiwá, Kadiweu e outras, mas, com a presença predominantemente de Guarani e Terena. Assim, foram identificados casamentos interétnicos entre Terena e Guarani, afrodescendente e Terena nas aldeias urbanas. O ambiente de convívio entre os Terena e a comunidade geral da aldeia urbana é de fraternidade, de ajuda mútua, confirmando o traço cultural dessa etnia, de ter bom convívio com todos.

Entretanto, o processo construtivo de moradia, a partir da mudança dos espaços de origem, tem se revelado como um processo difícil a ser enfrentado, pois em alguns lugares as condições de moradia precisam ser melhoradas. Com casos, em que as moradias são marcadas pela construção em fase inicial e que precisa de ajuda externa, de parentes para realizar benfeitorias no local.

Diante desse processo e da presença de vários povos, foi constatado um quadro sociolinguístico complexo em todas as aldeias urbanas, com a presença e uso da LP entre todas as etnias e idiomas como Guarani, Terena, Kaiowá, Kadiweu e outros¹⁸, diferenciados dentro das aldeias. Sendo assim, exponho o quadro sociolinguístico dos Terena, com contexto de aldeia urbana na capital do MS, como complexo na sua constituição, pois é formado por indígenas, Terena que procederam de diferentes aldeias e localidades. Sendo que cada Terena traz de sua aldeia de origem as marcas linguísticas específicas da localidade. Entretanto, deve ser considerado que a rotina dos participantes da pesquisa, a comunidade Terena, se define a partir do convívio em contexto familiar, entre parentes Terenas, com a comunidade religiosa e comunitária da aldeia.

2.3.1 As primeiras visitas as aldeias urbanas do município de CG

A exposição, explicação e enumeração das aldeias urbanas foi realizada no dia 2 de abril de 2018, mas no dia 5 de abril de 2018, a guia Terena conduziu esta pesquisadora a duas

¹⁸ Conforme informações, da comunidade Terena urbana, já ocorreu o trânsito de famílias indígenas de diferentes etnias nas aldeias urbanas da capital.

aldeias, Jardim Inápolis e Água Bonita, o líder da aldeia do Jardim Inápolis não foi encontrado e então, iniciou-se a pesquisa por meio do acesso, à aldeia indígena urbana Água Bonita.

A primeira aldeia urbana a ser localizada, reconhecida e visitada foi a aldeia urbana da região do Indubrasil, região industrial do município de Campo Grande, a aldeia urbana do Jardim Inápolis. A entrada aldeia dá acesso direto à casa do líder da comunidade Terena urbana, na chegada, foi repassada a informação de que o líder Ronaldo não estava presente, a informação foi apresentada por seu filho, assim, a guia Terena anotou o telefone do líder para agendamento de outra visita. O jovem Terena informou que o líder Ronaldo estava em reunião com outros líderes das aldeias urbanas da capital. Ele foi educado, cordial e prestativo, disponibilizando ajuda e, fazendo uso da LP para se comunicar.

Mas o primeiro contato com os sujeitos da pesquisa aconteceu na aldeia urbana Água Bonita, e aconteceu no dia 5 de abril de 2018, foi marcado pela apresentação, identificação da pesquisadora e a explicação sobre a pesquisa, mencionado anteriormente. A partir disso, houve a interação com as pessoas da localidade, a observação do espaço geográfico das aldeias e de seus integrantes, um processo iniciado de forma cautelosa. A casa do líder está estabelecida na entrada da aldeia e, na frente de sua casa, foi identificada, visitada, uma área de reflorestamento de árvores nativas para coleta de sementes para produção de artesanato. Esta é uma aldeia urbana que preserva a vegetação nativa e produção de alimentos na localidade. Na entrada da aldeia é possível visualizar o reflorestamento com árvores nativas e uma horta comunitária produtora de verduras e legumes. A aldeia urbana citada possui uma área arborizada, limpa, organizada e revela variadas atividades produtoras de rentabilidade financeira para os Terena. Atividades como reciclagem, artesanato com sementes, produção de cerâmica, etc.

As visitas ao campo de pesquisa foram confirmadas por meio de telefonema para lideranças e, dessa forma, foi agendado o primeiro contato com a liderança local. Um ato que favorecia a liderança estar presente na primeira visita e assim apresentar as principais características da aldeia urbana. Desse modo, iniciou-se o reconhecimento do campo de pesquisa, um momento que exigiu uma postura de humildade e respeito, pois são povos constituídos no Brasil com direitos garantidos as diferenças. (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).¹⁹

¹⁹ Bittencourt e Ladeira (2000) explicam os direitos garantidos pela Constituição de Brasileira de 1988 aos povos indígenas brasileiros

A visita foi programada com o líder Nelson, da aldeia urbana Água Bonita. E com o líder Ronaldo, da aldeia urbana Jardim Inápolis, embora as visitas tenham sido programadas, muitos imprevistos e reuniões aconteceram fora do planejado.

Com a chegada do líder Nelson, as perguntas do questionário foram respondidas, ele falou sobre sua infância, mas não facilitou a participação da esposa Terena para responder ao questionário, pois as entrevistas foram individuais²⁰. Não houve qualquer manifestação do uso da LT no ambiente familiar e nem mesmo na primeira visita a aldeia urbana Água Bonita.

Na visita à aldeia urbana da Vila Romana, o líder Donaldo apresentou sua tristeza em relação às pesquisas realizadas por outros órgãos que não retornaram para apresentar resultados para ele e para a comunidade. Nesse momento, a informante guia falou em Terena com o líder Guarani, que se dispôs a ajudar nesta pesquisa. O líder é índio Guarani e entende Terena, pois, como já foi dito, é casado com uma Terena. Essa foi uma visita reveladora da importância de ter um falante da LT durante a pesquisa para acompanhar na coleta de dados. Pois, a guia interagiu falando em Terena com o líder da aldeia urbana e sua esposa Terena.

A primeira visita à aldeia urbana Marçal de Souza foi marcada pelo recebimento da informação de que o líder da aldeia trabalhava diariamente e não era fácil de ser encontrado no local. Dessa forma, o contato com o líder Denis foi marcado pela dificuldade de apresentação pessoal e da pesquisa. Esse fato fez com que os dados da pesquisa fossem coletados por meio de voluntários, em reuniões entre Terena, por meio de irmão sanguíneo Terena, e as observações também fossem desenvolvidas pela participação da pesquisadora em cursos, eventos na comunidade Terena. Cursos que foram realizados na aldeia urbana e abertos a participação de não índios, como de cultivo de Orquídeas oferecido pelo SENAR, ministrado na grande oca da aldeia urbana. Os dados também foram coletados em reuniões de lideranças e entre integrantes Terena de várias idades que se disponibilizaram a responder o questionário desta pesquisa. No primeiro contato de apresentação e coleta de dados, na aldeia Marçal de Souza, foi identificado baixo índice de uso da LT entre jovens²¹ e significativo uso da LT entre adultos, com destaque para as mulheres Terena no contexto familiar e de aldeia urbana.

O reconhecimento da aldeia urbana Água Funda foi iniciado por meio de reuniões comunitárias e festividades como a comemoração ao “Dia das mães”. Nessa aldeia, foram comemoradas datas significativas, disposta no calendário nacional como o Dia das mães, em

²⁰ O líder manteve a atenção de todos enquanto ele falava da aldeia de sua liderança e sua esposa Terena se ausentou do contexto.

²¹ Diz respeito a participação dos jovens que declararam valorizar a LM, outros que interagiram em reuniões no uso da LT assim como aqueles que declararam ter a LP como língua materna.

conjunto com reuniões religiosas, com a realização de breves discursos e orações no uso da LT. Esta é uma aldeia em formação e as apresentações da pesquisadora foram rápidas e objetivas, mas, sem menção, no momento, sobre a pesquisa, sendo desenvolvida apenas a prática metodológica da observação. Assim, configurou-se o primeiro contato na recente aldeia/assentamento urbana da capital Água Funda como um processo lento, cuidadoso, porém, apresentou-se como uma fonte significativa de dados. É importante considerar que a aldeia urbana recebeu Terenas que procederam da região de Miranda, portanto, possuem maior uso da LT, entretanto foi comum ouvir falar na comunidade Terena sobre falantes da LM que tentaram se adaptar à vida urbana, mas, por falta de adaptação financeira, retornaram para a aldeia de origem.

No contato com o líder Robson da aldeia urbana Santa Mônica ficou claro que a pesquisadora foi recebida em consideração à guia Terena. Dessa forma, não respondeu a nenhuma pergunta e marcou um novo encontro, cancelado no dia seguinte, não se disponibilizando a novos encontros. Entretanto, foi aberta a coleta de dados através de voluntários que se dispuseram a contribuir em suas residências, por meio de observação realizada nas festas, reuniões, desenvolvidas no local. Assim, durante às visitas a famílias Terena constatou-se o uso da LT entre adultos e idosos, em ambiente familiar, mas em pequena proporção de uso. Um uso desenvolvido em conjunto com o recurso de alternância de código.

Todo processo aqui descrito revela que cada aldeia possui uma realidade e uma população com características complexas e diferenciadas, líderes e lideranças com posturas próprias e independentes. Cada realidade, contexto, aldeia urbana, exigiu posturas, ações cautelosas nos diferentes momentos de contato e de interação presencial com os sujeitos pesquisados.

2.4 A descrição das aldeias urbanas

Como já foi dito, a capital do MS possui 9 aldeias urbanas que foram enumeradas a partir de dados fornecidos por liderança Terena atuante nessas aldeias urbanas e um centro comercial Terena estabelecido no Mercado Municipal localizado no centro da capital. Diante da quantidade de aldeias citadas, dos nomes, dos dados principais e de suas características, os dados foram organizados, conforme o Quadro 1, em que se apresenta as principais características de cada aldeia, com a liderança e a configuração de uso da LT e Portuguesa pela comunidade Terena.

Quadro 1 – Relação das aldeias urbanas na capital do MS e suas especificidades linguísticas

Aldeias localizadas e visitadas	Observações	Nome do Líder
1- Marçal de Souza	Primeira aldeia instituída na capital, mantém-se como modelo para outras aldeias. Realiza atividades sociais Terena, abertas ao público. Faz uso da LT e LP em diferentes contextos da comunidade Terena.	Denis Líderes Terena usam a LT ²² juntamente com a LP.
2- Água Bonita	Uma aldeia em processo de amplo crescimento, contemplada por benefícios de órgãos municipais de Campo Grande. Favorece o uso linguístico de cada etnia, sendo que a comunidade indígena Terena faz uso da LT e LP.	Sr Nelson, Índio Guarani, casado com Terena, é um líder atencioso, disposto a atender pesquisadores e visitantes.
3- Darcy Ribeiro	Visitada e observada através da Festa do Índio. Uma Festa realizada com expressivo uso da LT, acompanhada pela tradução para a LP.	Líder Daniel não encontrado, desta forma não participou da pesquisa.
4- Jardim Inápolis	Liderança reunida, atendeu a pesquisa e respondeu ao questionário com boa disposição, atenção e fazendo uso da LT entre as lideranças representadas. Liderança receptiva e atenciosa.	Ronaldo, fala Terena exige do filho e neto que fale Terena. Aldeia urbana também chamada de Assentamento em processo de formação e legalização.
5- Aldeia Santa Mônica	Não disponibilizou entrevistas, os dados foram coletados pela participação de voluntários que participaram da pesquisa.	Robson ²³ A liderança não manifestou o uso da LT em público.
6- Jardim Vila Romana	Finalizou a primeira entrevista com total abertura para pesquisas, contribuiu com a pesquisa. Manifestou uso da LT na comunidade Terena urbana local	Denis é Guarani. Entende a LT; casado com uma Terena, os filhos falam e ensinam a LT.
7- Água Funda	Sem acesso ao líder local, pois não foi encontrado nos dias de visita. Possui uma representativa e organizada população Terena que faz uso da LT na comunidade Terena.	Acesso aos dados da pesquisa por meio de reuniões com voluntários, por convites para participar de festas Terena e realização de entrevistas escritas.
8- Estrela da manhã	Não foi visitada, mas localizada, visualizada e observada. Aldeia/assentamento em processo de formação.	Líder João, não foi encontrado, portanto não participou da pesquisa. Não foi identificado uso da LT em público.
9- Aldeia Tarsila do Amaral	Uma área bem distribuída, bem formada, com a construção de casas em alvenaria, com uma população jovem que manifestou baixo uso da LT, e a LP em maior uso.	Contato com diferentes lideranças, com elevado uso da LP e baixo uso da LT.

Fonte: Organização da autora (2019)

²² Dados observados e anotados.

²³ Em 2019(1) a liderança foi substituída.

Foram citadas 9 aldeias indígenas urbanas, porém 8 aldeias urbanas foram visitadas pessoalmente e observadas. Convém reforçar a informação de que junto à aldeia “Água Bonita” existe um grupo de moradores que se encontram em processo de construção de novas casas e, aparenta a construção de uma nova aldeia, organizada e bem estruturada. Essa área foi visitada, visualizada e trata-se de uma localização conhecida a partir da divisão de um território em duas partes, sendo a primeira área pioneira e maior. Essa informação foi solicitada para confirmação ou negação, mas não houve resposta no momento da pergunta, pois a inquirida optou pelo silenciamento²⁴, resposta não confirmada posteriormente por liderança Terena. No mesmo momento foram coletadas informações por meio da interação com grupos locais sobre a existência de sala de reforço mantida pela comunidade no interior da nova área em construção. Apesar do silenciamento diante de algumas indagações a respeito das aldeias urbanas, foram obtidas respostas, por meio do questionário, entrevistas sobre os dados relevantes e satisfatórios de cada aldeia urbana e dos sujeitos da pesquisa.

É importante salientar, ainda, que pelo fato de aldeias estarem localizadas em bairros distantes uns dos outros, a comunicação entre elas, entre familiares e parentes definiu-se como difícil. Além de que, o sistema de transporte municipal é lento, dificultoso, oneroso, por isso a opção de seus moradores é a locomoção realizada a pé, de carona e, raras vezes, por meio de veículo próprio. Entretanto, as visitas e o apoio de uma aldeia para outra fez-se real, definiram-se como resultados de esforços de todos os integrantes da comunidade indígena Terena urbana.

O Quadro 2 apresenta a localização das aldeias por regiões no município de Campo Grande. A organização desse quadro serve para possibilitar uma visão geral do grupo Terena, a localização das aldeias indígenas urbanas por região e área, revelando que a comunidade Terena urbana mantém interação entre si, a partir da realidade de proximidade entre os grupos da região. Em algumas regiões, as mais distantes, foram construídas mais de uma aldeia, uma servindo de apoio à outra aldeia.

²⁴ Este é um procedimento Terena comum quando a informação não pode ser repassada, ou não há confirmação ou não se deseja responder devido à presença de outros sujeitos. Os motivos do silenciamentos se mostraram diversos, como a “não concordância com algo dito”. Não foi disponibilizada resposta para esse dado no momento da pergunta.

Quadro 2 – Localização das aldeias urbanas por regiões no município do MS

LOCALIZAÇÃO DAS ALDEIAS URBANAS			
Região	Bairro	Aldeia urbana	Observação
Bandeira	Tiradentes	1. Aldeia Marçal de Souza Aldeia pioneira e modelo.	Primeira a ser constituída, assim mostrou-se totalmente envolvida pela urbanização da região.
Central	Centro da capital	Centro Comercial do Mercado Municipal de Campo Grande.	Os Terena permanecem fixados no local para facilitar a organização dos produtos para o comércio do dia. Vendas no local e de porta em porta no centro da capital. Foi presenciado o uso da LT, entre familiares, diante da população não indígena.
Imbirussu Indubrasil (Região Industrial de CG)	Indubrasil Inápolis V. Romana Santa Mônica	1. Aldeia/Assentamento Jd. Inápolis (aldeia I) 2. Aldeia/Assentamento Vila Romana (aldeia II) 3. Aldeia Santa Mônica (aldeia III)	Aldeias próximas umas das outras, o processo de reconhecimento da Vila Romana está em ritmo acelerado.
Prosa	Noroeste	1. Aldeia Água Funda 2. Aldeia Darcy Ribeiro 3. Aldeia Estrela da Manhã	A aldeia Estrela da manhã está em início de estabelecimento, com moradias em condições iniciais de construção. Com falta de recurso financeiro.
Mata do Segredo	Nova Lima Tarsíla do Amaral	Aldeia Água Bonita Aldeia Tarsila do Amaral	Segunda aldeia a ser reconhecida, com uso da LT na comunidade e uso da LP em ambiente externo. Também fez uso da LT pelas ruas da aldeia urbana

Fonte: Organização da autora (2019).

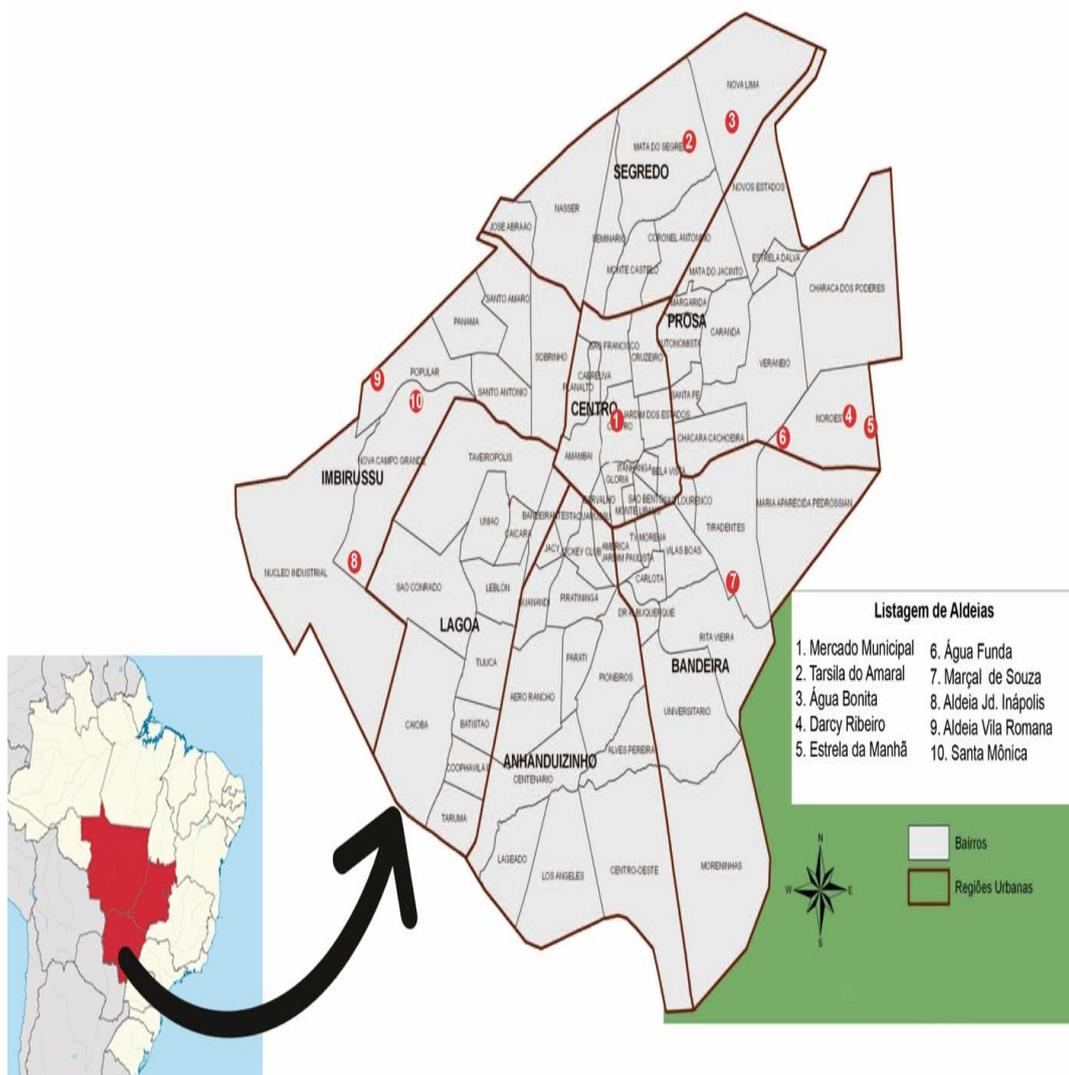
As comunidades Terena urbanas apresentadas no Quadro 2 foram posteriormente apresentadas no mapa da capital.

Na visualização da localização, identificou-se aldeias urbanas constituídas próximas entre si, com mais de uma aldeia na mesma região, com áreas arborizadas e com amplo espaço geográfico para locomoção e eventos indígenas, porém encontrou-se em exceção a aldeia urbana Marçal de Souza. Como aldeia pioneira está localizada em uma região de

avançado progresso na área comercial, da construção civil e intenso movimento populacional e de veículos no bairro Tiradentes.

Essa organização confirmou o dado observado sobre a construção de aldeias urbanas na mesma área para servir de apoio umas às outras e por serem constituídas e habitadas por parentes Terena consanguíneos. As aldeias urbanas estão estabelecidas em quatro regiões conforme o quadro anterior, sendo que algumas regiões possuem mais de uma aldeia urbana. A aldeia Marçal de Souza está estabelecida próxima ao bairro Tiradentes, na Região do Bandeira, um bairro de intenso comércio não indígena e trânsito de veículos ao redor da aldeia urbana, recebe visita da população Terena de outras aldeias urbanas com uso da LT entre os adultos e idosos.

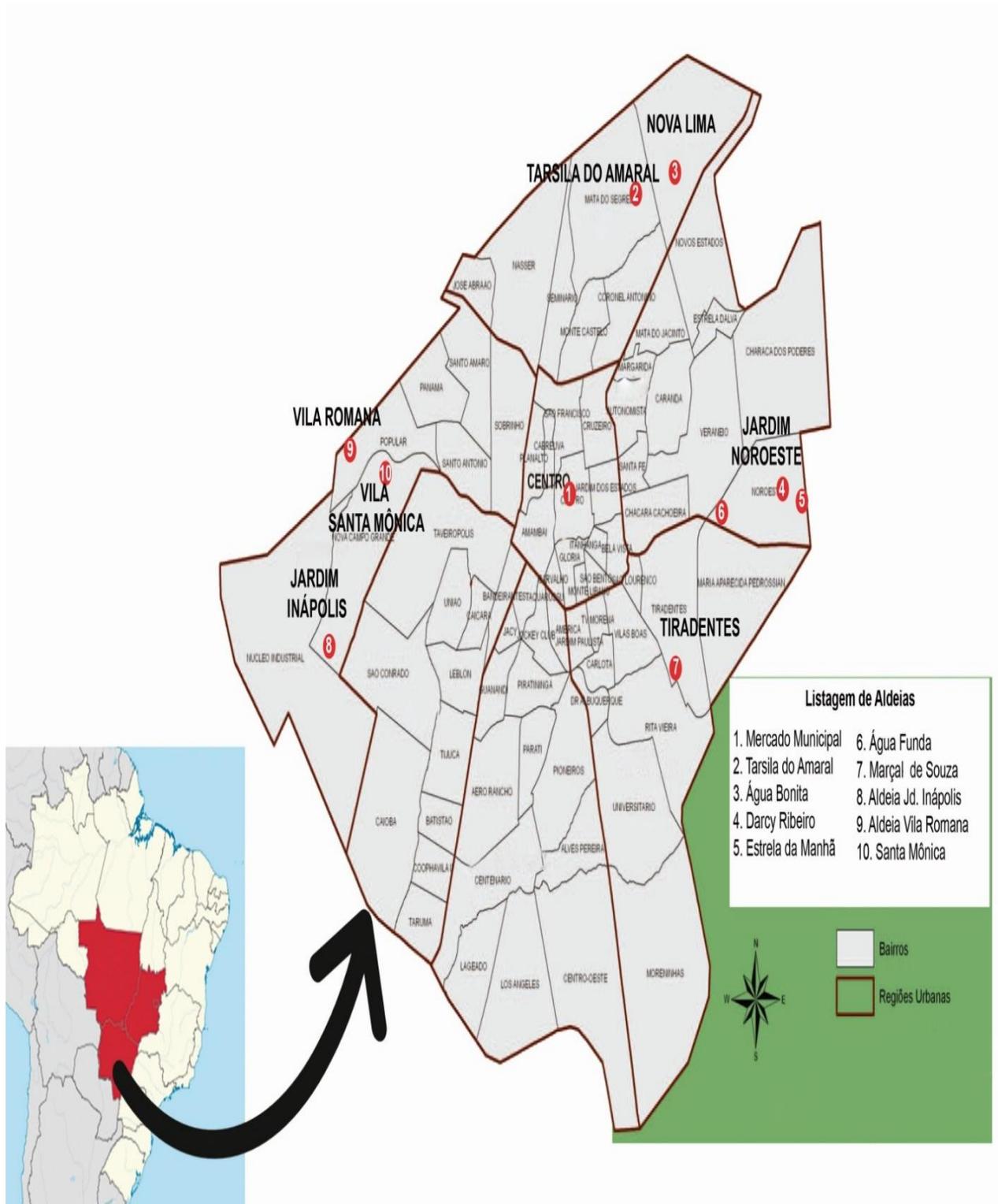
Mapa 1- A localização das aldeias indígenas urbanas por regiões em CG



Fonte: Elaboração da autora (2019)

A seguir foi delimitado o mapa da capital, com a localização da aldeia por bairro em seu estabelecimento.

Mapa 2- As aldeias indígenas urbanas localizadas nos bairros de CG



Fonte: Elaboração da autora (2019).

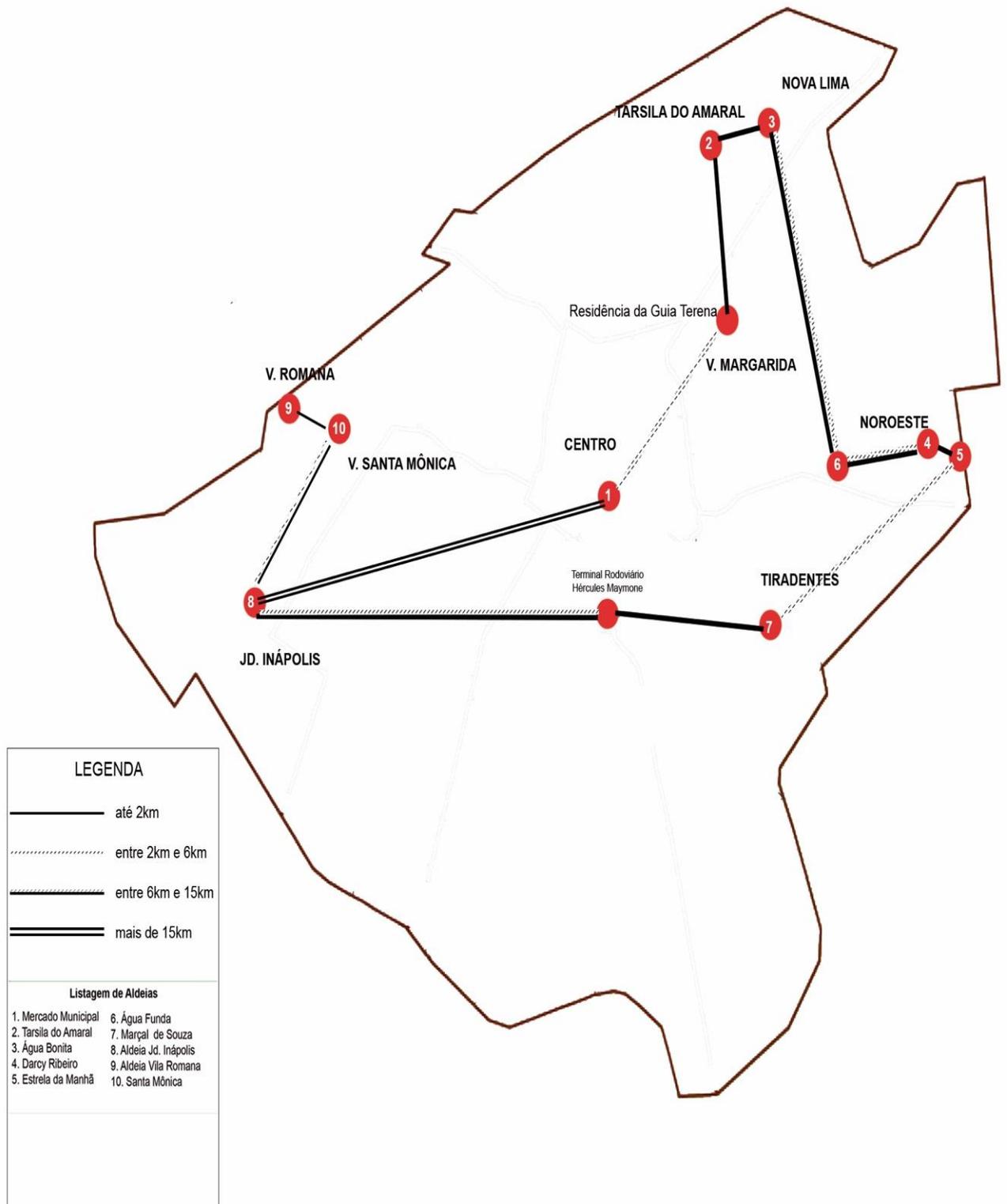
2.5 A Localização das aldeias urbanas no mapa urbano da capital do MS

Como já foi apresentado, a capital do MS possui 9 aldeias, e um centro comercial Terena, localizado no Mercado Municipal, no centro da capital. As Aldeias urbanas foram localizadas a partir do bairro, marcadas, enumeradas no mapa urbano da capital. Sendo que o ponto que marca a presença da aldeia urbana no mapa recebeu destaque por meio da cor vermelha. No Quadro 2 foi descrita a região em que cada aldeia está fixada, e o bairro foi selecionado e identificado no mapa urbano do município de CG, que foi apresentado na sequência.

Os dados para esta pesquisa foram coletados através de voluntários das localidades e da participação da pesquisadora em cursos, eventos, reuniões de vários segmentos abertos à comunidade não indígena, está foi uma característica relevante da comunidade indígena urbana, especificamente a Terena, a busca de uma interação social satisfatória com a sociedade não indígena. Entretanto, recebeu destaque a visita à aldeia urbana da **Vila Romana** que foi acessada pela região baixa do Prosa, e que expôs a difícil condição de acesso a área, durante as novas visitas, outros caminhos foram descobertos, mas permanecendo a dificuldade de acesso. Assim, concluiu-se que o trajeto de uma aldeia urbana para outra, apresentou-se como complexo e dispendioso financeiramente. A seguir, foi apresentado o registro de distância entre as aldeias urbanas do município de CG, a partir do princípio da proximidade entre elas.

No mapa 3 está delineado um traçado simulando o trajeto das aldeias, representando a distância entre elas, e assim, foi apresentada uma quilometragem aproximada entre as aldeias e entre os pontos principais de acesso às comunidades Terena. Esse itinerário foi traçado com o objetivo de demonstrar a distância entre as aldeias urbanas, deixando explícito que a locomoção dos Terena de uma aldeia a outra não é um trajeto fácil de ser realizado, porém, são praticados durante as festividades para fortalecer o evento realizado no momento da comemoração.

Mapa 3- As distâncias entre as aldeias indígenas urbanas de CG



Fonte: Elaboração da autora (2019)

As distâncias entre as aldeias urbanas na capital do MS se definiram como extensas, mas os Terena se organizaram, unidos, conduziram-se para as festas, oferecendo apoio,

participando com equipes de dança, de cozinheiras e parentes nas festividades Terena. E assim as festas foram realizadas com manifestações culturais típicas Terena com diferenciados modo de uso da língua Terena, sobressaindo o uso familiar, entre as mulheres, confirmando o que Labov (1982) diz a sobre as mulheres sobressaírem quanto ao uso linguístico.

Entretanto, a locomoção de uma aldeia para a outra foi realizada de diferentes maneiras, mas embora tenha ocorrido apoio da guia Terena no traslado de uma localidade para outra, não se pode ignorar a problemática de má conservação das ruas de aldeias urbanas como a aldeia da Vila Romana, Jardim Inápolis, Água Funda e outras, assim como a periculosidade em alguns lugares, como a região do Noroeste.

Identificou-se a péssima conservação das ruas e estradas nesta região, como da aldeia urbana “Água Funda”, uma região que se tornou inacessível no período das chuvas, uma aldeia formada por casas que não ofereceram condições de proteção para a saúde dos moradores Terena. A coleta de dados foi realizada em um período de frio e chuvas e, por isso, essas condições desfavoráveis tornaram-se evidentes durante a coleta de dados nesse período.

Vale informar, ainda, que nos períodos de variações climáticas, as crianças e os idosos sofreram com a excessiva exposição ao frio, outras vezes ao calor solar de regiões altas e outras baixas, devido às difíceis condições das moradias em aldeias urbanas em formação como a Água Funda. Os Terena experimentaram banhos com água gelada no frio, devido à falta de condições e dificuldade de acesso a instalações elétricas nos banheiros para banhos quentes. Entretanto, sabe-se que muito tem sido conquistado pelos Terena, mas muito ainda precisa ser realizado para que sejam garantidas melhores condições de moradia e novas oportunidades a essa população que está em crescente expansão na região urbana do município de Campo Grande.

2.6 O material de coleta de dados

A pesquisa desenvolveu-se através da execução de duas fases de coletas de dados. Dessa forma, a coleta de dados configurou-se em:

Fase I - Reconhecimento do campo de pesquisa e dos informantes;

Fase II – coleta de dados.

A 1ª fase foi o período de localização das aldeias, da apresentação da pesquisa e reconhecimento dos líderes e os integrantes das aldeias urbanas onde foram coletados os dados. Esse período foi definido como a Fase do Reconhecimento do campo de pesquisa e dos

informantes, iniciado com a localização das aldeias, apresentação da pesquisa aos líderes locais, reconhecimento dos integrantes das aldeias urbanas e pelo desenvolvimento do Questionário produzido como uma tabela para obtenção e registros de dados sobre o uso da LT e da LP em contexto urbano. Os dados foram coletados e registrados por meio de marcação de X conforme a resposta oferecida pelo informante, sendo que as perguntas e anotações das respostas foram realizadas pela pesquisadora na própria folha do questionário e também no Diário de Campo.

Nas primeiras visitas as aldeias urbanas e nas realizações do questionário (Anexo3), foram fornecidos dados voluntariamente, sem pertencerem ao inquérito, anexadas como novas perguntas, anotações manuais e posteriormente digitadas. Tal situação definiu a segunda fase da pesquisa, provocando sua retomada. Dessa maneira, surgiu a segunda fase da pesquisa definida no desenvolvimento da primeira fase.

A segunda fase foi realizada por meio do roteiro de entrevista, direcionada a líderes, das aldeias urbanas e líderes religiosos, profissionais de variados segmentos, como professores, cabeleireiros, etc. Receberam foco nesta pesquisa as lideranças Terena nas aldeias urbanas, líderes formadores de opinião em relação à educação de filhos e netos. Essas perguntas se restringiram ao uso da língua LT e LP, portanto, foi necessário o compromisso dos informantes a respeito das respostas e da veracidade das respostas e, principalmente, por atenderem ao fato de transmitirem os conhecimentos sobre o uso da LT e LP às novas gerações da comunidade.

A seguir, apresento o Quadro 3, a proposta de matriz de coleta de dados que corresponde ao material utilizado na primeira Fase da coleta de dados que norteou as primeiras visitas realizadas nas aldeias. Cada entrevistado respondia às perguntas a respeito do uso da LT, apresentada na coluna esquerda para ser marcada por um X, conforme a faixa etária do entrevistado.

Quadro 3- Matriz de coleta de dado sobre o uso da LT em contexto de aldeia urbana do MS

Área de domínio	HOMENS				MUHERES			
	crianças	jovens	adultos	idosos	Crianças	Jovens	adultos	idosos
Não conhece								
Entende algumas palavras	x	x			x	x		
Entende bem, mas não fala	x	x			x	x		
Entende algumas palavras e usa	x	x			x	x		
Entende e fala bem a LT			x	x			x	x
Entende e fala com facilidade a LT			x	x			x	x
Não fala, mas quer aprender	x	x			x	x		

Fonte: Organização da autora, 2019.

Assim foi constatado que a LT é conhecida por todos os Terena, mesmo não sendo usada, pois conhecem por presenciar o uso desenvolvido em eventos sociais, políticos e pelas gerações mais velhas, pelo ensino em específicas estruturas educacionais.

No Quadro 3 foi apresentado um exemplo do preenchimento realizado durante as entrevistas. A seguir foi exposto o Quadro 4, uma proposta de matriz de coleta de dados, que norteou a coleta de dados sobre o uso da língua Portuguesa. O Quadro 4 apresenta como se configura o uso da Língua Portuguesa pelos Terena, segundo a faixa etária dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 4 – Matriz de coleta de dado sobre o uso da LP em contexto de aldeia urbana do MS

Área de domínio	HOMENS				MULHERES			
	crianças	jovens	adultos	idosos	Crianças	Jovens	adultos	idosos
Não conhece								
Entende algumas palavras								
Entende bem, mas não fala								
Entende algumas palavras e usa				x				x
Entende e fala bem	x	x	x		x	x	x	
Entende e fala com facilidade	x	x	x		x	x	x	
Não fala mas quer aprender								

Fonte: organização da autora (2019).

A LP é conhecida e usada por todos, sendo que os idosos apresentam dificuldades para entender alguns discursos realizados no uso da LP. Assim essa faixa etária opta pelo uso da LT com os adultos e outros Terena da mesma faixa etária.

A primeira fase de coleta de dados foi realizada em todas as aldeias selecionadas e disponibilizadas por meio da aplicação de um questionário fechado.

A segunda fase foi desenvolvida através de um questionário roteiro de entrevista, construído a partir de dados oferecidos voluntariamente pelos sujeitos da pesquisa. Assim, os dados oferecidos voluntariamente pelos entrevistados passaram a ser parte da pesquisa, mas no contexto de segunda visita às aldeias. No anexo segue o roteiro de entrevista que foi aperfeiçoado no desenvolvimento da pesquisa, recebendo anotações conforme os entrevistados cediam informações durante as entrevistas. Entretanto, cada lugar tinha uma liderança diferenciada, constituindo-se grupos diferenciados de entrevistados, portanto nem todas as perguntas foram respondidas por todos os líderes das aldeias urbanas. Ao ser inquerido, o entrevistado conversava em Terena com a guia que respondia, explicava em Terena a pergunta e assim as perguntas foram respondidas pelos entrevistados, concretizando o objetivo desta pesquisa. Desta forma, apresenta-se as anotações do diário de campo utilizada

em levantamento de dados específicos, já concretizado como instrumento final de coleta de dados nesta pesquisa²⁵. (Anexo 2) Questionário

2.7 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram apresentados, neste tópico, de acordo com sua divisão em faixa etária. A escolha dessa divisão tomou como base a divisão de faixa etária realizada no estudo de Garcia (2016), com título de “Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência”.

O Quadro 5 expõe os sujeitos da pesquisa separados por faixa etária, função desempenhada na comunidade Terena urbana, com apresentação do tipo de coleta de dados realizada na pesquisa.

Quadro 5 - Sujeitos da pesquisa: habitantes das aldeias urbanas da capital por faixa etária

Sujeito da pesquisa	Faixa etária	Fase anterior ingresso a escola	Tipo de coleta	Função
Infantil	1 a 5 anos		Observação e perguntas diretas aos responsáveis	Filho
Crianças	6 a 14 anos	Idade escolar	Entrevista/observação Com a presença de responsáveis.	Estudante
Adolescentes	15 a 22 anos	Transição de infância e juventude	Entrevista/observação Com a presença de responsáveis.	Estudante
Jovens	23 a 32 anos	Casamento/trabalho	Entrevista/observação	Estudante/ Profissão autônoma
Adultos	33 a 54 anos	Auge do trabalho fora da aldeia	Entrevista/observação	Emprego fixo/ vendas
Idosos	55 anos acima	Aposentadoria	Entrevista/observação	Aposentados

Fonte: organização da autora (2019)

O contexto da coleta de dados mostrou-se complexo, extenso e diversificado quanto ao uso das LT e portuguesa, entretanto, recebeu atenção o sujeito Terena, morador de cada campo de pesquisa. O processo de coleta de dados iniciou-se pelo reconhecimento do campo de pesquisa, seguido pela interação com os sujeitos voluntários em participar da pesquisa. A

²⁵ Foi apresentado uma matriz de proposta de coleta de dados.

coleta de dados foi realizada inicialmente pela observação, aplicação do questionário e roteiro de entrevista, acompanhado pelo cuidado de oferecer ao sujeito da pesquisa liberdade para expressar-se com confiança durante todo o processo da realização da pesquisa.

2.8 O contexto social das aldeias urbanas da capital do MS

As aldeias urbanas como temática de estudo têm ocupado o campo de interesse de pesquisas científicas. Urquiza e Vieira (2012, p. 91) explicaram que inicialmente a capital possuía cinco aldeias urbanas, relacionadas pelos autores como: aldeia urbana Marçal de Souza, aldeia urbana Água Bonita, Aldeia urbana Tarsila do Amaral, aldeia urbana Darcy de Oliveira e aldeia urbana do Núcleo Industrial, além de comunidades indígenas estabelecidas em diferentes bairros da capital do MS. Embora os autores Urquiza e Vieira (2012) tenham citado 5 aldeias indígenas urbanas, algumas aldeias urbanas foram visualizadas e observadas durante as visitas, e outras visitadas, totalizando 9 aldeias urbanas e um centro comercial Terena no centro da capital. Esses números comprovam que nem todas as comunidades são oficiais e ainda continuam surgindo novas aldeias, que se encontram em formação na capital, as quais estão em fase de estabilização e crescimento.

Urquiza e Vieira (2012) informam que a primeira aldeia indígena urbana fundada na capital do MS foi a aldeia **Marçal de Souza**, em 1998, iniciada por Terena que vieram de Aquidauana, Sidrolândia, Miranda e outros lugares, e se estabeleceram em área doada pelo prefeito, no ano de 1973, mas ocupada em 1995. Como aldeia urbana pioneira, conquistou, ao longo do tempo, benefícios, tais como a construção de casas de alvenaria no modelo tradicional de oca e a Escola Municipal Sulivan Silveste Oliveira – Tumune Kalivono (“Criança do Futuro”).

A construção do Memorial da Cultura Terena também é uma obra relevante nesse local, pois sedia diferentes eventos como festividades e de formação profissional, cultural e política dirigidos pelo Terena e abertos a comunidade não indígena. Esses fatores revelam a interação satisfatória dessa etnia com a sociedade não indígena. A construção é típica de uma grande oca.

Os autores prosseguem relacionando as aldeias e expondo o movimento de saída dos indígenas Terena de suas áreas privadas, locomovendo-se para a região urbana sem quebrar vínculo com aldeia de origem. Nesse sentido, Urquiza e Vieira (2012) relatam que a aldeia urbana Darcy Ribeiro, localizada no Jardim Noroeste, se constituiu em 2006, através da construção de casas para os acampados no local. Além dela, mais duas comunidades

indígenas urbanas, Tarsila do Amaral e outra no núcleo industrial, formaram-se, ocasionadas pela reunião de aproximadamente 100 famílias. Essas comunidades foram constituídas pelas etnias Terena, Guarani, Kaiowá, Kadiwéu, sendo reconhecidas como aldeias em fundação, porém com escassos recursos financeiros, e materiais para construção de moradias indígenas.

A saída para reconhecimento do campo de pesquisa a fim de identificar o contexto social das aldeias a serem visitadas partiu da informante guia Terena. A primeira aldeia urbana escolhida para reconhecimento da localidade, estrutura, população e explicação sobre as visitas foi a aldeia urbana Marçal de Souza, próxima à aldeia urbana Água Funda e, a aldeia urbana Darcy Ribeiro, no Jardim Noroeste, porém, essa aldeia foi apenas observada no momento. Na sequência, foi selecionada a aldeia urbana Tarsila do Amaral e Água Bonita, finalizando com as aldeias urbanas da Vila Romana, Santa Mônica e Jardim Inapólis, assim, foram visitadas para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente 8 aldeias urbanas e um centro comercial Terena localizado no Mercado Municipal, no centro da capital, local de uso da Língua Terena entre familiares, na presença de não indígenas e de turistas.

São consideradas aldeias urbanas estruturadas a Marçal de Souza, Água Bonita, Tarsila do Amaral, Vila Romana e Santa Mônica, pois são aldeias que conquistaram benefícios e estão avançando no convívio social com a sociedade não indígena. As aldeias urbanas citadas realizam festas e comércios nos bairros próximos a comunidade Terena, desenvolvendo contato de boa interação social com o não indígena. Entretanto, as aldeias urbanas Vila Romana, Jardim Inapólis e Água Funda estão em avançado processo de formação e reconhecimento oficial, sendo que a comunidade Terena da Vila Romana destacou-se no crescimento e conquista de benefícios governamentais. Todas as aldeias visitadas realizam festas típicas indígenas e as festas pertencentes ao calendário do não indígena, que são utilizadas como meio de preservação da cultura Terena, pois são adaptadas ao contexto Terena e desenvolvidas com o uso oral da LT acompanhadas pela tradução para a Língua Portuguesa durante as festividades.

No que diz respeito ao contexto social, a Marçal de Souza é formada na maioria pela etnia Terena, sendo identificado um casamento interétnico com afro-brasileira. No local, há uma população heterogênea em relação à idade, com a presença significativa de crianças, adolescentes e jovens, nas ruas, podem ser vistas crianças e jovens sentados e conversando nas calçadas. Foram identificadas duas igrejas nesse espaço, sendo uma observada e constatado o uso da Língua Terena no meio Terena. Assim foi informado e observado que as reuniões familiares são realizadas nas casas e nas calçadas das casas com o uso da Língua de origem e LP entre familiares. A aldeia urbana Marçal de Souza possui comércio indígena no

interior da aldeia, um fator que revela autonomia na escolha de seus produtos de consumo e a busca pela independência financeira do povo Terena.

No Memorial da Cultura Indígena são realizados cursos, eventos, reuniões abertas à comunidade não indígena, revelando a busca pela interação saudável com a sociedade não indígena. Muitos habitantes da população da aldeia urbana Marçal de Souza trabalham em comércio e locais próximos à aldeia, na região e bairros vizinhos a aldeia urbana.

A aldeia urbana Água Funda, próxima à aldeia Marçal de Souza, é uma aldeia em processo de construção e estruturação, ela possui uma população composta em maior número pela etnia Terena e Guarani. Alguns de seus habitantes trabalham em comércios estabelecidos ao redor da aldeia urbana, as crianças e jovens estudam nas escolas da redondeza da aldeia, outras crianças precisam ser deslocadas para outros bairros para estudar e outras não frequentaram a escola em 2018, por falta de vagas para crianças indígenas (relatos de mães Terena), na escola do bairro, próxima a aldeia. A aldeia urbana Água Funda é nova, pois completou um ano de existência e sempre realiza festas comunitárias, familiares em comemoração à datas festivas e de aniversários.

O esforço da comunidade Terena foi perceptível ao tentar manter o bom relacionamento com a vizinhança não indígena, mas este fato revelou-se como um processo em desenvolvimento, complexo e delicado, dado obtido devido um fato presenciado durante a coleta de dados para esta pesquisa. Durante uma manhã de coleta de dados, os moradores não indígenas, vizinhos da aldeia urbana, cortaram a fiação elétrica da aldeia porque decidiram abrir uma nova estrada para suas próprias residências. Essa atitude deixou muitas moradias sem luz, então, os líderes Terena se mobilizaram e foram conversar e ajudar os moradores não índios, em troca da reorganização da eletricidade para a aldeia. Durante esse fato, constatou-se o uso, em menor proporção da LT na comunidade, e revelou que a comunidade Terena se esforçou para manter a tradição de bom relacionamento com todos e uso da língua de origem em conjunto com o uso da LP.

A respeito do uso da LP pelo Terena em contexto urbano, na capital do MS, a líder 1 da aldeia Água Funda” explicou a LP é importante para a prática da comunicação com o não índio, em contexto urbano, entretanto, não negou o uso da LT, entre os Terena em contexto urbano.

Em visita à aldeia urbana Água Bonita, o líder Terena da aldeia, contou sua história de vida, falou de sua infância, das dificuldades da vida na infância, mas segundo o líder, a vida na aldeia urbana estava sendo diferente, ele vivia bem. Ele casou-se com uma Terena, que durante a entrevista esteve ausente, em alguns momentos e em outros, permaneceu calada.

Entretanto, foi constatado que as mulheres na aldeia urbana são ativas, trabalham com a produção de cerâmica, produção de colares, oferecem serviços de produção de alimentos, como pães e verduras para venda externa, nos bairros próximos. Assim, confirmou-se que as mulheres nas aldeias urbanas colaboram com o suprimento da despesa da casa, trabalhando em suas casas produzindo artesanatos, pães e em seguida vendendo externamente. Desta forma a mulher Terena definiu-se como ativa, produtiva e participa de liderança na aldeia urbana local.

Portanto, as mulheres Terena apresentaram-se como ágeis, trabalhadoras, produtivas, participantes em toda esfera social da comunidade, trabalhista, religiosa, de liderança e principalmente colaboradoras na despesa da família, são contribuidoras financeiramente na família. Contudo a esposa do líder da aldeia urbana Água Bonita permaneceu calada, trabalhando durante a entrevista, outras vezes se recolhia no interior da casa, preparando as refeições da família. Assim, expôs sua preocupação de ceder espaço para o esposo, como líder, responder as perguntas da pesquisa, ficou nítida a intenção de direcionar a atenção da pesquisadora para o líder da aldeia. Dessa forma, ela expressou o respeito com a liderança do esposo. Foi observado que as mulheres Terena desempenham variadas atuações, de acordo com a necessidade do momento, desta forma realiza diversas atividades dentro e fora da aldeia urbana. Elas levantam renda financeira e contribuem no trabalho e apoio em todas as esferas sociais, profissionais e religiosas dentro da aldeia urbana. São mulheres fortes e firmes, algumas cuidam da família, familiares doentes, mesmo assim organizam o tempo para levantar rendimento financeiro, contribuindo com aquisição de melhores condições de vida para a família. Portanto constatou-se que a presença e atuação da mulher Terena nas aldeias urbanas são de práticas significativas no meio familiar e social.

A mulher Terena, historicamente, teve sua participação na aldeia voltada para atividades como produção de cerâmica, tecelagem, fiação e afazeres caseiros (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000), mas na contemporaneidade a mulher Terena teve seu papel e função ressignificados, de acordo com as exigências da sobrevivência urbana. Portanto, os papéis e funções entre homem e mulher Terena não se apresentaram divididos, pois, a mulher Terena também ocupa cargos de liderança e realiza ações que antes era distinta do homem indígena, como cuidar da roça. Assim, a mulher Terena em contexto urbano é ágil e capacitada para atuar com as realidades das aldeias em contexto urbano de CG, pois dentre os Terena, as mulheres, em maior quantidade, se apropriaram do espaço urbano, deslocando-se para esta região em busca de melhores condições de vida (URQUIZA e VIEIRA, 2012).

O surgimento da aldeia Água Bonita iniciou-se com a etnia Terena e outras numericamente significativas, como os Guaranis. o que favoreceu o convívio próximo, de respeito e consideração entre as etnias, favorecendo casamentos interétnicos. Urquiza e Vieira (2012) explicaram que a aldeia Água Bonita foi

Fundada em 14 de maio de 2001, a aldeia possui uma história quase que semelhante a Aldeia Marçal de Souza, principalmente com relação à fundação da mesma e os enfrentamentos realizados junto ao poder público. [...] A aldeia Água Bonita possui indígenas da etnia Guarani, Kaiowá, Kadiwéu, Guató e Terena, sendo estes últimos a maioria (URQUIZA; VIEIRA, 2012, p. 92).

Conforme os autores, a aldeia Água Bonita, teve como modelo a aldeia pioneira Marçal de Souza, sendo no local assentadas em torno de 70 famílias, e seus integrantes se encaixaram no campo de trabalho da construção civil, comércio alimentício e feiras (URQUIZA; VIEIRA, 2012, p. 92). Os dados relacionados ao campo de trabalho se modificaram, pois os integrantes dessa aldeia conquistaram novos campos profissionais, como na área de formação universitária, de cargos públicos de professores, enfermeiros, e de produção autônoma de alimentos dentro da aldeia urbana. E a produção de artesanatos típicos, cultivo de árvores que produzem sementes para o artesanato indígena para o comércio Terena. Esses dados foram levantados a partir da interação com a população Terena no ambiente da aldeia onde algumas áreas foram visitadas, como de reflorestamento de árvores nativas produtoras de sementes para artesanato indígenas, área de produção de hortaliças e de organização de reciclados. Os lugares visitados, observados por esta pesquisadora, foi de acesso direto às plantas produtoras de sementes para artesanato, juntamente com a esposa Terena do líder da aldeia urbana.

A aldeia urbana “Água Bonita, localizada na área Norte da capital, foi fundada em 2001 (URQUIZA; VIEIRA, 2012), tornou-se a segunda aldeia indígena urbana a ser constituída, portanto, possui um processo de interação social com o não indígena satisfatório. Assim, apresenta-se o fato de a escola do bairro integrar habitantes Terena nos contextos das festas comemorativas locais, pois durante o processo de coleta de dados, foram realizadas festas comemorativas do “Dia do Índio” com a comunidade Terena e Escola do Bairro. As mulheres Terena foram convidadas a realizar palestras sobre o Dia do Índio para os alunos da escola, elas se apresentaram vestidas como índias Terena, com roupas confeccionadas de algodão cru, desenhadas com gráficos Terena, usando cocar e desenhos de gráficos no corpo.

Assim a comunidade Terena no bairro tem conquistado espaços na sociedade não indígena, contribuindo com a comemoração do Dia do Índio, na festa típica, em contexto escolar.

A comunidade Terena conquistou bem feitorias na infraestrutura da aldeia, fato que revela boa integração com o poder público do MS. O contexto social da aldeia urbana é de aprimoramento com satisfatória integração social, na entrada da aldeia urbana percebe-se a movimentação e a interação social de seus habitantes nas ruas, calçadas, na construção de novas casas na aldeia e na região urbana local. Assim foi possível identificar várias construções no interior da aldeia urbana, que é formada por vários povos, inclusive não índios. É uma aldeia multilíngue, com o uso da língua portuguesa entre outras línguas indígenas como Terena, Guarani, Kaiowá, Kadiwéu, Guató²⁶ pertencentes as diferentes etnias moradoras no local.

Em relação às aldeias urbanas localizadas próximas umas das outras, como é o caso da Vila Romana, do Jardim Inápolis e da Santa Mônica, percebe-se uma interação diferenciada entre elas, constatou-se a presença de familiares consanguíneos entre as aldeias urbanas citadas. A aldeia urbana da Vila Romana desenvolveu interação com a comunidade do bairro e do frigorífico, e com outras aldeias urbanas Terena da região, através das festas comemorativas realizadas no pátio central da aldeia urbana. Da mesma forma ocorreu com a aldeia urbana do Jardim Inápolis que desenvolveu festa comemorativa na comunidade Terena e com as outras aldeias urbanas Terenas da região e da capital. A aldeia urbana Santa Mônica revelou-se como uma aldeia formada por índios Terena com casamento Interétnicos com afro-brasileiros, e interage com as aldeias de bairro distantes da capital. E tem por hábito realizar festas comemorativas, como churrascos, entre familiares Terena, não índios e convidados especiais, como as autoridades municipais, estaduais e nacionais, mas com restrito uso da LT e maior uso da LP.

Todo o processo de observação realizado nas festas, como também as participações em eventos revelaram o esforço de bom convívio, social com o não índio e entre as etnias. Todas as aldeias urbanas citaram como integrantes os indígenas Terena, Guarani, Kadiwéu²⁷, Kaiowá, Guató, Ofaié presentes como na aldeia Água Bonita²⁸, além de não indígenas e afro-brasileiros. A respeito do uso linguístico, apenas a aldeia urbana Santa Mônica não manifestou o uso da LT durante as entrevistas e observações, portanto optaram pelo significativo uso da LP.

²⁶ Descrição apresentada por Urquiza e Vieira (2012).

²⁷ Grafia conforme Urquiza e Vieira (2012).

²⁸ Grafia dos nomes indígenas confirmada no site https://pib.socioambiental.org/pt/Categoria:Povos_indigenas_no_Mato_Grosso_do_Sul.

A etnia Terena é o foco da pesquisa e a observação revelou que o contexto social que caracteriza o convívio dessa etnia é marcado pela ajuda e pelo apoio de uns para com os outros e pelo esforço de cativar a simpatia do não índio e manter bom convívio social com todos. A comunidade Terena usa de forma diversificada a Língua Terena entre si, em contexto familiar, e em diferentes ambientes sociais, como a igreja, com uso diferenciado pela faixa etária. Sendo o uso da língua de origem praticada por poucos jovens, e em maior proporção pelos adultos e idosos, com destaque para as mulheres entre familiares. Os homens Terena, adultos e idosos falam Terena entre si, em público, mas em tom baixo e reservado entre eles, em maior proporção que os jovens durante as interações festivas, comemorativas e reuniões Terena.

Na interação entre Terena, diante de controvérsias, de diferenças de opiniões, o diálogo é o caminho escolhido, mas a comunicação verbal passa para o nível da fala do uso do idioma Terena, mesmo na presença do não indígena. Dessa forma, foi percebido que os Terena usam a LP para o contato com o não índio e para a comunicação entre os jovens, e a LM passou para ser usada no convívio da comunidade Terena e no contato entre familiares. Portanto, foi observado o uso da LT entre familiares, no contato particular da família, e o uso da LP entre momentos públicos e no contato com o não índio, dados obtidos através das visitas, observações e na realização do questionário e entrevistas, assim, foram evidenciadas as configurações de uso da LT e LP.

3 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Neste capítulo busca-se responder às perguntas da pesquisa sobre o uso das Línguas Terena e Portuguesa nas comunidades indígenas Terena da capital do MS e abordar os significados desses usos para elas. Destaca-se que o contexto linguístico da comunidade pesquisada se configura como complexo e diversificado, (NINCAO, 2003, p. 59-61) devido aos diferentes locais de origem dos Terena. Assim, foram discutidos os significados e resultados dos usos linguísticos estabelecidos no contexto das comunidades indígenas Terena estabelecidas nas aldeias urbanas do município de CG.

Para a discussão dos resultados, este capítulo está organizado em sete tópicos. O primeiro apresenta a análise do contexto das aldeias indígenas obtida por meio das entrevistas realizadas nas comunidades indígenas Terena, com diferentes sujeitos e lideranças Terena. Em seguida, apresentou-se a configuração do uso das línguas Terena e Portuguesa obtida na realização do questionário na referida comunidade das aldeias urbanas da capital do MS, o uso da LT e LP por contextos de faixa etária, bem como o uso da LP nas aldeias urbanas, os significados dos usos linguísticos no contexto da comunidade, a configuração do processo de diglôssia e a alternância de código como recurso linguístico. A análise tem por base os estudos de Franco (2007), Maher (2007; 2016), Bittencourt; Ladeira (2000), Nascimento; Vieira (2015); Severino (2016); Azanha (2005); Pereira (2009); Oliveira (2011); Barreto (2009); Zoia; Pasuch; Pripolli (2015); Nincao (2003; 2008); Hohmann (2009); Xavier e Nincao (2019); Bernieri (2017); Calvet (2002); Garcia (2007); Farias e Medeiros (2017); Sordi (2018) e Souza (2010).

3.1 O contexto das entrevistas nas aldeias urbanas de CG, capital do MS

As entrevistas, realizadas com líderes Terena das aldeias indígenas da região urbana da capital, evidenciaram uma diversidade de contextos e ambientes no momento de realização, pois, é no contexto de convívio que o integrante de uma comunidade se deixa conhecer, expressando suas particularidades. O contexto de convívio é o lugar em que fatos se configuram, segundo Franco (2007).

Nesse sentido, compreende-se que o contexto abrange acontecimentos desenvolvidos na inter-relação entre seus componentes. Assim, considerando o contexto histórico do povo Terena, foi marcado por uma construção histórica de fatos relevantes (BITTENCOURT;

LADEIRA, 2000), como a conquista das terras. Na atualidade, tais fatos mostraram-se como tempo de avanços, de conquistas, o tempo da chegada do Terena para a região urbana do MS.

O atual momento vivenciado pelo povo Terena, isto é, a saída da Terra de origem, tem determinado a instituição de uma nova realidade, ou seja, o encontro com um “novo mundo” (NASCIMENTO; VIEIRA, 2015, p. 122). É um momento de convívio inter-relacional, experimentado com uma sociedade diferenciada da sociedade nativa. O Terena enfrenta um contexto socioeconômico e linguístico que lhe é alheio, um momento que pode ser definido como tempos de desafios. Assim designado devido aos desafios reais e cotidianos que o Terena foi induzido a enfrentar em seu dia a dia, a nova experiência na área urbana da capital do MS. Torna-se um desafio sobreviver na área urbana com poucos recursos financeiros e, devido a esse desafio, os homens Terena saem e arrumam trabalhos braçais, as mulheres arrumam serviços no comércio e residências familiares para sustentar a família na aldeia urbana. E nesse contato diário, social, econômico e profissional o Terena usa a LP. Assim o líder Emerson²⁹ residente na aldeia urbana Água Funda explicou a realidade de uso da LP no ambiente de trabalho e a LT para se comunicar com parente Terena.

As entrevistas nas aldeias urbanas aconteceram junto com a ação de observação do convívio do Terena em sua comunidade familiar, social, religiosa, profissional, portanto, dentro do contexto disponibilizado para obtenção de dados para esta pesquisa. Segundo Severino (2016, p.108) “Ao trabalhar com seu método, a primeira atividade do cientista é a observação dos fatos. [...]”, sendo que a observação só é possível a partir da interação. Assim, o autor explica “[...] não basta ver, é necessário olhar [...]” e esse olhar implica variadas posturas pessoais (SEVERINO, 2016, p.108).

Na primeira visita à aldeia urbana Água Bonita, o líder explicou particularidades da aldeia, de sua liderança, como a questão de que cada etnia realiza sua festa, com uso da LM, portanto a etnia Terena realiza suas comemorações na comunidade Terena com uso da LT. A primeira entrevista foi realizada no dia 5 de abril de 2018 com um líder da aldeia urbana Água Bonita, aqui denominado, Líder 1. Ele respondeu a seguinte pergunta:

Que línguas são faladas na aldeia urbana, comunidade e na família?

Líder 1 da aldeia urbana Água Bonita

“Português porque não entende as línguas Terena, Kaiwá, Kadiweu, Guató, Guarani, Kinikinawa. E a orientação para a família sobre a língua: vai precisar. Fala esqueceu. Casa língua materna. Festas separadas, fala de etnia.
(A resposta **do Líder 1**, da aldeia urbana Água Bonita foi transcrita conforme a fala original).

²⁹ Nome fictício.

Em seguida, o líder religioso, denominado Líder 2, explicou a importância da Língua Terena para ajudar a entender e falar o português. Ele disse:

L2

A importância da Língua Terena para nós que somos índio.

No caso da nossa crianças, e também tem velhos, os anciãos, também anciãos que **precisam de explicação.**

Então a importância **do nosso “idioma” materno é ajudar aquelas pessoas que não entende muito bem, falar português nê?** E nós que estamos aqui na cidade eh... procuramos **ajudar aqueles que ainda não, não conseguem, nê? Entender a Língua Portuguesa.**

Eu tenho uma tia também que não fala português, tem que ter uma pessoa do lado que fala em Terena pra ela, para entender o que o branco ta dizendo para ela nê? Então isso **é de suma importância para nós.**

Na segunda visita realizada com a informante guia Terena, definiu-se uma nova entrevista, desta forma adentramos a aldeia Água Bonita em direção à casa de um casal Terena, idosos que na companhia da filha adulta e netas crianças receberam esta pesquisadora e a guia Terena, sendo que o idoso era vice-líder Guarani na aldeia urbana. A questão do convívio da etnia Terena com outra etnia retoma o fato de que, ao longo da história, a característica expansionista do Terena favoreceu o convívio com outras etnias (AZANHA, 2005). Este fato aconteceu algumas vezes, entretanto, eles não perderam a identidade e costumes Terena, mas, criaram formas diversas para suas práticas de preservação da tradição Terena, conforme Pereira (2009, p. 123). Durante a entrevista, a idosa Terena respondeu ao questionário e confirmou que entende, usa e ensina a LM com as netas, entretanto, uma neta não gosta, mas a outra gosta e usa as palavras ensinadas. A idosa falou que seu filho adulto usa a LM em casa e tem outra neta que entende e usa um “pouco” a LT.

A idosa, Terena com mais de 60 anos, confirmou o esforço de conservar o uso da língua de seu povo na aldeia e em casa, assim o uso da LT juntamente com a portuguesa entre os Terena, entre adultos e idosos tornou-se comum na aldeia urbana. Em seguida, na mesma visita, o Terena Diogo participou da entrevista e confirmou o uso da LT em casa, a LP na comunidade geral e no contato com o não índio, definindo como uso comum a LP na aldeia, no contato social geral e no contexto da escola.

No interior da aldeia, a guia Terena encontrou parentes³⁰ Terena e, passaram a conversar usando a LM entre si, da mesma forma outras mulheres Terena no mesmo caminho, no interior da aldeia, se integraram ao grupo fazendo uso da LT. Na sequência, mais parentes Terena, passaram a conversar e, durante uma hora, usaram a língua de origem sem alternar

³⁰ Termo que faz referência a outro Terena e até mesmo a outro indígena, de outra etnia.

com o uso da LP. Na sequência, outras mulheres chegaram e, intermediaram o uso da LM com o uso da LP. Toda estratégia de uso da LP e LT retoma a questão de que o Terena é um povo que possui estratégias linguísticas próprias (Nincao, 2003; 2008), e buscam conquistar novos espaços (Urquiza; Vieira, 2012) e se apropriam de seus direitos constituídos por Lei, a partir da Constituição de 88 (BRASIL, 1988 apud OLIVEIRA, 2011, p. 20). Como evidência da apropriação de seus direitos, foi confirmado pelas mulheres Terena a existência de uma sala de reforço de ensino da LT para crianças, uma sala mantida pela comunidade.

Como já foi mencionado, constatou-se na aldeia urbana Água Bonita a existência de diferentes etnias, assim, a realidade de línguas em contato, ou seja, é uma aldeia multilíngue, com a presença de vários povos na mesma área, e que fazem uso da língua de origem e da LP no contexto geral e entre as diferentes etnias.

Algumas reuniões nessa aldeia, foram abertas para observação, coleta de dados e anotações sobre o uso da LP e Terena. Em uma reunião de mulheres Terena, na realização de agradecimentos, algumas optaram por usar a LM e também a LP. Outras explicaram que preferiam manter a privacidade e, assim usariam a Língua Terena. Elas usaram a LM para falar de suas experiências, porém outras mulheres usaram a LP sem dificuldade, ajudando esta pesquisadora a entender os assuntos que podiam ser entendidos por uma mulher não Terena, presente na reunião formada pelas mulheres Terena.

Diante dessa realidade multilíngue da aldeia urbana Água Bonita, reflete-se sobre a preocupação levantada por Pereira (2009, p. 188) sobre os destinos das línguas indígenas que não fazem parte do mercado linguístico da sua área existencial, mas encontram-se isoladas dentro do espaço cultural, imperceptível, por vezes impossibilitadas de interação e transmissão na sua região. Uma realidade que se assemelha a realidade de uso da LT em contexto urbano, na realidade multilíngue da aldeia indígena urbana anteriormente citada.

A entrevista na aldeia urbana do Jardim Inápolis, concretizou-se no encontro com a liderança Terena, sendo que depois das apresentações, o líder falou de sua infância, as dificuldades para ir à escola. A entrevista aconteceu com a liderança da aldeia urbana, formada por aproximadamente 80 famílias. A liderança explicou a preocupação com a conservação da LM, a cultura e tradição do seu povo. O líder Terena mencionou que, na sua casa, entre os filhos, é pouco falado o idioma Terena. Ele revelou também seu interesse, desejo e preocupação em fortalecer a língua de origem na comunidade Terena. Em sua fala, percebeu-se no uso da LP a influência da prosódia da LM³¹. Conforme o contexto

³¹ A fala não foi transcrita pois ocorreu em momento de interação familiar e não foi disponibilizada para gravação o momento do uso da LP.

apresentado, retomamos à fala de Barreto (2009, p. 121) quando faz referência a contextos diferenciados de bilinguismo:

Inicialmente concluímos que se considerássemos bilíngue somente o indivíduo com domínio igual e nativo em duas línguas, estaríamos por certo excluindo a grande maioria e, com certeza, os casos mais interessantes a serem discutidos e analisados. Partimos assim da afirmação de que o bilinguismo é um fenômeno relativo [...] (BARRETO, 2009, p. 121)

Dessa forma, confirma-se no contexto de aldeia urbana do Jardim Inápolis, uma realidade diferenciada de uso da LT e portuguesa. O líder explicou que seu neto é incentivado a usar a LT em casa, pois só “bebe água” e “come carne” na presença do avô quando realiza a solicitação no uso da língua de origem, falando as palavras referentes a seu desejo, pelo uso da LT, da seguinte maneira:

“Ngaha’á une = quero água”

e

“Ngaha’á vaka³² = quero carne”

O neto (criança) do líder avô Terena, só obtém o desejado fazendo uso do idioma Terena, o líder avô explicou que assim é valorizada a língua da sua etnia. Segundo o líder, o neto entende palavras, frases em Terena, mas usa pouco a língua de origem, tendo a tendência de usar a LP com mais frequência. Entretanto, o filho jovem do líder foi citado como quem entende e fala algumas frases em Terena, mas, demonstrou falta de interesse em usar sua língua de origem. Já a filha do líder Terena, professora, entende bem e usa a LT no meio familiar e LP no trabalho.

Quanto aos adultos da aldeia, o líder citou que eles entendem e são falantes da LM como os idosos, mas existem aqueles que entendem a LT, porém usam palavras e frases simples, além daqueles que entendem e falam com facilidade a LT. O uso da LP pelo líder da aldeia se revelou comprometido na prosódia pela influência da LM. Assim, certifica-se a existência da complexidade do contexto linguístico das comunidades indígenas Terena, em sua maioria constituída como bilíngues (NINCAO, 2008, p. 68).

O fundador da aldeia, senhor Pedro, é um Terena idoso com mais de 70 anos, que usou a LP para se comunicar, mas demonstrou domínio e uso da LT. Ele revelou preocupação com a conservação da língua do seu povo, pois seu neto jovem não fala e não quer aprender a LT. O

³² Não foi realizada a transcrição das frases na língua terena devido a diferença de pronúncia da língua de origem entre as gerações e locais de origem do povo Terena.

fundador da aldeia revela conhecer a LP em nível de comunicação com o não índio e explicou que alguns adultos conhecem a LT, outros entendem e não falam, além dos que falam com facilidade a LM. Essa é uma realidade que demonstra a capacidade do Terena em assegurar a existência da sua cultura, assim como a língua (ZIOIA; PASUCH; PRIPOLLI, 2015, p. 88).

Segundo Nincao (2003; 2008) o povo Terena historicamente construiu suas políticas linguísticas, relacionada ao contexto de uso da língua de outro povo. O Terena construiu a estratégia política de aprender a língua do outro. A autora explica que “[...] a política linguística desse povo oriunda do caráter historicamente expansionista dos Aruaque [...]” configurou-se modernamente como uma política bilíngue de uso complementar das duas línguas (NINCAO, 2008, p. 191). As características dos Terena se materializam na particularidade que esse povo tem de desenvolver sua estratégia linguística própria, de dominar a língua do outro, de desenvolver sua política bilíngue. A autora prossegue explicando que quando o assunto é política linguística

[...] devem contar prioritariamente com a presença de representantes indígenas tanto em seu planejamento como em sua execução, o que raramente é visto no país. Devemos considerar que as comunidades e povos indígenas têm suas políticas linguísticas que muitas vezes, na maioria delas, são desprezadas [...] (NINCAO, 2008, p. 197)

Diante da ideia que o povo Terena possui sua política linguística faz-se necessária a formação de profissionais Terena que conheça e atenda a necessidade da comunidade Terena.

A única mulher na liderança Terena da aldeia urbana do Jardim Inapólis, Jacira, explicou que sempre usou a LT desde criança, mas, atualmente, usa a LM com o esposo no meio familiar. Sua preocupação é com o resgate da língua de sua etnia e, para isso, deseja ter um professor Terena para ensinar a oralidade e a escrita da LT, para as crianças em aulas de reforço dentro da aldeia. Conforme Hohmann (2009, p. 193), a ortografia padrão de uma língua contribui para o seu reconhecimento oficial. A líder revelou preocupação em manter o uso da LT, os costumes, a cultura e a alimentação típica Terena no contexto de aldeia urbana. Conforme seu relato, a LT é usada de maneira variada no contexto da aldeia urbana, sendo que alguns jovens a entendem, outros entendem só frases, além dos que entendem, mas não usam, assim como existem aqueles que entendem e falam com facilidade. Sobre as mulheres Terena, a líder explicou que algumas entendem sua língua, mas não a utilizam com frequência, outras entendem, mas usam apenas palavras e frases simples.

A líder citou a ausência de falantes jovens, fluentes na LT, que falem com facilidade a língua de origem, pois perguntas produzidas na LT, apresentam respostas oferecidas na LP. Essa situação releva o fato de que as crianças e jovens Terena perderam o interesse em aprender, em falar sua língua de origem, por falta de incentivo e valorização da língua de origem, conforme a explicação da líder. Entretanto é importante retomar que é no contexto familiar que a vitalidade linguística se assegura da continuidade de uso. (HOHMANN 2009, p. 198).

A aldeia urbana da Vila Romana fica próxima a aldeia urbana do Jardim Inápolis, e, na ocasião da visita para coleta de dados encontramos o líder Denis, que é casado com Terena. A pesquisa foi apresentada a ele, sua esposa e filhos que foram se achegando para participar da entrevista. A informante guia interveio usando sua língua de origem e o líder respondeu a guia Terena, fazendo uso da LP, ele disse que estava à disposição para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa. No início, constatou-se o uso da LT e da portuguesa para atender as perguntas sobre a aldeia urbana.

Assim foi respondido o questionário da pesquisa para a pergunta:

Que línguas são faladas na comunidade indígena Terena (aldeia urbana)? E na família?

O Líder da aldeia urbana da Vila Romana respondeu³³

L1-

As duas línguas: Terena e portuguesa são faladas na aldeia urbana da Vila Romana.

O líder explicou que, em casa, as mães falam a LM com os filhos e, os homens utilizam as duas línguas na comunidade, de acordo com a necessidade do momento. Ele concluiu que entre os adultos fala-se o idioma Terena³⁴. O líder da aldeia prosseguiu explicando que as crianças e jovens da aldeia urbana aprendem as duas línguas, pois a aldeia possui uma sala de reforço do ensino da LT, estabelecida no frigorífico Bordon.

Barreto (2009, p. 121), ao falar do bilinguismo, explica que cada indivíduo bilíngue possui sua característica e que “Com esta condição particular, os indivíduos bilíngues apropriam-se de dois códigos distintos e os utilizam em determinadas comunidades de fala, em diferentes ambientes (familiar, social, escolar e profissional)”. Outro fator relevante foi

³³Transcrição original da fala na LT, o sujeito da pesquisa é um líder adulto que se esforça para utilizar a língua portuguesa de forma correta, sua fala é pausada e pensada. Ele demonstrou ser uma pessoa calma ao fazer uso da língua portuguesa, portanto utiliza a LP de forma consciente, buscando usar a língua de forma correta, mesmo sendo sujeito bilíngue (MAHER, 1997)

³⁴ A expressão idioma Terena foi uma expressão utilizada pelo líder para falar da LT.

observado, o desenvolvimento da alternância de códigos entre a LT e portuguesa, junto aos Terena entrevistados, no contexto de aldeia urbana.

O líder explicou que seu irmão é casado com uma Terena, confirmando a presença do casamento interétnico, um fator comum nas aldeias urbanas da capital, pois as aldeias são formadas por mais de uma etnia indígena, por diferentes povos, assim como por não índio e afrodescendentes.

A sala de reforço da aldeia urbana da Vila Romana possui uma professora Terena que escreve em Terena e procura resolver o problema da escrita na língua Terena³⁵. A sala funciona meio período do dia, três vezes por semana e atende alunos Terena da região, como também da aldeia Santa Mônica, Vila Bordon e Vila Popular, mas a distância e locomoção de menores em rodovias perigosas dificulta a participação das crianças Terena nas aulas de reforço da LT.

O líder da aldeia urbana expressou a tristeza que enfrenta devido à discriminação que o índio sofre na sociedade não indígena. Ele prosseguiu sua explicação, chorando falou da zombaria de alunos não índios sobre a LT e reconheceu a necessidade de representantes de sua etnia nas universidades, disse que precisam do apoio de pessoas que lutem por eles em todos os lugares.

A presença de crianças não falantes da LT foi constatada na aldeia urbana da Vila Romana, pois um Terena (menor de idade) que cresceu na cidade de Sidrolândia argumenta que não entende, não fala, não usa palavras na LT em contexto familiar ou comunitário e não deseja aprender seu idioma³⁶. Assim, sua mãe ³⁷ explicou que seu filho só entende, fala e usa a LP desde pequeno. Entretanto, outra criança Terena, de 11 anos, se identificou como falante da LP com habilidade e fluidez, porém, com conhecimento mínimo da LT. Ela explicou que aprendeu um pouco de sua língua, disse que já entendia palavras e frases simples, mas usava pouco em casa e na aldeia urbana. Para exemplificar, essa criança Terena explicou que sabe o significado de “áko’o”, que significa “não”.

A filha do líder Denis, de 13 anos explicou que não fala muito a LT, disse que usa mais o português em casa e na comunidade, mas deseja aprender a falar a LT com fluidez para usar a LT com a mãe. A informante explicou que entende a língua de sua etnia, mas não fala com fluidez e não usa constantemente. Entretanto, ela ressaltou o fato de estar

³⁵ A informante citou a dificuldade da escrita em Terena de palavras faladas apenas em português pelos alunos Terena.

³⁶ Termo usado pelo falante Terena, menor de idade.

³⁷ Os Terena menores de idade que participaram da entrevista estavam acompanhados pelos pais e suas respostas eram explicadas pelos pais.

aprendendo e tem a habilidade de entender a LT, mas, fala menos a LT que a LP. O entrevistado M., de 11 anos, Terena³⁸ explicou que fala mais a LP em casa e, na escola, e está aprendendo a LT na sala de reforço do ensino da língua e, assim explicou que usa poucas palavras em Terena com a mãe.

Já o adolescente Terena F. de 15 anos, disse usar a LP e a LT em casa e na comunidade, pois costuma falar com a mãe algumas vezes na língua de sua etnia. Outras vezes, com pessoas fora da família e na escola usa a LP, porque a professora indígena da escola não é falante da LT³⁹. O adolescente J, de 17 anos, disse que está aprendendo Terena, usa em casa e deseja aprender mais. Ele explicou que entende bem, mas não fala com fluidez, no entanto, a mãe explicou que o filho auxilia a professora de LT na sala de reforço no frigorífico Bordon.

Na mesma comunidade os jovens⁴⁰ entrevistados, responderam a seguinte pergunta
Que línguas são faladas na comunidade (aldeia urbana) indígena? E na família?

**J1: Tem vez Terena
 Português**

A entrevistada adulta E. (39 anos), é casada com líder Terena e explicou que usa a LT com a comunidade, em casa, com os filhos, porém, em geral, utiliza mais a LP. Ela é líder Terena e concedeu a entrevista falando sobre seu povo, sua cultura, costumes e o significado do nome da aldeia:

Líder Terena feminina - Explicou como era escrito o nome da aldeia urbana da Vila Romana, na Língua Terena e Portuguesa.

**L2-
 “Uti kopeti no terenoe”
 que significa
 “Somos índios Terena”.**

A Líder 2, se apresentou como falante de LM com os filhos, e demonstrando o uso da LT, explicou que as mães são mais falantes da LT com os filhos, em casa. A líder feminina Terena explicou que em sua cultura não há brigas e, quando eles não gostam de algo, fazem

³⁸ As crianças menores de idade participaram da entrevista acompanhadas por um dos pais.

³⁹ Esse dado foi cedido por mães com seus filhos presentes no horário da entrevista.

⁴⁰ É importante considerar que os jovens demonstraram timidez ao falar do uso da LT e LP na aldeia urbana da capital do MS (XAVIER; NINCAO, 2019).

cara feia e, para chamar a atenção dos filhos, não gritam, mas fazem cara feia e dão beliscão. Essa líder realizou sua entrevista fazendo uso da LT com a guia e o uso da LP com habilidade.

A aldeia urbana Santa Mônica foi visitada oficialmente para apresentação da entrevista, a visita foi conduzida para a casa do líder Robson, um índio, filho de casamento interétnico com afrodescendente. Ele não foi receptivo a responder as perguntas da entrevista e prometeu enviar convite para a “Festa do Índio”, prometeu uma nova oportunidade de entrevista, no sábado seguinte, mas as promessas não foram concretizadas. O que não impediu o recebimento do convite para participar da Festa do Índio na aldeia, pois foi uma festa aberta a comunidade geral, e a comunidade não indígena.

Essa festa apresentou características típicas do povo Terena: alegria, trajes e danças típicas, além de pinturas de gráficos Terena. A aldeia possui desenhos Terena pintados nos postes e nas colunas fixadas nas ruas. A festa do Dia do Índio foi expressiva, com a presença de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos Terena e de outras etnias, além de brancos⁴¹ e de autoridades Terena locais e de Brasília (DF). Estava presente a líder fundadora da aldeia.

A seguir, a Imagem 1 registra a presença da liderança Terena no evento.



Imagem 1: lideranças Terena reunida na festa do “Dia do Índio” na aldeia urbana Santa Mônica
Fonte: Acervo da autora (2019).

⁴¹ Termo usado por Nincao (2008) e faz referência a não índio, é usado por Terena e por não indígenas.

Durante a Festa do Dia do Índio (2018) na chegada da aldeia, na tenda das apresentações culturais Terena havia uma pesquisadora americana e pesquisadores de outras instituições. No contexto, foi observado o uso da LT no meio de homens adultos entre 25 a 40 anos em reunião reservada, próxima ao grupo de líderes Terena. Também foi constatado o uso da LT pelo professor, líder da dança cultural indígena com os alunos crianças e adolescente das comunidades Terena. Não foi identificado no uso do microfone, em público, o uso da LT, pois durante a festividade o líder Terena usou a LP.

Na aldeia urbana Água Funda, as entrevistas foram coletadas conforme as oportunidades disponibilizadas pela liderança e comunidade. Os dados foram coletados por meio de reuniões com Terena de várias idades, em que havia a presença de líderes, homens e mulheres Terena, dentre elas mães que apresentaram dados sobre seus filhos. A adolescente S. (12 anos) é Terena e fala a LP com habilidade em quase todos os contextos, usa poucas palavras na língua de seu povo, no meio familiar e na comunidade, porém, tem facilidade para entender a LT. Não frequenta sala de reforço do ensino da LT porque a escola não possui professor falante da LT. Já a Terena T. (10 anos) expôs que entende com facilidade a LM, mas não fala a LT. Portanto, usa a LP na comunidade e, no meio familiar. O jovem S. (22 anos) explicou que fala Terena com facilidade na comunidade e no meio familiar, e também usa o português com habilidade.

A líder Terena E. L. (32 anos) usou a língua de sua etnia com outras mulheres Terena em vários momentos da entrevista e disse que usa a LT em sua comunidade e no meio familiar, ela declarou que usa o português no contexto de trabalho e no contato com o "purytuya" (não índio). O informante S. é casado com V. (32 anos), e fala a LT com facilidade, ele confirmou que usa a LM na comunidade e em casa com frequência e, usa a LP no contato com o não índio. A Terena M. (25 anos) explicou que entende a língua de sua etnia, mas não fala, porém, foi corrigida pela guia Terena de 65 anos, afirmando que era mentira, porque, segundo a idosa, quem entende a LT, e diz que não fala está mentindo, a guia Terena afirmou: "fala sim".

Este acontecimento confirmou que as novas gerações demonstraram timidez em assumir que falam a LT (XAVIER; NINCAO, 2019), pois a correção da guia Terena constatou que as gerações mais jovens sentiram vergonha em assumir o uso da LT. Assim, foi observado o uso da LT, no contexto da aldeia urbana da Água Funda⁴², em conversas entre

⁴² É preciso retomar que alguns Terena da Água Funda são de origem da região de Miranda, região com maior população falante da LT.

Terena, adultos e idosos, em reuniões familiares, religiosas e festas, sendo a LP usada em maior proporção diante do não Terena e com a vizinhança “branca⁴³”, próxima à aldeia. A líder 1 da comunidade Terena urbana, “Água Funda”, jovem senhora, explicou que a LP favorece a comunicação na área urbana da capital, porém alguns indígenas Terena mantem o entendimento e uso da LT entre eles. Em observação ao contexto da aldeia, foi identificado um casamento interétnico entre uma Terena e um homem branco. Nesse casamento, a jovem senhora alegou que entende a língua de seu povo, porém não fala, assim ela usou a LP com habilidade. Entretanto, seu esposo não índio aprendeu Terena e fala com habilidade, fato que conta com alegria e satisfação.

Fez parte do contexto da aldeia urbana “Água Funda” a apresentação de músicas e orações em Terena nas reuniões religiosas, todavia o uso da LP foi intenso e praticado em maior uso na presença do não Terena/ não índio. Recebeu destaque o caso de uma criança Terena (7/8 anos) que usava o idioma de seu povo (Terena) nos horários de brincadeiras com outro coleguinha Terena no quintal da casa, mas o coleguinha Terena que não entendia LT, e pediu para que ele falasse em português.

E então ele foi advertido pela mãe que usasse a LP, pois o coleguinha não entendia sua língua, ao ser advertido, o menino, que fala fluentemente a LT, começou a usar a LP com o coleguinha. Esse fato foi contado por aproximadamente 5 pessoas, dentre elas algumas mães Terena, desse modo, ficou claro que, no contexto da aldeia “Água Funda”, é comum o bilinguismo, assim como o uso da LP em outros contextos da comunidade Terena. Outro fato relevante foi encontrado em uma família Terena, o líder e esposo Terena sabia escrever, ler e ensinar a LT, pois participou de aulas da língua de origem no contexto de sua antiga aldeia.

No final do dia de coleta de dados, na saída da aldeia, a pesquisadora encontrou uma mãe Terena com cinco filhos pequenos, no colo da mãe havia um bebê de dois anos e outros maiores andando na rua, descalços, debaixo do sol quente. Quando a pesquisadora perguntou sobre o uso da LT, ela explicou que seus filhos não falavam a língua de seu povo, mas os filhos, do primeiro casamento do esposo, falavam a LT. A mãe Terena expressou seu arrependimento de não ter ensinado seus filhos a usar a LT em casa. Diante disso a pesquisadora explicou à mãe Terena que havia tempo para ensinar, mas ela disse que entendia que havia perdido tempo e que não havia se dedicado ao ensino da LT durante o crescimento de seus filhos.

⁴³ Terno utilizado oralmente pelo (a) Terena adulto fazendo referência ao não indígena.

Na aldeia urbana Marçal de Souza a pesquisa foi realizada em momentos disponibilizados pelos integrantes da comunidade Terena, foram totalizadas 17 entrevistas. As primeiras entrevistas foram realizadas com moradores Terenas e familiares voluntários em participar da pesquisa.

A Imagem 2, a seguir, registra a primeira visita, entrevistas e observação do uso da LT e portuguesa da comunidade Terena.



Imagem 2: Primeira visita, entrevista e observação na aldeia urbana “Marçal de Souza”.

Fonte: acervo da autora (2019)

Na entrevista, foi observada boa disposição, alegria em participar da pesquisa, sendo constatado que as idosas usaram a LT nas conversas em grupo e, quando desejam, mudavam para o uso da LP com facilidade. As senhoras e idosas alternavam o uso da LM com a LP sem dificuldade e, assim mudavam da LP para a LT, definindo privacidade na conversação entre elas. As idosas entendiam o que era dito nessa língua, algumas respondiam na LT, outras na LP. No momento da entrevista, as crianças atendiam as orientações realizadas na LT, pela mãe e avó, demonstrando entendimento da língua Terena.

Em outra ocasião, durante a entrevista com adolescentes e jovens (moças, rapazes) havia uma adolescente (V.), com dificuldades para entender as perguntas da pesquisa, realizadas na LP. A informante guia interrompeu a explicação, realizada no uso da LP e, falou sobre a pesquisa para a adolescente fazendo uso da LT. Em seguida a jovem respondeu às perguntas usando a LP, porém com respostas breves. Neste momento foi constatado que a

adolescente teve melhor entendimento da explicação realizada no uso da LT. O mesmo episódio aconteceu com outro rapaz Terena, ainda na aldeia urbana Marçal de Souza, ele precisou de explicações em sua LM sobre o questionário e então respondeu em português, com respostas simples. Outros rapazes que se comunicavam em Terena, participaram da entrevista e responderam com facilidade o questionário, mas, no jovem S. de 18 anos e seus colegas, constatou-se uma atitude de timidez ao falar sobre o uso da LT e portuguesa (XAVIER e NINCAO, 2019).

No final de novembro de 2018, aconteceu uma reunião de plateia, entre lideranças Terena, e no momento foi usada a LT durante três horas sem interrupção, debatendo assuntos da comunidade Terena. Os jovens participantes demonstraram entender o discurso realizado na LT, pois se observou que interagiam com os falantes adultos, afirmando concordância com a cabeça e batendo palmas após os discursos realizados na LT.

Em outros contextos de entrevista, na mesma aldeia, o informante Terena C. (50 anos) afirmou que usa somente o português, confirmando que não fala Terena. Já o informante L. F. (14 anos) expôs que usa a LT, porém, fala pouco, e mais ou menos a LT. No cotidiano declarou usar a LP na escola, com a família e na comunidade. A informante M. (50 anos) afirmou usar algumas vezes na LM e usa com mais frequência a LP. O idoso B. (64 anos) afirmou usar mais a LM e, algumas vezes, as duas línguas, pois entende “menos” a LP. A jovem Terena E. de 25 anos, confirmou o uso da LT na comunidade, na família, entretanto faz uso da LP com mais frequência.

A adolescente E. (22 anos) explicou que usa ambas as línguas na comunidade e na família, sendo que fala bem o Terena, mas usa mais o português. A mesma adolescente fez o pedido de sala de reforço do ensino da LT em sua escola localizada no Jardim Noroeste. Diferentemente, a idosa D. (43 anos) confirmou que usa a LT na comunidade, na igreja, assim como a LP. Mas, o uso das duas línguas, LT e LP, para S. (26 anos) acontece na comunidade, porém, em família prefere o uso da LT. A informante explicou que tem facilidade na escrita da sua língua e que entende e usa palavras em Terena nas redes sociais. Já o jovem W. (22 anos) falou que usa a LP e a LT na comunidade e na família, entretanto, usa mais a LP, pois tem mais domínio dessa língua. Outra jovem entrevistada, a jovem Terena H. (26 anos), confirmou que usa a LT e LP, mas usa a língua de seu povo na comunidade, na família e entre os parentes, e a LP no trabalho.

Da mesma forma, F. (13 anos) concedeu entrevista, afirmando que na comunidade Terena e junto a população não Terena e, na escola usa a LP. Mas, no meio da família usa um pouco a LT, assim, ele afirmou entender e conhecer a língua de seu povo Terena, e se

declarou falante “um pouco” da LT. Durante as entrevistas com jovens mães⁴⁴, foi constatado que os bebês crescem no contexto ouvindo a LT, assim, duas crianças Terena foram apresentadas como falante da LT, sendo uma das crianças de 4 anos, denominada falante de algumas palavras na LT. Do mesmo modo outra criança de 6 anos foi apresentada pela mãe como falante da língua de origem da etnia. Em observações, durante o curso de cultivo de orquídeas, ministrado na grande oca, liberado para participantes não índios, na aldeia urbana Marçal de Souza foi constatado um pai Terena, que ao chegar do serviço externo, usou a LT ao falar com o filho bebê de quase dois anos em seu colo. Assim foi constatado que as crianças presenciam o uso da LT pelos pais, avós dentro da aldeia urbana.

A aldeia urbana Darcy Ribeiro foi contemplada pela pesquisa por meio da participação na “Festa do Índio”, uma festa indígena, com decoração e trajes típicos com riscos gráficos Terena, onde aconteceram às apresentações culturais da etnia. Assim, participou-se das apresentações e do churrasco comemorativo na aldeia, na casa do líder e professor Tadeu Terena. A pesquisa, nessa aldeia urbana, foi desenvolvida através da observação iniciada na entrada da aldeia, onde foi possível visualizar uma expressiva festa, com uma presença numerosa de Terena de várias idades, de várias aldeias urbanas, além da presença de outras etnias. Havia bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos com vestes típicas indígenas, Terena. A Imagem 3, a seguir, serve como registro desse momento.



Imagem 3 - Comemoração do “Dia do Índio” na Aldeia urbana Darcy Ribeiro
Fonte: Acervo da autora, (2019)

⁴⁴ As mães entrevistadas acompanhadas de seus filhos, falaram do uso da LT e LP praticados por suas crianças Terena.

A festa foi realizada com apresentações de danças típicas Terena e com explicações fazendo uso da LT, sobre a cultura Terena, mas, com tradução para a LP por vários interlocutores, dentre eles, o professor Tadeu Terena. Nesse momento, havia um elevado número de crianças e idosos abrigados na tenda, prontos para iniciar as apresentações, caracterizados com trajes artísticos⁴⁵ Terena, marcado pelo grafismo Terena no corpo e na roupa. Cada dança realizada no meio da tenda era explicada oralmente através do uso da LT no microfone e traduzida para o português. Essas apresentações eram realizadas por grupos de crianças, constituídos por meninos Terena, alunos que dançavam orientados por líderes adultos participantes da dança, que ficavam entre eles repassando orientações através do uso da LT.

Após as apresentações, durante o almoço não foi identificado o uso da LT, porém, o uso expressivo da LP, uma prática realizada com facilidade e frequência. É importante considerar que as apresentações culturais Terena urbanas são manifestações de reorganização cultural, pois, o que antes era restrito ao contexto de aldeia passou a ser apresentado no meio urbano, assim as manifestações culturais adquiriram novos significados no contexto urbano e conquistaram novos espaços (SANT'ANA, 2010). Deste modo, foi constatado a participação das idosas Terena, vivenciando as apresentações das danças Terena e a realização de atos culturais tradicionais em contexto de aldeia urbana na capital, aqui registrados a partir da observação do evento.

Outro momento significativo foi o “batismo de dança” de um jovem Terena realizado por idosas, o locutor explicou, fazendo uso da LT com tradução para a LP que essa é uma tradição Terena. E acontecia quando o jovem era integrado ao grupo de dança cultural de sua etnia, foi um ato tradicionalmente realizado com muita alegria por idosas, dançando em círculo e lançando balas sobre o jovem batizado. O interlocutor Terena explicou que no passado, na aldeia Terena, lançava-se produtos de colheita alimentícia, sobre o jovem Terena. Todo o evento teve significativo uso da LT acompanhado pela tradução para a LP.

Em síntese, foi observado que durante o almoço não houve uso da LT e sim o uso exclusivo da LP, uma escolha compreensível devido a presença de várias pessoas não indígenas, enquanto que, nas apresentações das danças, ocorreu elevado uso da LT praticado em contexto de apresentação cultural.

⁴⁵ Entende-se que a vestimenta adotada nas festas comemorativas indígenas Terena (pintadas com grafismo Terena) assumiu valor de trajes artísticos por não se tratar de uma vestimenta adotada no dia a dia do povo Terena, e sim durante as apresentações indígenas Terena, culturais.

A Aldeia urbana Tarsila do Amaral está localizada ao lado da aldeia urbana Água Bonita, e foi visitada, observada pela pesquisadora, porém, como convidada para festividades, reuniões religiosas, constatou-se o uso da LT em conjunto com a LP. Com destaque para as reuniões religiosas, que apresentaram canções, orações e discursos orais fazendo uso da LT, por várias vezes foram apresentadas em reuniões, músicas e orações realizadas por jovens e adultos, acompanhada da tradução para a LP pelos líderes Terena adultos.

A aldeia urbana Estrela da Manhã foi localizada e observada durante o trajeto para a aldeia urbana Darcy Ribeiro, desta maneira foi observado o extenso espaço territorial da aldeia urbana Estrela da manhã, preenchido por casas construídas com diferentes materiais como madeiras usadas, lonas de plásticos, com precárias condições de sobrevivência, etc. Embora houvesse a presença de vários moradores não foi oferecida nenhuma informação relacionada ao tema desta pesquisa. A descrição da aldeia urbana Estrela da Manhã, durante a realização desta pesquisa, se resume ao fato de ser uma aldeia urbana em formação⁴⁶, lutando por benefícios e apoio municipal e estadual.

O grupo de Terena estabelecido no Mercado Municipal, diferencia-se dos outros grupos urbanos, pois trata-se de um grupo de feirantes, formado em sua maioria por mulheres Terena com suas filhas, que trabalham divididos em três barracas e nas ruas centrais da capital. Durante a observação do grupo, constatou-se que as atividades comerciais se iniciaram ao amanhecer do dia com a organização do local para compra e venda de produtos alimentícios⁴⁷, artesanatos e plantas. Alguns Terenas comerciantes se locomovem para as aldeias e trazem mercadorias para a cidade, assim com outras mercadorias são compradas na cidade para atender a demanda. É importante retomar que não índios, turistas e estrangeiros fizeram do Mercado Municipal e das áreas de comércio indígena um importante ponto turístico na capital do MS, um local utilizado como cenário para realizar registro fotográfico com os indígenas Terena.

O fato de o povo Terena estar fixado no Mercado Municipal contribuiu com a preparação do ambiente e da mercadoria a ser vendida, pois, a preparação se iniciou ao amanhecer do dia, e no início da manhã os clientes iniciaram as compras. A observação das atividades nas barracas do Mercado foi um trabalho consecutivo que teve por base várias

⁴⁶ Deve ser considerado que os primeiros contatos com lideranças indígenas Terena, para realização desta pesquisa, iniciou-se em março de 2018. Sendo realizada a localização, reconhecimento do campo de pesquisa e os primeiros contatos com a comunidade Terena, no início de abril, assim observou-se que muitas mudanças no contexto das aldeias urbanas, na formação de lideranças acontecem a curto prazo.

⁴⁷ Os principais produtos comercializados no local são: feijão verde, milho, batata doce, mandioca, limão, manga, produtos trazidos da aldeia, e frutos do cerrado como o pequi, além dos artesanatos Terena produzido por Terena e o cultivo de plantas para vendas.

observações, interações com o comerciante Terena. Foi relevante o acontecimento em que os Terena organizavam as mercadorias nas barracas, e havia ali adolescentes e jovens aprendendo a preparar os produtos para vendas. No momento do atendimento ao cliente não indígena, uma mãe Terena ordenou a filha, que atendesse a cliente, ordenou no uso da LT, na presença do não indígena. A filha saiu em atendimento à cliente, demonstrando entender a ordem proferida no uso da LT pela mãe, que em seguida, voltou a falar a LP com outra cliente não indígena, essa experiência deixou evidente que no grupo de comerciantes Terena do Mercado Municipal também ocorre o uso da LT em conjunto com a LP, entre familiares.

O falante, ao se deparar com mais de uma língua e um contexto que permite escolhas linguísticas, alterna as línguas de uso em seu convívio diário, ou seja, as línguas que fazem parte do seu repertório linguístico. Esse fenômeno linguístico foi chamado de Alternância de Código, no inglês *code switching*, é uma mudança que ocorre no meio da frase ou no intervalo de uma frase para outra. Gumperz (1982 apud Porto, 2007, p. 3) “foi o precursor dos estudos sobre as funções do code-switching”, que explicou a inserção de elementos linguístico diferentes no discurso em desenvolvimento como meio de exposição da realidade do falante de línguas em contato, definindo uma mistura de línguas faladas pelo locutor. Portanto a inserção do elemento linguístico na frase ou no discurso nem sempre vai representar uma estratégia comunicativa (CALVET, 2002, p. 40), podendo servir como um apoio a intenção da interação e explicação do que está sendo dito.

Por meio dessa experiência constatou-se, no grupo de comerciantes do Mercado Municipal, o uso linguístico da alternância de código na comunidade Terena local. Para Bernieri (2017), *code-switching* ocorre quando há troca entre duas línguas em momentos específicos de uso, com reconhecimento nítido do uso linguístico e a alternância de uso entre duas línguas, sendo um ato que revela a competência bilíngue do falante e ocorre pelo contato de duas línguas diferentes e presentes em um mesmo ambiente, por meio de falantes das línguas.

O Quadro 6, a seguir, constitui-se uma relação de falantes da Língua Terena e Portuguesa de diferentes idades e aldeias. Portanto, foi realizado um levantamento dos falantes da LT e LP a partir dos dados obtidas em entrevistas e anotações realizadas nas visitas e observações nos campos de pesquisa.

Quadro 6 - Falantes da Língua Terena e Portuguesa nas aldeias urbanas da capital do MS

Informante ⁴⁸	Idade em anos ⁴⁹	Aldeia urbana	Uso Linguístico (fala ou entende)	
			LT	LP
Emerson	-	Água Funda	Fala	Fala
Líder	-	Água Funda	Fala	Fala
Líder	-	Água Bonita	Entende	Fala
Líder Fundador	-	Jd. Inápolis	Fala	Fala
Líder Feminina	-	Jd. Inápolis	Fala	Fala
Líder	-	Jd. Inápolis	Entende	Fala
Líder	-	V. Romana	Não Respondeu	Fala
Homens Adultos	-	St. Mônica	Falam	Fala
Líder/Professor	-	Darcy Ribeiro	Fala	Fala
Liderança Religiosa	-	Tarsila do Amaral	Fala	Fala
Líder	-	Estrela da Manhã	Sem acesso	Sem acesso
Integrante Terena	-	Mercadão Municipal	Fala	Fala
P ⁵⁰ .	11	Vila Romana	Entende	Fala
D.	13		Entende	Fala
M.	11		Entende	Fala
F.	15		Fala	Fala
J.	17		Entende	Fala
E.	39		Fala	Fala
Grupo de homens adultos	35 a 40	St. Mônica	Fala	Fala
S.	12	Água Funda	Entende	Fala
T.	10		Entende	Fala
E.	32		Fala	Fala
V.	32		Fala	Fala
M.	25		Entende	Fala
A.	7		Fala	Fala
C.	7		Não fala nem entende	Fala
5 mulheres idosas	55 a 70	Marçal de Souza	Fala	Fala
V.	15		Fala	Fala
S.	18		Entende	Fala
C.	50		Entende	Fala
F.	14		Entende	Fala
M.	50		Fala	Fala
B.	64		Fala	Fala
E.	22		Fala	Fala
G.	43		Fala	Fala
S.	26		Fala	Fala
W.	22	Fala	Fala	

⁴⁸ A identidade, a privacidade do povo Terena foi resguardada nesta pesquisa, fato que justifica abreviação de nomes do povo Terena participante da pesquisa. Sendo uma ação foi solicitada pelo sujeito Terena.

⁴⁹ Na coluna "Idade em anos" foram descritas as idades disponibilizadas pelo sujeito da pesquisa, os espaços não preenchidos são relacionados aos Terena que optaram em não expor suas idades em anos.

⁵⁰ Os nomes não são apresentados na pesquisa pois faz parte do acordo não publicar os nomes originais.

H.	26		Fala	Fala
F.	13		Fala	Fala
A.	4		Fala	Fala
N.	4		Fala	Fala
O.	6		Fala	Fala
Líder/Professor	40	Darcy Ribeiro	Fala	Fala
Homens Adultos – Apresentação Cultural	40 a 60		Fala	Fala
Grupo Religioso	Jovens Adultos	Tarsila do Amaral	Fala	Fala
M. (adulta)	45	Mercadão Municipal	Fala	Fala
F	16		Entende	Fala

Fonte: Organização da autora (2019).

No Quadro 6, apresentaram-se os falantes da LT em menor proporção (18) que os falantes da LP (46). E dentre os sujeitos desta pesquisa foram identificados os que declararam só entender a LT (13), além dos que não forneceram dados, portanto, foi constatado maior uso da LP (46) nas comunidades Terena, em contexto de aldeia indígena urbana da capital do MS. Entretanto não foi negado o uso⁵¹ ou entendimento da LT nas comunidades Terena, mas teve o uso da LT confirmado, através da observação de fatos, da interação entre os sujeitos Terena da pesquisa, assim, como foi constatado o entendimento da LT pelo sujeito Terena de diferentes idades. Esta situação de uso e conhecimento da LT expõe o esforço da comunidade Terena urbana em preservar ativo o uso da LT.

Por meio desta pesquisa, identificou-se o interesse do Terena em manter as tradições, não só por meio de danças, pintura corporal demonstrada nas festas, mas no uso da LT. Entretanto, diante das transformações pelas quais o grupo Terena tem passado ao longo do tempo, e diante do número populacional dessa etnia, a quantidade de falantes da LT nas comunidades não chega a impressionar.

Assim, segundo Souza (2010), essa língua tem sido citada como língua em risco de extinção, pois pelo número populacional Terena era de se esperar que houvesse mais manifestações de uso da LT. Portanto, o quadro linguístico de uso da LT e portuguesa, apresentou diferenças significativas, ao serem consideradas as realidades de cada aldeia urbana, a origem de seus moradores e sua constituição social.

⁵¹ Nesta pesquisa também foi apresentado de maneira parcial, como ocorre o uso da LT, pois os sujeitos da pesquisa, de idades diferenciadas apresentaram respostas como “falar um pouco”, “mais ou menos”, etc.

3.2 A configuração do uso das Línguas Terena e Portuguesa na comunidade Terena de CG, capital do MS

Os dados coletados sobre configuração do uso da LT e portuguesa nas comunidades indígenas Terena foram analisados a partir da enumeração e organização das aldeias indígenas urbanas, através da Relação das aldeias urbanas da capital do MS. São apresentadas as aldeias visitadas, o bairro de localização das aldeias e as respostas disponibilizadas a respeito da participação nessa pesquisa e por meio da configuração do uso da LT e LP no contexto de aldeias urbanas, a partir do peso da totalidade de 100% para todos os itens do quadro. O quadro 8 apresenta a porcentagem de uso da LT e portuguesa em diferentes contextos na comunidade Terena.

Pela exposição do contexto das aldeias indígenas urbana, do município de CG, foi possível reconhecer o uso da LT e portuguesa em diferentes ambientes, como o familiar, comunitário, religiosos, em eventos culturais e políticos. De acordo com a política linguística dos Terena (NINCAO, 2008) de aprender e utilizar a língua portuguesa como uma estratégia de sobrevivência junto à sociedade brasileira, os Terena das comunidades urbanas de Campo Grande têm assumido a postura de atuar com habilidade satisfatória, socialmente, em diferentes situações, momentos e ambientes fazendo uso da LT. E isso quando é apropriado à interação do momento e uso da LP para atender a necessidade da interação. Dessa forma, pareceu adequado aos Terena das comunidades indígenas urbanas de CG desenvolver a habilidade de uso das duas línguas, a LT e LP. Contudo, para alcançar espaço, adequação, aceitação e crescimento profissional, intelectual no espaço de convívio, opta pelo uso frequente da Língua Portuguesa. Com o intuito de valorizar a língua da etnia, especialmente em eventos e espaços culturais, utiliza a língua indígena como forma de preservação, além de manter como língua de uso familiar entre as famílias que são falantes da língua dentro do espaço Terena e de intimidade na comunidade Terena.

De acordo com Maher (2016, p. 64), o uso das línguas indígenas e portuguesa pelos indígenas assumiu novos rumos a partir da Constituição de 1988, considerando que antes o incentivo era para o enfraquecimento da língua indígena e fortalecimento do uso da LP, a fim de que os indígenas fossem incluídos na nação brasileira.

A determinação de uso da LP frente ao enfraquecimento das línguas indígenas se constituiu em uma política linguística desde a chegada dos europeus ao território brasileiro. Os jesuítas, no entanto, implementaram a língua geral que funcionou como língua franca entre os diferentes povos da nova terra.

Nesse sentido, o uso da LT e LP nas comunidades Terena de CG apresentam um quadro, como já dito, bastante diversificado e complexo. E para responder à pergunta de pesquisa, “Como se configura o quadro sociolinguístico das comunidades Terena de Campo Grande?” considerou-se importante iniciar a análise de dados pela apresentação e organização do campo de pesquisa, favorecendo o reconhecimento da sua extensão e complexidade, permitindo compreender o uso linguístico assumido pelo Terena em contexto urbano. A apresentação e organização do campo de pesquisa iniciou-se com a nomeação das aldeias indígenas Terena, dos bairros das aldeias urbanas e as respostas a solicitação de participação nesta pesquisa. Para isso, construiu-se o Quadro 7, a partir das visitas, na prática da observação e coleta de dados, fatores que contribuíram para o entendimento da definição do quadro sociolinguístico das comunidades Terena urbanas de CG, capital do MS.

Quadro 7 - Relação das aldeias urbanas da capital do MS

Aldeia urbana visitada	Bairro	Resultado dos acessos solicitados	
1- Marçal de Souza	Nova Lima	Visita programada ⁵²	positivo
2- Água Bonita (em expansão)	Nova Lima	Visita permitida	positivo
3- Tarsila do Amaral	Nova Lima	Visita permitida	positivo
4- Vila Romana	V Romana/Bordon	Visita permitida	positivo
5- Santa Mônica	Santa Mônica	Visita permitida com restrições	Sem entrevistas
6- Jd Inápolis	Indubrasil	Visita permitida	positivo
7- Darcy Ribeiro	Noroeste	Visita permitida	Sem entrevistas
8- Estrela da Manhã	Noroeste		Sem acesso a dados
9- Água Funda	Noroeste	Visita permitida	positivo
10- Grupo de comerciantes Terena do Mercado Municipal	Centro	Ambiente público	positivo

Fonte: Elaboração da autora (2018).

No Quadro 7 organizaram-se as aldeias urbanas da capital, que na sua totalidade fazem uso da LT e LP, e são formadas por diferentes contextos de vida, interligado a localização da aldeia urbana, pois o contexto externo exerce influência no estilo de vida dos integrantes das aldeias urbanas, especialmente sobre os Terena. As aldeias estabelecidas dentro do perímetro central da cidade estão inseridas em um contexto que oferece melhores ofertas e condições de trabalho, de comércio e de ensino a população indígena urbana e, desta forma permite que o

⁵² O termo visita programada diz respeito a visitas que foram antecipadamente marcadas, com dia e hora para iniciar as apresentações relacionadas à pesquisadora e à pesquisa.

sujeito Terena desenvolva uma vida social mais suprida nas suas necessidades de sobrevivência. Uma situação que favorece o maior uso da LP, pois o maior convívio social com o não indígena impulsiona o uso constante e formal da LP.

A respeito do uso da LP constatou-se o uso constante da língua nas aldeias urbanas, assim entende-se que cada comunidade Terena possui sua política de uso linguístico (NINCAO, 2003, 2008) prevalecendo o uso da LP, com uso da LT diferenciados nas comunidades Terena, mas sem negligenciar a necessidade de falar a LP.

As aldeias localizadas em áreas com maior vegetação e mais distantes do centro comercial, político e estudantil tornou favorável o uso da LT entre os familiares e, na comunidade, assim, o uso da LP apresentou-se marcado pela prosódia da LT, em reuniões familiares, religiosas, em locais em que o uso linguístico não é controlado pelo falante, e apresenta-se de forma espontânea.

No quadro 7, a aldeia Marçal de Souza, Água Bonita e Tarsila do Amaral possuem uma localização aproximada, sendo que duas apresentaram uso voluntário da LT e a outra mostrou-se reservada, com maior uso da LP. Assim o Jardim Inápolis e Santa Mônica apresentaram contexto de uso diferenciado da LT, a primeira aldeia apresentou o ensino e uso diferenciado da LT por crianças, adolescentes, jovens e, constatou-se o desejo de valorização e preservação da LT, mas a última aldeia não demonstrou o uso constante da LT na comunidade.

O último grupo de aldeias urbanas localizadas no bairro Noroeste demonstrou uso diferenciado da LT, a primeira aldeia do grupo demonstrou o uso da LT como meio de atuação social e política, a segunda não disponibilizou dados e a última aldeia urbana do grupo, do Bairro Noroeste, apresentou uso da LT inserido em diferentes contextos da comunidade Terena.

Na sequência, apresenta-se o Quadro 8 para demonstrar o uso da LT e LP descrito em porcentagem, por contextos nas aldeias urbanas da capital do MS.

O uso da LT e portuguesa definiu-se a partir da representação por porcentagem, levando em consideração que a totalidade dos itens equivalem a 100%, assim calculou-se o resultado obtido na coleta de dados de cada item.

Quadro 8 – O uso da Língua Terena e Língua Portuguesa descrito em porcentagem, por contextos nas aldeias urbanas da capital do MS

Âmbito de uso da LT e LP	A língua falada nos contextos urbanos nas aldeias visitadas			Aldeias urbanas visitadas	Aldeias urbanas sem acesso
	Só LT ⁵³	LT e LP	Fala só LP ⁵⁴		
Comunidade	0%	30%	70%	90%	10%
Família	0%	60%	40%	70%	30%
Escola	0%	30%	70%	00%	100%
Sala de reforço	0%	30%	70%	00%	100%
Reuniões religiosas	0%	60%	40%	70%	30%
Festividades abertas	0%	70%	30%	90%	10%
Cursos profissionalizantes	0%	0%	100%	10%	90%

Fonte: Elaboração da autora (2018).

O Quadro 8 apresenta a configuração do uso da LT e LP no contexto de aldeias urbanas, com peso inicial de 100% de uso para início de cálculo. No Quadro 8, organizaram-se os dados sobre o uso da LT e LP considerando o contexto comunitário, de reuniões em casas, praças, debaixo de árvores, nas ruas, durante a realização de refeições de lideranças, familiares em conversas sobre decisões no âmbito do grupo, líderes e população reunida. Sendo que durante as visitas, encontros na rua, calçada, na comunidade foi constatado o uso da LT em maior proporção entre idosos, adultos através do diálogo interativo, conforme a observação realizada, fato em que as crianças e adolescentes ficaram próximas e participaram ouvindo a LT. Por meio do Quadro 8 foi constatado que a porcentagem de uso exclusivo da LT na comunidade Terena urbana de Campo Grande é zero por cento, pois não foi constatado o uso exclusivo da LT na comunidade Terena na região urbana da capital do MS.

Esse quadro apresentou o uso da LT e LP por contexto e, dessa forma, constatou-se maior uso da LP (70%) na comunidade Terena em ambiente público, no meio escolar, devido à inserção do aluno Terena na escola não indígena, e no âmbito da sala de reforço. Os alunos Terena, falantes da LP, retomam a aprendizagem oral de palavras, frases na LT nas aulas de LT e salas de reforço, quando existentes na comunidade ou escola do bairro. Diferentemente foi identificado no ambiente de cursos profissionalizantes, ministrados por não indígenas, uso exclusivo da LP (100%) entre Terena-Terena e professor não indígena.

⁵³ O uso da LT não foi identificado nem localizado com exclusividade nas aldeias urbanas da capital. Mesmo os idosos residentes na capital falam LT e LP, um português marcado pela prosódia da LT.

⁵⁴ Não foi identificado o uso exclusivo da LT nas aldeias urbanas da capital do MS; lembrando que são formadas por várias etnias do estado do MS. Entretanto, não foi identificado o uso exclusivo da LT ou da LP nas aldeias urbanas, pois os mais velhos e os pais falam a LT perto dos filhos, netos e bebês.

O grupo que usa em maior proporção a LP e a LT definiu-se como o familiar⁵⁵, ambiente público, religioso, sendo que o grupo das festividades faz maior uso público da LT e LP. Dentre os integrantes desses grupos, destacaram-se primeiramente os idosos, adultos, crianças, adolescentes e jovens.

As crianças atenderam as ordens dos idosos ou adultos no uso da LT, porém entre as crianças, adolescentes e jovens percebeu-se um silenciamento oral da LT. Portanto, a participação das crianças, adolescentes e jovens se definiu em sua maioria no uso da LP, em contexto que participaram ouvindo e entendendo a LT usada pelas gerações dos adultos e idosos, praticada pelo pai, tio, avós, pelos anciãos da família e comunidade Terena.

No silêncio das crianças, adolescentes e jovens Terena foi constatado respeito para com o uso da LT pelos mais velhos, em contexto da aldeia urbana. Portanto não se define uma alienação ao uso da LT pelas crianças e adolescentes, mas uma atitude de aquietar-se diante de uma sociedade que o enxerga como diferente, desestimulando o uso da língua minoritária (SILVA, 2011 apud Pereira, 1999). A atitude de silenciamento em crianças, jovens e adolescentes foi constatado na aldeia urbana “Marçal de Souza”, explicado pela localização da aldeia urbana ser em área de acelerado progresso urbano, fato que explica o silenciamento da LT como resultado de invisibilidade, discriminação para com o uso da língua da etnia em contexto urbano.

3.3 O uso da Língua Terena nas aldeias urbanas da capital do MS

Conforme os dados, constatou-se que a atitude de uso da LT oscilou significativamente nas interações entre os Terena, pois também foi usada a LP em vários momentos em contexto de aldeia urbana. Entretanto, não pode ser esquecido que em cada local visitado, a primeira interação da guia Terena com a liderança e a população Terena aconteceu com o uso da LT. É importante lembrar que a presença de uma pessoa não indígena, como a pesquisadora provoca na comunidade Terena a atitude de usar a LP tornando possível a comunicação. No contexto da comunidade Terena urbana ficou evidente a interação entre a LT e a LP. O fato de as comunidades linguísticas vivenciarem o uso linguístico, revela que ele pode ser definido através do indivíduo para com indivíduo ou vivenciado no contato de comunidade para comunidade, conforme foi apresentado por Calvet (2002).

⁵⁵ É preciso retomar que o ambiente familiar é de intimidade da etnia, assim no ambiente de intimidade foi constatado o esforço de preservar a LT, por meio do uso entre os idosos.

É importante lembrar que se trata do uso de uma língua vista como de menor prestígio. De fato, conforme Maher (2007), para os povos indígenas, o bilinguismo é obrigatório e não facultativo, tendo em vista a necessidade de sobrevivência na sociedade brasileira mesmo que esse bilinguismo não alcance a totalidade das habilidades de proficiência. A autora destaca o comportamento do sujeito bilíngue real como aquele que não tem um domínio uniforme no uso das línguas de seu repertório, sendo que o uso pode sofrer impressões definidas por vários fatores, como suas características pessoais ou as exigências da comunidade de convívio. E, assim, o desenvolvimento de uso de uma língua para outra se diferencia, podendo o sujeito bilíngue ser mais fluente em uma das línguas ou desenvolver o uso de apenas uma língua (MAHER, 2007, p.73). A comunidade Terena⁵⁶ mostrou-se formada por integrantes de várias idades convivendo em ambientes comuns, e assim desenvolveram práticas de uso da LT e LP adequada ao contexto urbano. Desse modo, foi desenvolvido o uso da LT, mas prevalecendo o uso da LP, que se explica pela política linguística própria do povo Terena de utilização da língua portuguesa em espaços de interação com a sociedade brasileira, como é o caso do ambiente urbano em que vivem.

Na Tabela 1, a seguir, é apresentada a configuração do uso da Língua Terena a partir das gerações identificadas nas aldeias urbanas.

Tabela 1 – Configuração do uso da Língua Terena por faixa etária

Faixa etária	Conhece L. Terena		Entende		Fala a LTerena			Ouve LT (apenas)	Total
	Sim	Não	Palavras simples	Entende bem ⁵⁷	Sim	Não	Com facilidade		
Crianças	14	1	9	5	14	1	3	0	15
adolescentes ⁵⁸	5	0	2	3	5	0	4	0	5
Jovens	11	0	3	8	9	2	6	0	11
Adultos	16	0	8	8	13	3	9	0	16
Idosos	18	0	0	18	18	0	18	0	18
Total	64	1	22	42	59	6	40	0	65

Fonte: organização da autora (2019).

⁵⁶ É preciso considerar que foram encontrados participantes que disseram abertamente que não respondiam questionários escritos, não faziam entrevistas e nem filmagens ou gravações, mas conversavam sobre o uso da LT. Especificamente uma informante da aldeia “Água Bonita” apresentou esta explicação.

⁵⁷As gerações mais jovens alegaram que a língua Terena é difícil de entender e falar, portanto, os mais jovens afirmam entender frases e palavras simples na LT, sendo que alguns adultos, jovens, adolescentes explicaram que não entendem as conversas longas dos adultos.

⁵⁸As adolescentes participantes da pesquisa ficaram intimidadas a responder as perguntas sobre o uso da língua Terena e Portuguesa, fazendo opção pelo silêncio e um leve sorriso como resposta a respeito do uso da LT e LP, eles estavam sentados em grupo, sendo que quando não queria responder o questionário levantavam e saíam andando, indo embora, em silêncio. Fator que explica a participação das novas gerações nas entrevistas escritas.

O intuito de conhecer como se configura o uso da LT e LP nas aldeias urbanas de CG produziu a organização dos dados por faixa etária, pois trata-se de um recorte da visão geral, panorâmica de uso da LT no contexto de aldeia urbana da capital. Essa organização teve por base o estudo de Garcia (2007).

Na distribuição por gerações, as crianças apresentaram-se favoráveis a aprender e falar a LT, pois formaram o segundo grupo com maior índice de conhecimento e uso da LT. Um grupo que interagiu com a LT por meio da aprendizagem de palavras e frases curtas, realizada pela escola, sala de reforço e pelo uso na língua socialmente da comunidade Terena. Dessa forma, as crianças, mostraram que entendem a LT, devido a dois fatores, por serem ouvintes da LT falada pelas gerações mais velhas no meio familiar e comunitário Terena e pela interação positiva com o uso da LT, atendendo solicitações realizadas no uso da LT pelos pais e avós.

As mães, quando inquiridas, no desenvolvimento do questionário sobre os filhos (crianças) falarem a LT, responderam que a criança: falava algumas palavras, que estavam aprendendo, ou que falavam um pouco, mas sempre afirmando que os filhos pequenos estavam aprendendo a LT. Entretanto, constatou-se que essa aprendizagem apresentou-se lenta e mesmo assim, deve considerar que a criança Terena participa do contexto familiar, de festividade e salas de reforço com o uso da LT. Entretanto, foi possível perceber a falta de incentivo para com o uso da LT pelas gerações novas.

A identificação de crianças que não falam ou não querem falar a língua Terena apareceu em menor proporção do que as crianças que disseram estar aprendendo palavras, frases simples na LT, podendo assim afirmar que as crianças Terena estão desenvolvendo uma formação bilíngue, de acordo com as particularidades que podem envolver o sujeito bilíngue, conforme MAHER(2007).

Sobre o sujeito bilíngue, os informantes, desta pesquisa, foram identificados como sujeito bilíngue real⁵⁹, como quem não apresenta um único padrão de uso linguístico nas línguas de seu conhecimento. Seu comportamento linguístico foi vinculado a diferentes questões como sua história pessoal, as questões sociais, contextos que podem provocar um desenvolvimento linguístico melhor em uma língua do que em outra ou apenas em uma das línguas. O sujeito bilíngue foi classificado por Maher (2007, p. 73) como verdadeiro por comportar em seu repertório linguístico o que lhe é prático. Ao ter por base o uso cotidiano das línguas ao seu alcance, o sujeito pode desenvolver o funcionamento de uma língua

⁵⁹ Conceito apresentado por Maher (2007).

diferente da outra conforme a necessidade, o ambiente, o contexto, e principalmente as características do sujeito bilíngue, que faz a opção pelo uso de uma só língua.

Na geração dos adolescentes percebeu-se que diminuiu o número dos que falam a LT, deve ser considerado que os adolescentes apresentaram timidez em participar da pesquisa e responder a pergunta sobre o entendimento e uso da LT. Assim, apresentaram respostas diversificadas como falar e entender “mais ou menos, um pouco”, revelando que possuem diferentes níveis de entendimento e uso da LT, assim como a falta de motivação e interesse em usar a LT e, vergonha em assumir que se fala ou não fala a LT, por insegurança, por medo de sofrer discriminação.

Na faixa etária dos jovens ocorreu demonstração de timidez e vergonha ao falar do uso da LT, mas eles afirmaram entendê-la. Entretanto, nas comunidades indígenas Terena urbanas da Vila Romana, da Tarsila do Amaral e Água Bonita foi possível identificar jovens fazendo uso oral da LT em contexto familiar, nas festividades e interação com a pesquisadora. Alguns rapazes e moças apresentaram-se como monitores de ensino da LT nas escolas e sala de reforço.

Entretanto, foram identificados, no grupo de jovens, os que não usaram a LT, porém, afirmaram entender e corresponderam a interação com uso da LT na comunidade local. Deve-se considerar o índice favorável de jovens que falam a LT como resultado da aprendizagem na família, na sala de reforço e escola com ensino da LT. Embora a escola próxima da comunidade Terena, com sala de reforço ou aula da LT, ocupe o lugar de importância na formação do sujeito bilíngue, primeiramente a família é responsável pelo ensino da língua de origem, mas na ausência do ensino no meio familiar, a escola recebeu essa tarefa, conforme Farias e Medeiros (2017, p. 71).

Na comunidade Terena urbana, no município de CG, o uso da LT tem sido fortalecido através do uso no meio familiar, nas festividades, nas salas de reforço e o ensino da LT em algumas escolas por meio do uso da língua pela geração dos adultos e idosos da comunidade Terena local. Portanto, a configuração de uso da LT entre jovens mostrou-se diversificado e diferenciado entre as comunidades Terena urbanas.

Foi notável que a geração adulta fala com facilidade a LT entre adultos, na presença das crianças, adolescentes e jovens, mas percebeu-se a falta de incentivo para que as novas gerações usem a LT nas interações na comunidade. Conforme relatos de idosos Terena, as mães tendem a usar mais a LT com os filhos, ao falar da prática familiar dos ensinamentos Terena, Sordi (2018) afirma que a família é responsável pela transmissão dos ensinamentos de

geração em geração, sendo essa uma das características do grupo Terena. Nincao (2003, p. 60-61) discute também a preocupação desse povo com a manutenção oral da LT:

A meu ver, a língua terena constitui-se, para os Terena, nesse espaço de liberdade, pois existe uma resistência muito grande em que ela seja desvelada, pois, afinal, foi a única *propriedade* que restou, o único *segredo* étnico. A oralidade da língua terena funciona como uma garantia de sua preservação e como o espaço de liberdade diante do dominador tão próximo (NINCAO, 2003, p. 60-61).

Durante as entrevistas com idosos, percebeu-se o uso da LT com habilidade e liberdade na comunidade Terena em contexto urbano. No desenvolvimento da pesquisa e a coleta de dados, o uso da LT entre a geração dos idosos, revelou-se constante na interação com Terena e próximo ao não Terena. Os Terena se declararam falantes da LT e demonstraram o uso da língua, assim procuraram demonstrar preocupação com a valorização e preservação da LT.

Dessa forma, percebeu-se que a comunidade Terena urbana do município de CG foi formada por diferentes integrantes bilíngues que vivenciaram diferentes contextos de interação e de uso da LT e LP entre Terena e não Terena em suas comunidades de origem. Os Terena revelaram que utilizam a língua de origem, conforme a realidade do momento e observando o contexto da interação, foi possível identificar que se esforçam para valorizar e preservar o uso da LT no contexto familiar, nas festividades, através do ensino de sala de reforço e da LT nas escolas estabelecidas próximas as comunidades indígenas Terena.

Assim, considerando as discussões apresentadas, percebeu-se que o uso da LT tem sido reduzido entre as gerações das crianças, adolescentes e jovens. Fato que revelou a ausência de incentivo do uso da LT entre as gerações mais novas. Assim, constatou-se que o uso da LT pelas gerações mais novas precisa receber significado, incentivo e valorização com uma política de ensino nas escolas dos bairros próximos à aldeia e uso mais recorrente no contexto da comunidade.

A seguir, apresento os resultados representativos do uso da LP por faixa etária, identificados nas interações praticadas para esta pesquisa nas aldeias urbanas da capital do MS.

3.4 O uso da Língua Portuguesa por faixa etária nas aldeias urbanas da capital do MS

Na contemporaneidade, o índio em contexto urbano não tem sido reconhecido como índio devido à utilização da LP no convívio do dia a dia, sendo que um dos motivos do maior uso da LP é o fato de esta ser LM para os indígenas de nova geração, nascidos e criados em contexto de aldeia urbana do município de CG.

Na tabela 2 a seguir, com dados representativos por faixa etária, foi exposta a configuração do uso da LP, a partir das gerações presentes no contexto das aldeias urbanas.

Tabela 2 – Configuração do uso da Língua Portuguesa por faixa etária

Faixa Etária	Conhece Língua Portuguesa		Entende		Fala a L Portuguesa			Ouve LT	total
	Sim	Não	Palavras simples	Entende Bem ⁶⁰	Sim	Não	Com facilidade		
crianças	15	0	1	14	15	0	8	0	15
adolescentes	5	0	2	3	5	0	3	0	5
jovens	11	0	3	8	11	0	11	0	11
adultos	16	0	4	12	16	0	16	0	16
idosos	18	0	8	0	18	0	0	0	8
Total	65	0	18	37	65	0	27	0	65

Fonte: Organização da autora (2019).

Conforme Maher (2016), o índio, muitas vezes, usa a LP para se expressar como índio, embora haja sempre esforços e trabalho a favor da vitalidade da língua indígena. Sendo assim, os esforços para valorização e revitalização das línguas indígenas devem ser acompanhados de atitude crítica (MAHER, 2016, p. 63). Conforme a autora o índio não precisa falar a língua indígena para ser índio (MAHER, 1998; 2016).

⁶⁰Entender bem a Língua Portuguesa não significa ter domínio dela, mas uma boa compreensão (e fala) para interagir com a sociedade não indígena, entre os parentes e os “não Terena”. Portanto falar a LP está relacionada a comunicação aceitável no meio social. Os adolescentes e jovens Terena demonstraram timidez quando solicitados a falar sobre o uso da língua Terena e Portuguesa, sendo que outros diversificaram a resposta para a pergunta de “entender bem” a LT, assim responderam “mais ou menos”, “um pouco”, “não sei”, “minha mãe que sabe”, assim só foram transcritas as respostas “sim”. Mas é comum entre os Terena o comentário que a Língua Portuguesa é difícil. Entretanto um líder Terena declarou estudar a LP e durante a entrevista foi possível dialogar com ele e perceber facilidade no uso da LP.

Sendo assim, reconhece-se o uso da LP no cotidiano da comunidade Terena urbana do município de CG, sendo falada por toda a comunidade Terena, sendo 0 (zero) o índice dos que não falam português, dado levantado com base nos questionários, entrevistas e observação desenvolvidos nessa entrevista, assim como o índice é zero (0) para os que só falam a LT, conforme os dados obtidos nesta pesquisa.

Entretanto, a coleta de dados e observação desta pesquisa revelaram que as gerações das crianças e dos adolescentes utilizam a LP como resultado da influência, do convívio com a comunidade Terena falante da LP e da população não Terena, além da presença das crianças e adolescentes na escola do bairro. É importante destacar que diferentemente das escolas das aldeias de origem da população Terena de Campo Grande que são escolas específicas, portanto categoria de escola indígena (RESOLUÇÃO CNE/CEB 03/1999), sendo obrigatório o ensino da língua indígena na escola, enquanto que em Campo Grande ainda não foi implementada a categoria de escola indígena nas comunidades urbanas, portanto as escolas são as mesmas dos não indígenas conduzidas em língua portuguesa. A esse respeito, Maher (1997) explica que:

Sabemos que a política linguística no Brasil elegeu a língua portuguesa como "língua nacional", língua de prestígio. Historicamente, tem sido ela a língua da escola. [...] Exclusivamente dela sempre se utilizaram o discurso legal, os meios de comunicação de massa. A língua portuguesa impera, portanto, no âmbito do formal, do oficial, do público e, por isso, é ela a língua dominante no país (MAHER, 1997, p. 22).

Os pais explicaram que seus filhos falam a LP e a LT e que, assim, eles buscaram transmitir o valor que a comunidade Terena atribui à sua língua de origem e à língua nacional, pois querem estar inseridos na sociedade não indígena. Raros foram os casos em que as mães assumiram que seus filhos falavam e entendiam somente a LP. Percebeu-se que, a todo momento, permanece o esforço de não afirmar o uso exclusivo da LP mesmo em contexto urbano. Tal situação reafirma que o Terena ao longo de sua trajetória histórica tem traçado sua própria política linguística de aprendizagem da LP como uma estratégia de sobrevivência (NINCAO, 2003, 2008).

O uso linguístico dos jovens Terena revelou que utilizaram a LP constantemente, na interação entre Terena e não Terena, no interior da aldeia, assim como no meio familiar em conjunto com o uso da LT, sendo comum encontrar jovens falando só português na presença de não indígena. Desta forma, os jovens demonstraram conhecer, entender e falar bem a LP. Na entrevista, os informantes jovens afirmaram que entendem e falam com facilidade a LP,

tornando esta língua a mais usada no grupo jovem Terena, pois para alguns a LP é língua materna e para outros é língua de sobrevivência e acesso à sociedade não indígena (MAHER, 2016).

A geração dos adultos demonstrou usar com frequência e fluidez a LT no contexto entre os Terena e não indígenas, pois o contexto de atuação comunitário entre Terena, social, profissional, de interação religiosa, ao redor das aldeias urbanas, e que gira em torno do não indígena desenvolveu maior uso da LP. Nas entrevistas, os adultos afirmaram com firmeza que entendem e falam com facilidade a língua portuguesa, tornando a língua oficial da comunidade Terena em contexto urbano.

Sendo assim, aprender a LP tornou-se fator primordial, uma estratégia valorizada e conhecida pelo Terena, pois a interação, domínio e uso da LP com o não indígena tornou-se fator indispensável no convívio urbano. Entre o uso da LT e LP apresentou-se em destaque o uso a LP, pois revelou-se como língua mais usada no contexto de comunidade Terena urbana da capital do MS.

Na faixa etária dos idosos, Terena com 55 anos, estão os Terena que declararam não entender com facilidade a LP, tendo sido comum ouvir a explicação que é uma língua difícil de ser entendida pelo idoso Terena. Eles explicaram que um idoso Terena entende melhor o que está sendo dito na LP, quando também é explicado na LT. É possível perceber que a interlocução realizada no uso da LP e que passa a ser traduzida para a LT, facilita a compreensão do que está sendo falado ao idoso Terena.

Em referência ao uso da LP, ela é usada por todos, desde as crianças pequenas até os idosos, isto é, está presente em todos os ambientes vivenciados pelos Terena, sendo constante o uso da LT pelo idoso juntamente com a LP em todos os ambientes, seja na tradução para a LP em eventos ou em conversas com alternância de código. As crianças, jovens e adolescentes fazem uso da LP voluntariamente diante do não índio, assim como também entre os adultos. Os homens usam a LP sem restrições diante do não indígena, já as mulheres optam por não falar a LP e por isso mantem silêncio diante do(a) não Terena. Mesmo assim a LP nas aldeias urbanas assume a função da língua falada por todos os indígenas e entre todas as etnias, em toda comunidade indígena e Terena.

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) ao apresentarem o Panorama da história sociolinguística do contato entre línguas no Brasil (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO 2009, p. 43), explicam que a LP foi denominada língua Franca (Geral), de uso comum entre os diferentes povos estabelecidos no mesmo espaço geográfico no Brasil. Um momento em que a LP foi instrumento de comunicação no contexto formado por diferentes povos.

A comunidade Terena urbana no município de CG utiliza a LP como língua de comunicação geral, de uso entre os diferentes povos no contexto de aldeia indígena urbana, fato que explica a LP ser falada por todos indígenas em todos os lugares. Para o Terena, o uso da LP tem o significado de estar inserido na sociedade brasileira.

3.5 Os significados dos usos linguísticos no contexto da comunidade Terena do MS

Para compreender os significados dos usos linguísticos das comunidades Terena de Campo Grande é preciso considerar que as aldeias urbanas são formadas por povos diferentes entre si, possuem contextos étnicos, sociais, econômicos e linguísticos diferenciados entre si. Esta sessão destacou o contexto linguístico considerado relevante para identificar os significados do uso das Línguas Terena e portuguesa no contexto de aldeia urbana no município de CG.

A respeito dos usos linguísticos, o líder Nelson⁶¹ da aldeia urbana Água Bonita afirmou que a aldeia é formada por diferentes etnias além de brancos que moram no local e que cada etnia é responsável por ensinar sua língua de origem no ambiente familiar, usando sua língua entre parentes e realizando suas festas fazendo uso da língua de origem. Contudo, no contexto geral da aldeia urbana, no contato com não indígena, a LP é usada por todas as etnias dentro e fora da aldeia. O significado dessa política linguística local aponta para uma estratégia de controle e poder do líder, considerando que o contexto linguístico da aldeia urbana Água Bonita se revelou como multilíngue, pois é formado por várias etnias, por várias línguas indígenas, como Terena, Guarani, Kadiuwéw, Kinikinau, Guató e Ofaié. Assim, o fato de cada etnia ensinar e utilizar sua língua indígena no interior de cada família e utilizar a LP no contexto geral da comunidade permite a ele exercer o controle na comunidade como um todo utilizando a LP dando transparência para os conteúdos das discussões sobre os problemas da aldeia, controle que ele não teria se houvesse o livre uso das diferentes línguas indígenas presentes nessa comunidade.

A LP mostrou-se de uso por todos e entre todas as etnias no contexto da aldeia urbana, como os Guarani, Kadiuwéw, Kinikinau, Guató, e Ofaié, além do contato com o não índio. É fato que o índio da atualidade, por vezes, tem deixado de ser notado na região urbana ou até passa por desacreditado quanto a sua identidade devido ao uso recorrente da LP. Há um significado também que aponta para a inserção dos indígenas como cidadão brasileiro no

⁶¹ Os sujeitos da pesquisa receberam nome fictícia, guardando a privacidade de cada sujeito Terena.

contexto social de Campo Grande onde eles precisam sobreviver. O uso da LP funciona como *língua franca* entre as etnias (MAHER, 2015), pois o português é utilizado como *língua franca* na comunidade Terena.

Foi a partir do cenário da colonização, do contato entre europeus e indígenas que se formou o português, foi um processo iniciado com o surgimento da língua franca que mais tarde chamou-se língua geral (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009). Assim, a LP tem sido usada pela comunidade Terena da Água Bonita como língua franca entre as etnias que ali habitam.

Pela presença de várias etnias e línguas indígenas em um local, reconheceu-se um contexto multilíngue. Portanto, ao falar sobre línguas em contato, na verdade desenvolve-se entre as línguas uma dualidade, já que uma língua é de alcance de todos (português-língua franca) e outra é de uso reservado, ou seja, entre seus falantes. Na aldeia Água Bonita, percebeu-se a formação de uma comunidade indígena multilíngue que possui sua língua Alta para uso geral e a língua Baixa para uso privado das etnias. Tal ação provoca o processo diglótico pró língua portuguesa, que será discutido posteriormente, na sessão A configuração do processo diglótico na comunidade Terena urbana.

A aldeia urbana do Jardim Anápolis possui líder e liderança Terena, eles mencionaram a preocupação em resgatar, preservar o uso da LT na aldeia indígena urbana. A futura líder Terena explicou que fala Terena com o esposo, mas os filhos não mostram interesse em falar a língua de origem. De forma semelhante, o líder fundador também revelou a preocupação em preservar o uso da LT, pois o neto não demonstra interesse no uso da LT e não pratica o uso da língua de sua etnia em casa.

O avô líder da aldeia explicou como o neto deveria usar a LT, falando frases, nomeando objetos na LT, referentes a seu desejo, o modelo de frase já foi apresentado nesta pesquisa. Dessa maneira, o neto (criança) obtinha o desejado, pelo uso da LT, o líder deu um exemplo de como valorizar sua língua de origem (Terena).

A maneira que o líder Terena achou para preservar o uso da língua Terena em sua família e na comunidade Terena foi levar seu neto à convivência intensa com a LT. Dessa forma o líder eleva a LT ao nível de moeda de troca, assim o neto obtém o que deseja, usando a LT. Desta forma o avô (líder Terena) valoriza a LT em sua casa.

O líder Terena (avô) espontaneamente levou o neto a vivenciar em sua casa o método de aprendizagem da língua de origem pelo Modelo de Imersão de Aprendizagem, um modelo de ensino em que o sujeito é submerso, incluído no ambiente de uso da língua alvo (MAHER, 2007).

A respeito do uso de duas línguas, atenta-se para o fato que no debate sobre bilinguismo de minorias, é de conhecimento que para os indígenas resta a obrigação de aprender a língua majoritária, e assim nega sua LM, podendo tornar-se um sujeito monolíngue pró- língua portuguesa (MAHER, 2007). Esse objetivo relembra o denominado Modelo Assimilacionista de submersão, em que o falante da língua de origem era incluído em um contexto sem possibilidade de interação na língua a ser abandonada e desta forma ele aprendia a língua majoritária, a LP, e abandonava sua língua de origem (MAHER, 2007, p. 70). Com o olhar na força que possui a escolarização, o líder Terena, buscando a preservação de sua língua materna, expressou o desejo de ter uma sala de reforço da LT em sua comunidade e o ensino da LT na escola mais próxima da aldeia urbana.

No contexto da comunidade indígena do Jardim Anápolis, percebeu-se o processo de diglossia entre a LT e LP, um processo que expõe a língua dominada e a dominante e a relação de disputa pela ocupação linguística. Sendo que, nesta disputa, a língua dominante quer intimidar o uso da língua dominada e assim restringir seu campo de atuação e nesta hora faz-se necessário o levantamento da resistência sociolinguística (MAHER, 1999). Portanto, pode-se dizer que, diante do processo diglósico, a comunidade indígena Terena do Jardim Inápolis procura traçar uma estratégia de resistência linguística, ao insistir no ensino da LT em contexto familiar, quando o líder avô incentiva o neto menor a usar da LT, negociando algo que deseja.

A aldeia urbana da Vila Romana foi formada por várias etnias, mas predomina a população Guarani, e casamento interétnico com mulher Terena. A visita na aldeia Vila Romana foi voltada para entrevista e conduzida para a questão de explicação e aprendizagem da L. Terena e tradução para o português. Assim, a LP se mostrou em maior uso na comunidade Terena, com funcionamento de língua Franca, de uso entre todas as etnias e na interação de Terena com o não índio (MAHER, 2016), revelando o interesse da comunidade Terena de fortalecer o ensino, uso da LT entre os jovens.

É importante considerar que durante as entrevistas, a liderança indígena usou a LT, alternando com o uso da LP sem dificuldade, manifestando o discurso do sujeito bilíngue, praticante da estratégia linguística chamada alternância de código, chamada no inglês como *code-switching*, revelando competência para essa atuação (MAHER, 2007).

Esse contexto caracteriza-se pelo bilinguismo diglósico, que diz respeito a relação conflituosa entre duas línguas no mesmo contexto em contraposição ao fenômeno de línguas em contato, um fato que no cenário de comunidade indígena se define como complexo, diversificado e pode apresentar resultados como a estabilização, deslocamento ou substituição

da língua de origem (HAMEL; SIERRA, 1983, p. 96 apud NINCAO, 2008, p. 67). É certo que a comunidade Terena da Vila Romana está buscando a estabilização da LT, mas são necessárias ações de incentivo de uso da LT na comunidade Terena, pois sobressai o uso da LP no contexto da comunidade Terena da Vila Romana.

Na aldeia urbana Água Funda destacou-se a história contada por várias mães Terena a respeito de dois meninos Terena que brincavam na rua da aldeia urbana, sendo que um falava em Terena e o outro dizia que não entendia o que estava sendo dito em Terena. Neste contexto de uso da LT e LP foi identificada a presença de criança e adultos bilíngues, assim como a criança que falou a LT e LP. Ao falar sobre “O índio urbano e seu repertório linguístico”, Maher (2016) explica que o índio contemporâneo muitas vezes tem ficado invisível diante da sociedade não indígena, devido ao uso da LP em suas interações sociais, pois alguns indígenas possuem a LP como língua materna (MAHER, 2016, p. 63). Na aldeia citada, constatou-se que a geração mais nova está deixando o uso da LT no contexto de comunidade Terena urbana, consequência da situação diglósica pró-língua portuguesa.

Na coleta de dados da aldeia urbana Santa Mônica identificou-se o uso recorrente da LP durante a entrevista com o líder Terena da aldeia. A respeito do uso da LT reconheceu-se raros momentos de uso da LT em público ou em outros contextos da aldeia urbana. Como convidada da Festa do Índio em 2018 foi possível identificar três momentos reservados do uso da LT, logo na entrada da área da Festa indígena Terena foi possível identificar uma reunião familiar usando a LT. Em seguida, durante a apresentação cultural, próximos ao líder da aldeia urbana foi identificada uma reunião de homens usando a LT, em outro momento o professor de dança falou com o aluno fazendo uso da LT. Diferentemente, o uso da LP manifestou-se como de uso de todos os integrantes da aldeia urbana durante a festividade e em público, de forma recorrente. A respeito do uso da LP, é importante retomar que, na finalização da visita ao líder Terena, ele citou um ditado na LP: Lição de vida: “Agradecer um sim. Entender um não”. Com esses dizeres, o líder indígena Terena encerrou a visita, nos acompanhando até o portão e então agradeceu-se sua atenção.

O contexto da aldeia indígena Terena urbana Santa Mônica revelou que o uso da LP tem ocupado lugar de destaque na comunidade e a LT se revelou em uso, mas de forma reduzida, singela, caracterizando o processo diglósico. Assim, percebeu-se que o conflito (diglossia) estabelecido entre a LP e LT levou a LM a ser usada de maneira tímida na comunidade Terena urbana Santa Mônica e a LP sendo usada em maior proporção. É preciso considerar que o indígena em contexto urbano necessita usar a LP para uma interação social que atende a necessidade de bom convívio e de sobrevivência em contexto urbano.

Na aldeia urbana Marçal de Souza foi identificado o uso da LT em diferentes contextos como o meio familiar, reunião religiosas, sociais, culturais, sendo a LP percebida no contexto da comunidade Terena urbana, principalmente na interação com o não indígena, na prática da alternância de código⁶². Como foi dito, a Aldeia Marçal de Souza foi a primeira aldeia indígena urbana estabelecida no município, dessa forma apresenta uma configuração social e linguística diferenciada. Socialmente, a aldeia está rodeada pelo convívio intenso com o não índio em todas as esferas sociais, quanto ao uso linguístico desenvolveu contato e uso intenso da LP pelo convívio social, escolar e trabalho cotidiano com a sociedade não indígena.

A comunidade Terena urbana Marçal de Souza desenvolveu sem dificuldade o uso da LP entre as gerações das crianças, adolescentes, jovens e adultos, sendo que o grupo jovem, adultos e idosos fazem o uso da LT no contexto familiar social e religioso. Esta comunidade Terena urbana revelou domínio da LP no convívio da comunidade Terena e com os integrantes não Terena, apoiada na questão da sua intensa inserção ao contexto urbano em que está inserida.

Na Comunidade Terena urbana das barracas do Mercado Municipal constatou-se o uso da LT na comunicação entre familiares, entre Terena, em ambiente público, na presença de turistas e não Terena. A LT foi usada entre a geração adulta (mãe) e a geração jovem (filha) que correspondeu positivamente à solicitação da mãe, realizada no uso da LM. Mesmo diante da realização do uso da LM, o contexto da comunidade Terena estabelecida nas barracas do Mercado Municipal é de uso, em maior proporção da LP. Porém, a LT esteve presente entre familiares e entre Terena devido a necessidade de comunicação particular entre a etnia Terena, a interação social, geral, entre familiares e a nível comercial. Dessa forma, identificou-se o sujeito bilíngue na comunidade Terena do Mercado Municipal. É importante retomar, que conforme Maher (2007), não há um modelo de sujeito bilíngue perfeito, que usa as duas línguas de maneira uniforme (MAHER, 2007, p.), mas, um sujeito que escolhe qual língua usar, de acordo com o momento e objetivo a ser alcançado.

A mãe precisava da ajuda da filha e usou a língua de origem para se expressar na intimidade com a filha, sem perder a atenção da cliente não indígena. As participantes da interação no uso da LT se diferenciaram no ato da mãe falar Terena e a filha entender sua fala e obedecer a sua ordem. Conforme o momento e para atender um objetivo, a LT foi usada sem timidez, mas em seguida cedeu lugar para o uso da LP, ocasionando a relação diglósica (MAHER, 1997; FRANCESCHINI, 2011). É importante retomar que, conforme os estudos

⁶² O tema foi apresentado no item A alternância de código como recurso linguístico Terena, deste trabalho.

levantados (MAHER, 2016), o indígena, ao ofertar lugar para o uso da LP, não perde sua etnicidade. Portanto, o Terena ao usar a LP no contexto das barracas no Mercado Municipal da capital, vivencia um ato indispensável para sua atuação no comércio realizado no centro da capital e este uso não anula sua etnicidade.

Na aldeia Indígena Darcy de Oliveira, o uso da LP aconteceu de maneira diferenciada, pois, durante a festividade do Dia do Índio, a LT foi usada de forma constante e fluente pelos adultos, idosos Terena. E a LP serviu para tradução das explicações das apresentações cultural Terena realizada na LT. O significado dessa ação aponta para o papel simbólico e político (NINCAO, 2008) na medida em que na festividade do dia do Índio há a presença de autoridades não indígenas, assim como personalidades ligadas à luta indígena.

No percurso histórico dos povos indígenas, definiram-se dois momentos, o incentivo ao abandono da língua indígena e, posteriormente, a valorização da língua de origem dos povos indígenas. Tal fato vem no bojo da Constituição de 1988 que garantiu o direito ao uso das línguas indígenas no processo escolar, implementado pela Resolução CNE/CEB 03/1999 que criou a categoria de escola indígena no Brasil, embora o município de CG ainda não criou escolas indígenas nas comunidades. Ao dominar a LT e LP, o sujeito Terena mostrou-se capaz de atuar entre as duas línguas do contexto de convívio, buscando assim uma melhor interação no contexto social urbano e entre a população não indígena.

3.6 A configuração do processo de diglossia nas comunidades Terena urbanas

Este item apresenta a configuração do processo diglósico nas diferentes comunidades indígenas Terena de CG, conforme o quadro abaixo.

Quadro 9 Configuração do processo diglósico por aldeia indígena urbana

Nome da Aldeia Indígena urbana	Configuração do processo diglósico na Comunidade Terena
Água Bonita	A LT é usada em contexto de intimidade, reservado a comunidade Terena, com a LP ⁶³ , sendo falada dentro e fora da comunidade.
Jardim Inápolis	Valoriza, ensina e fala a LT através da participação das novas gerações, e usa a LP como língua franca. Vive processo diglósico pró-língua portuguesa.
Vila Romana	A LT é falada, ensinada na comunidade tendo por objetivo seu fortalecimento e preservação. A LP funciona como língua franca pela comunidade indígena urbana. Portanto, vive um processo de diglossia pró-língua portuguesa.
Água Funda	Usa a LT e LP no contexto da comunidade Terena, sendo o bilinguismo praticado entre os Terena. A LP é usada como língua franca na comunidade

⁶³ A Língua portuguesa é sempre língua franca, de uso geral em todas as aldeias indígenas urbanas, entre as diferentes etnias e em cada comunidade indígena urbana, como a comunidade urbana Terena.

	e com a sociedade não indígena, superando o isolamento social caracterizado na localização da aldeia.
Santa Mônica	Usa a LP em elevada proporção em todas as interações sociais, e como língua franca na comunidade Terena e sociedade não indígena. Demonstrou forte ausência de uso da LT em festa indígena cultural e no meio familiar. Assim definiu-se significativa presença do processo diglossico pró-língua portuguesa.
Marçal de Souza	É uma comunidade bilíngue diglósica, usa a LT na comunidade Terena urbana, no meio familiar e a LP como língua franca na família, comunidade Terena e sociedade não indígena.
Darcy Ribeiro	Revelou uso acentuado da LT em apresentação cultural, com ênfase na intenção política e no uso da LT com tradução para a LP. Usa a LP como língua franca na comunidade geral. Constatou-se avançado processo diglósico pró-língua portuguesa.
Centro Comercial do Mercado Municipal	Revelou uso sutil da LT em contexto familiar, na presença de turista e não indígena, sendo a LP usada em maior proporção no ambiente comercial e no contato com o não indígena.

Fonte: organização da autora (2019).

Com a configuração do uso da LT e LP por aldeia indígena urbana foi possível identificar e compreender o processo diglósico em cada comunidade indígena Terena de CG.

Como foi constatado, o contexto linguístico das aldeias urbanas Terena de Campo Grande se caracteriza por um processo diversificado de uso das Línguas Terena e portuguesa, considerando que são originárias de diferentes aldeias do estado de MS com situações de uso da LT como LM, como é o caso da Aldeia Cachoeirinha, Bananal, Água Branca, Lagoinha na região de Miranda e Aquidauana e nesses mesmos municípios, aldeias que têm a LP como LM, aldeias do Limão Verde, Ipegue, Buriti, Água Azul, Córrego do Meio, as últimas três no município de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia.

Assim, dada essa diversidade de origens e situações linguísticas, o processo de diglossia varia entre as comunidades de Campo Grande. O uso da LT se manifestou em momentos selecionados pelo sujeito Terena, na interação dentro da comunidade indígena, entre parentes, familiares e eventos sociais, culturais, religiosos e festas familiares. Dessa forma, seu uso aconteceu na esfera do controle do uso linguístico, pela opção de uso conforme a situação e necessidade. Esse fato não significa que seja um uso despercebido, pois foi apresentado pela comunidade Terena durante a pesquisa que as gerações mais novas ouvem, aprendem ou no mínimo compreendem e falam palavras simples conforme a idade do falante Terena. Deste modo, a LT ocupou seu espaço de importância para a comunidade Terena, durante as entrevistas e coleta de dados, foram constatadas amostras de uso da LT e demonstrações de conhecimento da LT. Entretanto, não foram revelados momentos de ensino oral da LT para as novas gerações, mas, sim momentos de interação com uso da LT em maior uso pela geração dos adultos e idosos.

Como é próprio dos contextos indígenas no Brasil em situação de convivência com os espaços urbanos, o uso da LP assumiu o valor fundamental de sobrevivência no contexto de aldeia indígena urbana, sendo a LM das crianças e jovens.

Historicamente foi construído o valor do uso da LP pelos Terena como uma estratégia de sobrevivência p inserção na sociedade do outro por meio de uma política linguística própria (LADEIRA, 2001; NINCAO, 2008), sempre repassada para as novas gerações. E dessa maneira ela se fez presente em todos os ambientes da comunidade Terena, sendo usada de forma isolada ou intercalada com a LT e assim, vem ocupando cada vez mais espaços entre os Terena em contexto urbano.

Dessa forma, a LT e LP ocuparam espaços de valorização na comunidade Terena urbana, definindo uma relação não tão harmoniosa quanto aparenta (SILVA, 2011). É uma relação que instalou o valor de conflito entre a língua majoritária e minoritária que definiu no contexto de uso um jogo de ocupação linguística que tende deslocar a língua minoritária⁶⁴, a menos que seja levantada uma estratégia contrária ao movimento diglósico (MAHER, 1997). Na comunidade Terena percebeu-se a tentativa de levantar resistência ao processo diglósico, por meio do uso da LT no meio familiar, do ensino realizados nas aulas em contexto escolar, ainda praticada em pequena proporção e salas de reforço da LT que foram estabelecidas em um lento, independente e até precário processo de constituição nas aldeias urbanas da capital. Entretanto, a família ocupa relevante papel na tarefa de valorização da LT, como foi discutido em Sordi (2016).

Essa análise permite responder às perguntas da pesquisa a respeito do uso da LT e LP em contexto de aldeia urbana, pois se identificou o uso da língua de origem da etnia, em sua maioria, em espaços reservados e selecionados e o uso da LP em todo contexto de interação do sujeito Terena. Uma realidade que manifestou a presença do bilinguismo diglósico pró-língua portuguesa na comunidade Terena urbana do município de CG. Sendo assim, o contexto de comunidade indígena Terena urbana se definiu como complexo e diversificado, em que a LP funciona como língua de uso fundamental para sobrevivência. O contexto da aldeia indígena urbana tem a LP funcionando como língua materna/franca devido à necessidade de interação social, profissional, comercial, estudantil vivenciada pelas populações indígenas Terena estabelecidas em regiões urbanas da capital. São populações que vieram de aldeias e que procuraram manter ativo o uso da LT, vivendo em contato com

⁶⁴ Termo utilizado por Maher (1997).

populações que já possuem a LP como LM, uma realidade comum no contexto indígena contemporâneo (MAHER, 2016).

3.7 A alternância de código como recurso linguístico Terena

A comunidade Terena urbana, tendo em destaque os adultos e idosos, revelaram durante a coleta de dados o recurso linguístico definido como alternância de código. Este recurso se revelou por meio do uso de sentenças simples, no uso da LP, inseridas no discurso realizado na LT. E outras vezes, um discurso completo na LP foi interrompido e, em seguida, foi introduzido no discurso, sentenças longas realizadas na LT. Assim como aconteceu de um discurso na LT ser interrompido e receber sentenças completas na LP, sendo, em seguida, retomado o discurso na LT.

Dessa maneira, a competência do sujeito bilíngue Terena mostrou-se adaptável, mutável conforme o contexto, a necessidade de privacidade da etnia ou a esclarecimentos de temas apresentados na LP, assim constatou-se que o uso da LT e LP está sujeito às mudanças definidas em cada língua. Desse modo, o repertório linguístico do sujeito Terena também se altera, se modifica (MAHER, 2007). A comunidade Terena urbana na sua maioria é bilíngue, mesmo considerando o sujeito Terena que só entende a LT. Sendo assim, o funcionamento discursivo do sujeito bilíngue Terena pressupõe a realização de mudança de código (*code switching*), uma atitude que revela a sua competência de transitar entre uma língua e outra sem dificuldade, anexando sentido ao seu discurso, e por vezes atuando com estratégias conversacionais (MAHER, 2007; CALVET, 2002).

O Terena bilíngue, ao usar a alternância de código, procura alcançar diferentes objetivos, pois o Terena eleva seu discurso ao nível da intimidade com outro Terena, tornando seu discurso incompreensível para o não Terena, inserindo no discurso, frases na LT. Dessa maneira, ele explica assuntos que se tornam compreensíveis para o não Terena, essa realidade de domínio da LT e LP permite refletir que o Terena não deixará a LT se apagar em sua comunidade, pois sua funcionalidade junto a LP permite alcançar seu objetivo conversacional. Por isso, durante a coleta de dados, o Terena permitiu a percepção do uso de sua língua de origem para revelar a valorização da LT. E amparados no sentimento de valorização da LT, eles estão buscando meios para sua preservação, meios como o ensino da LT nas escolas do bairro, nas salas de reforço e principalmente na interação com filhos, netos, nas festas comemorativas, realizadas no meio familiar, nas comunidades Terena, entretanto, precisam de

apoio capacitado, profissional, acadêmico, em conjunto com as lideranças e pesquisadores para que as melhores estratégias sejam assumidas na preservação da LT.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade indígena urbana, em CG é formada por diferentes etnias e dentre elas está os Terena de diversas idades, vindos de diferentes regiões do MS e cidades. Cada grupo Terena trouxe para a comunidade urbana traços pessoais vinculados ao seu local de origem, ou seja, à tradição familiar, da comunidade e liderança local. Assim, não pode deixar de ser mencionado que cada comunidade Terena possui sua liderança que se diferencia entre si quanto à administração da aldeia urbana, a tradição a ser seguida na comunidade local.

Durante um significativo tempo, os Terena viveram na aldeia, desenvolveram seus ritmos de vida, praticaram suas tradições e realizaram suas práticas discursivas, mas a contemporaneidade chegou e eles partiram para conquistas de novas realidades e oportunidades para seus filhos. Entretanto, novos desafios lhes foram impostos que os levaram à busca de outros rumos, novas oportunidades para os familiares. (URQUIZA; VIEIRA, 2012). Com a chegada dos povos indígenas na área urbana, surgiram os desafios a serem enfrentados e um deles correspondia ao uso linguístico a ser adotado no contexto urbano.

Vinculados à nova opção de estilo de vida, à nova área de moradia, a realidade de contato com a população urbana, definiu-se o contato entre as duas línguas, a LT e LP, (CALVET, 2002). E com a decisão da vinda para a região urbana vieram os desafios a serem enfrentadas, realidades que os Terena pioneiros teriam que resolver, como a questão de uso da língua de origem e a língua de uso comum e constante dos habitantes não indígenas urbanos, a LT e a língua nacional, a LP (MAHER, 2016; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

O estabelecimento dos Terena na região urbana, mais uma vez, manifestou a característica expansionista do Terena, descrita por LADEIRA e BITTENCOURT (2000). Desta maneira esta pesquisa mostrou que definir a situação bilíngue na comunidade indígena Terena urbana de CG não é uma tarefa simples, a partir da valorização da língua indígena definida pela Constituição Federal de 1988, essa tarefa apresentou-se como complexa, pois cada povo indígena possui suas particularidades. E tornou-se foco desta pesquisa a comunidade indígena Terena estabelecida nas aldeias urbanas da capital, este grupo indígena constituiu-se como o segundo grupo relevante na formação das aldeias urbanas em CG, pois o povo Guarani destacou-se neste processo de formação das aldeias urbanas no município de CG.

Neste novo ambiente, os Terena reafirmaram a sua própria política linguística (NINCAO, 2003; 2008) de utilização das duas línguas num processo de bilinguismo compulsório (MAHER, 2007) vivendo uma nova realidade que se definiu ao longo do tempo cada vez mais complexa na área urbana do município de CG. Vinculadas à vida urbana vieram situações conflituosas como a questão de quando usar uma ou outra língua, a LT e LP, situação já definida em suas aldeias de origem, mas com necessidade de um novo posicionamento nas comunidades indígenas urbanas de CG. Diante do impasse, o Terena manteve o que era de costume da etnia, o uso da língua de origem entre os familiares e parentes. E quanto ao uso da LP, a língua nacional (MAHER, 2016) eles decidiram manter no lugar da interação entre Terena e não Terena, em contexto comunitário e a assumir a LP como meio básico para sobrevivência.

Nesse sentido, os Terena de CG demonstraram no uso da alternância de línguas, diversas intenções, como uma forma de estabelecimento do povo Terena e de sua língua no meio urbano, na convivência junto ao não indígena, revelando a sua capacidade de manejar duas línguas em conjunto. Entretanto, em muitas situações, os Terena intercalaram falas da LM após a exposição de frases inteiras na LP, deixando nítida a intenção de usar a LT para manter a intimidade entre Terena, parentes, e na presença do não indígena. Os Terena adotaram esse recurso linguístico para explicar ao idoso de sua etnia que ele encontrou dificuldade de entender, antes dito com uso da LP.

Durante as entrevistas constatou-se que a interação entre os Terena iniciou-se com o uso da LT entre as lideranças e, depois foram introduzidas explicações fazendo uso da LP. Assim, confirmou-se a afirmação de Maher (1997, p. 24) sobre o falante de mais de uma língua, que se revelou competente ao utilizar a “alternância de línguas” para alcançar seu propósito na comunicação.

Ao encontrar o sujeito Terena usando a língua de origem, constatou-se o uso da alternância de línguas. Entretanto, sobressaiu o fato de que em cada visita, no contato com a liderança, tanto o cumprimento como a explicação sobre a pesquisa eram realizados na LT posteriormente traduzida para a LP. Um fato que serviu como exemplo foi o contato realizado na aldeia urbana do Jardim Inápolis, a guia Terena fez as apresentações e explicações usando a Língua de origem da etnia, para a liderança local. E, assim, a LT passou a ser usada em diferentes momentos das entrevistas na comunidade Terena e, dessa maneira, identificou-se a presença da LT em contextos selecionados pelos falantes Terena.

No momento das entrevistas, constatou-se um ambiente de tensão e inseguranças entre o povo Terena, pois diversas vezes a guia Terena usou a LT para explicar as perguntas e

objetivos da pesquisa, um dos lugares que apresentou esse ambiente foi a aldeia indígena Terena urbana Marçal de Souza. Durante as entrevistas com as mulheres, a guia Terena e senhoras com mais de 50 anos deixavam o uso da LP e passavam a utilizar a LT, explicando ou instruindo as mulheres com menos de 30 anos nas perguntas e respostas da pesquisa. Por meio dessa situação, foi possível constatar que o sujeito Terena utiliza a língua de origem para manter a comunicação particular, a respeito de um assunto, para discutir o valor, a importância e o significado do assunto, através do uso da LT durante a interação vivenciada.

Chamou a atenção a situação da haver poucas crianças, adolescentes e jovens acompanhados pelas mães, usando a LT no contexto da comunidade. Nessa situação, constatou-se que as crianças, adolescentes e jovens estão desenvolvendo maior contato com a LP devido a interação social urbana, com o não indígena e a convivência escolar. Dessa forma, observou-se que o contato da geração mais nova com a LT ocorreu de forma tímida, pois os adolescentes e jovens mostraram-se retraídos em falar da LT e essa realidade levanta a seguinte pergunta: Será que as novas gerações estão usando oralmente a LT no contexto de comunidade Terena urbana?

As entrevistas, coleta de dados e observações apontaram que as novas gerações não estão usando a LT oralmente, com frequência diária na comunidade, mas entendem e falam algumas palavras, frases simples porque aprenderam no meio familiar, escolar e comunitário. Dessa maneira, a escola do bairro, com ensino da LT e, a sala de reforço desempenham um importante meio de ensino, fortalecimento da LT, um ensino e aprendizagem que não se atém à oralidade da língua, mas se estende para a escrita. É modelo deste ensino e aprendizagem a comunidade Terena urbana da Marçal de Souza, da Água Bonita, e Vila Romana, que tem crianças, adolescentes e jovens como monitores no ensino da LT. Esses lugares foram citados como lugares que possuem ensino da LT no meio familiar, na escola do bairro e na sala de reforço da comunidade Terena urbana.

Essa realidade torna a questão do uso da LT na comunidade urbana complexa, pois as novas gerações estão aprendendo e sendo fortalecidas no ensino da LT pelo meio familiar em menor proporção, de forma tímida e, na escola, sendo uma prática na sala de reforço sem acesso a recursos, sendo mantida pela comunidade local. Entretanto, esse processo revelou-se lento e necessitando de incentivo e significado para a aprendizagem da LT. Este é um trabalho a ser desenvolvido entre a liderança e a comunidade indígena Terena urbana com apoio dos órgãos competentes e acadêmicos, pois, na compreensão de um processo, ocorre a motivação e, assim, a tarefa que está sendo executada passa a ser prazerosa. Assim, esse processo passa a

ser desenvolvido sem dificuldades, tendo por base o seu entendimento, por meio do que está sendo vivenciado.

Ainda, é importante considerar que algumas crianças Terena já têm a LP como LM (MAHER, 2016) e, mesmo diante dessa realidade, as crianças crescem ouvindo os avós e pais usarem a LT na interação familiar e social. Dessa forma, crianças e adolescentes crescem entendendo palavras e frases simples na LT. Foi constatado que poucas vezes uma criança, adolescente ou jovem declarou não querer, não gostar de falar ou de aprender a língua de sua etnia; pelo contrário, foram identificadas crianças, adolescentes e jovens que desejam voltar para a aldeia, conviver com avós e tios para aprender ou aperfeiçoar a aprendizagem e uso da LT. De acordo com a coleta de dados e as observações, essa é uma questão complexa, pois no contexto urbano as novas gerações estão divididas entre aqueles que sabem falar, entender e ensinar a LT.

Na comunidade Terena da Vila Romana, os adolescentes e jovens falam e ensinam a língua da etnia na comunidade Terena e na sala de reforço. Constatou-se que entre os mais novos, entre os que entendem e falam palavras e frases simples na LT, estão os que possuem um nível de conhecimento diferenciado de entendimento e uso da LT no contexto de comunidade Terena urbana. Dessa forma, o contato constante com a LP a eleva ao patamar de língua de maior valor, acrescentando o significado da sobrevivência no contexto urbano. Os dados mostraram que essa questão é complexa, pois no contexto urbano, as novas gerações estão divididas, entre aqueles que sabem falar, entender e ensinar a LT de forma diferenciada de uso, entendimento entre as comunidades Terena.

Para melhor entendimento da situação, os dados foram organizados de diferentes maneiras, ao iniciar com as especificidades das aldeias urbanas constatou-se que 7 aldeias urbanas apresentaram o uso da LT em conjunto com a LP. Uma atitude desenvolvida pela comunidade Terena, com uso alternando da LP (*code-switching*), sendo que outras praticaram em evento social, em maior proporção a tradução do discurso realizado na LT para a LP. Assim, constatou-se o maior entendimento e menor uso da LT em diferentes comunidades Terena.

Conforme as especificidades das aldeias apresentadas, a comunidade Terena em sua maioria, demonstrou interesse em manter o uso da LT em público, em eventos familiares, religiosos e culturais. Assim, constatou-se na comunidade Terena o interesse em manter a língua de origem viva e ativa nas aldeias urbanas da capital, atitude que justifica o uso da LT em diversos contextos, com tradução para LP e, na presença de não Terena. Ainda dentro das especialidades das aldeias urbanas da capital, apenas três aldeias urbanas não demonstraram o

uso da LT em público, sendo que duas comunidades apresentaram o uso da LT em grupos reservados, reuniões privadas. Assim, foi demonstrado o uso da LT, em maior quantidade em contexto público, de diferentes maneiras, na comunidade Terena urbana, mas prevalecendo o uso da LP em todos os ambientes de convívio, como explicito no Quadro 1.

A organização das aldeias por regiões, expôs que as aldeias urbanas, ao serem constituídas na mesma região, definem um apoio mútuo entre as etnias da região, pois, são formadas por familiares, que se reúnem em eventos especiais, e fazem o uso da LT iniciado na chegada e no diálogo entre familiares, sendo o uso da LP praticado em toda comunidade Terena reunida. Assim, entre os integrantes das comunidades Terena próximas umas às outras foi constatado uso frequente da LP e baixo uso da língua de origem, fora do contexto de evento social. As regiões que apresentaram mais de uma aldeia indígena, foram as regiões do Imbirussu, do Prosa e Mata do Segredo, de acordo com o Quadro 2. No centro da cidade localizou-se um Centro comercial Terena, como ponto estratégico para comércio de produtos alimentícios naturais, artesanato e outros produtos, um grupo Terena que faz uso da LT entre familiares e uso recorrente da LP no centro da cidade.

A matriz de coleta de dado sobre a configuração de uso da LT entre os homens e mulheres Terena a partir das gerações crianças, jovens, adultos e idosos apresentou o uso da LT pelas crianças e jovens Terena de forma desigual entre as comunidades, pois, um grupo definiu-se como quem entende algumas palavras, outro entende bem a língua, mas, não usa e outro grupo afirmou que entende e usa palavras e frases na LT. Sendo que o grupo dos idosos e adultos apresentou-se como quem entende, fala bem e fluentemente a língua de origem. Entretanto, tornou-se relevante o fato que o grupo das crianças e jovens afirmaram não falar bem, mas desejam aprender a falar a LT, conforme o Quadro 3. O uso da LP diferenciou-se apenas pelo grupo de idosos, ao afirmarem que entendem e usam palavras e frase na LP e que preferem que o uso da LT diante de uma explicação, item apresentado no Quadro 4.

Os sujeitos da pesquisa, os habitantes das aldeias indígenas urbanas foram organizados por faixa etária, de acordo com Garcia (2007), sendo que os dados dos infantis (1 a 5 anos), das crianças (6 a 14 anos) e adolescentes (15 a 22 anos) foram levantados por meio de informações, entrevistas diretas com pais e responsáveis. O grupo dos jovens (23 a 32 anos), adultos (33 a 54 anos) e idosos (acima de 55 anos) que estão em fase de formação escolar, capacitação profissional, de ocupação profissional e aposentadoria e, forneceram os dados para a pesquisa por meio de entrevistas, questionário, observação e participação ativa em eventos sociais. As faixas etárias mostraram que os primeiros anos de vida da criança Terena (até 5 anos) está voltado para o contato familiar, o período que a criança experimenta o

contato inicial com a LP e a língua da etnia usada pelos pais, avós, tios e outras gerações. Assim, constatou-se que o ensino da LT e LP se inicia na família. O povo Terena definiu-se como falantes da LP e LT, sendo que quanto a LT, os Terena das novas gerações se apresentam como índice de quem conhecem a LT através de palavras e frases simples. Portanto, o uso da LT se apresentou de forma variada e não falada com fluidez, conforme o Quadro 5.

Na comunidade Terena urbana foi constatado que os falantes da LT apresentaram-se em menor proporção (18) que os falantes da LP (46), sendo considerados os sujeitos que só entendem a LT (13), além dos que não forneceram dados, portanto foi constatado maior uso da LP (46) nas comunidades Terena, não sendo negado o uso⁶⁵ ou entendimento da LT na comunidade indígena. Esses dados mostram que os Terena desenvolvem maior uso da LP na comunidade Terena e, restringem o uso da Língua de origem a contextos e situações específicas, assim, a LT tem seu uso diminuído, sendo exposta ao risco de extinção, mesmo diante da não negação do seu uso e conhecimento (Quadro 6). A Relação das aldeias urbanas da capital do MS foi organizada em quadro apresentando a diversidade de aldeias localizadas no município de CG, formadas por diferentes contextos, lideranças e o significativo número de aldeias urbanas permitiu acesso a dados para essa pesquisa como mostrado no Quadro 7.

O uso da LT e LP organizado por meio de contextos da comunidade Terena, foi observada reunião religiosa formada por variados grupos Terena com significativo uso da LT. Entretanto, não foi constatado uso exclusivo da LT na comunidade Terena urbana, mas uso da LT e LP em conjunto, com destaque de maior uso nas festividades culturais, reuniões religiosas e menor uso da LT em área pública. A comunidade Terena forneceu maior quantidade de dados para a pesquisa através das festividades Terena, contexto familiar e social. O contexto de cursos profissionalizantes, da escola, sala de reforço apresentaram baixo nível de acesso aos dados da pesquisa. Esses números mostram o uso conjunto da LP e da língua de origem da etnia, com significativo uso da LP na comunidade, os dados apresentam o processo diglótico pró-língua portuguesa, como visto no Quadro 8.

Nas comunidades Terena urbanas do município de CG, foi constatada a presença do processo diglótico nas comunidades Terena da aldeia urbana Marçal de Souza, Água Bonita, Jardim Inápolis, Vila Romana, Água Funda, Santa Mônica, Darcy Ribeiro e o centro comercial Terena do Mercado Municipal. Os dados apontam para significativo uso da LP e intenso processo de deslocamento da LT, cedendo lugar para a LP no contexto das aldeias

⁶⁵ Nesta pesquisa também foi apresentado o uso parcial da LT, os sujeitos da pesquisa, de várias idades, apresentaram respostas como “falar um pouco”, “mais ou menos”, etc.

urbanas da capital, ameaçando provocar diminuição do uso da LT, chegando a sua inexistência em contexto urbano (Quadro 9). No Mapa 1, 2 e 3, sobre a localização das aldeias urbanas por região, bairros e distâncias entre as aldeias urbanas ficou constatado que as comunidades Terena estão distribuídas em diferentes regiões e bairros, abrangendo grande área do mapa do município de CG.

Na comunidade Terena da Vila Romana constatou-se que os adolescentes e jovens falam e ensinam a língua de sua etnia na comunidade e na sala de reforço, sendo que entre os mais novos, que entendem e falam a LT, estão os que possuem um nível de conhecimento diferenciado de entendimento e de uso dessa língua. Essa realidade mostra que os indígenas estão gradativamente se definindo como sujeito Terena em contexto urbano, procurando manter o entendimento e uso da LT nesse contexto, mas, o contato constante com a LP, a eleva ao patamar de língua de maior valor, de significado de sobrevivência no contexto urbano no município de CG.

A realidade de uso da LT na comunidade urbana sugere que os intelectuais Terena, lideranças e a Academia voltem a atenção para a questão do uso da LT e tracem estratégias para direcionar a aprendizagem, o desenvolvimento da prática e de incentivo de uso da LT em contexto urbano. É importante retomar a questão que cada comunidade Terena possui sua realidade linguística. Como exemplo, apresenta-se a comunidade Terena “Água Funda”, a qual é recém-fundada e muitos dos seus integrantes Terena chegam das aldeias da região de Miranda e Aquidauana trazendo o costume e habilidade de uso mais recorrente da LT. E esta habilidade de uso da LT não pode ser esquecida, mas valorizada no meio urbano.

Foi apresentado na aldeia urbana Água Funda, para esta pesquisa, o caso do menino que falava a LT com o amiguinho da mesma etnia, nascido na cidade e, que não sabia falar e entender a LT. O amigo da aldeia da região de Miranda mostrou-se bilíngue e o coleguinha nascido na região urbana monolíngue, pró-língua portuguesa, e para a interação ser concretizada o amigo bilíngue precisou falar somente a LP. Esse é um exemplo da complexidade e diversidade que envolve o uso da LT em contexto de aldeia urbana, pois os Terena monolíngues em LP convivem no mesmo espaço com os sujeitos Terena bilíngues. Essa habilidade não pode ser definida de uma única forma, pois suas competências não são fixas e seu repertório linguístico pode alterar (MAHER, 2007).

A esse respeito, retomo a questão da escola indígena que nas aldeias são de caráter diferenciado, específico, intercultural e bilíngue (DIRETRIZES, 1994; BRASIL, 1999) com a garantia do ensino da língua indígena na escola, tanto como língua materna, como segunda língua para os não falantes. Os dados desta pesquisa apontam para a necessidade do poder

público municipal de CG instituir uma política educacional para as comunidades indígenas que leve em conta a política nacional de educação escolar indígena instaurada a partir da Constituição de 1988 e legislações próprias.

As gerações mais novas apresentaram uma baixa significativa de uso da LT e, dessa forma, as gerações das crianças, adolescentes e jovens precisam atribuir significado ao uso da LT, recebendo incentivo e valorização pelos pais, avós e lideranças no meio comunitário.

Assim, constatou-se como exemplo de valorização da LT a atitude do líder da comunidade do Jardim Inapólis ao oferecer ao neto o que era solicitado quando fosse realizado na LT dentro de sua casa. Essa atitude elevou a LT ao patamar de valorização, de significado de obter o desejado através do uso da LT. Uma atitude que demonstra ao neto que como indígena, falante de sua língua de origem, ele terá resultados positivos de seus anseios. Ao contar o fato, o líder expos sua política linguística adotada na aldeia urbana como uma forma de construir um cenário linguístico semelhante ao da aldeia de origem, buscando garantir o uso, preservação, valorização e incentivo junto a sua comunidade Terena. Assim, constatou-se que cada líder de comunidade Terena delinea sua política linguística e de administração, deixando novamente exposta a diversidade que marca a constituição das aldeias indígenas urbanas na capital do MS.

Portanto, constatou-se que o uso da LT e LP em contexto urbano de CG é praticado de forma diversificada, porém, a LP mostrou-se de uso de todos os indígenas, sendo assim desempenhou o papel de *língua materna/franca* (MAHER, 2016; LUCCHESI, 2009). E a LT foi praticada, a partir das diversidades de características que envolveram esse sujeito (MAHER, 2016).

Em síntese, o contexto da comunidade Terena urbana definiu-se como um ambiente complexo, formado por maior proporção de sujeito bilíngue, conforme acontece nas aldeias Terena falantes, onde não há monolinguismo em língua indígena, mas situação ou bilíngue ou monolíngue em língua portuguesa (NINCAO, 2003, 2008).

Essa exposição revela que cada comunidade Terena possui sua política linguística, conforme a liderança local, mas quanto ao uso da língua Terena, os estudiosos Terena com apoio dos órgãos públicos precisam desenvolver ações de incentivo do uso da LT (NINCAO, 2008; MAHER, 2016).

Conclui-se este trabalho, com a expectativa que os dados aqui expostos e analisados possam contribuir para desenvolvimento de políticas línguas/escolas de atendimento à comunidade Terena urbana do município de CG em prol da valorização, preservação da LT e

LP pela população Terena, valorizando e preservando a LT em contexto urbano e, de melhor convívio do povo indígena com o não indígena em contexto urbano.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do brasil. *Español y Portugués: fronteiras e contatos* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). 2008.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras Norte@mentos Estudos Linguísticos*, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013.
- APPEL, Rene; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. Londres: Edward Arnold, 1987.
- ARANTES, Taís Turaça et al. A pesquisa sociolinguística nas línguas indígenas. *Revista Sociodialetal: Bach. Mestrado Letras UEMS/Campo Grande*, v. 4, nº 12, p. 122-133, maio 2014.
- AUER, Peter. *Bilingual conversation*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1984.
- AULETE, Caldas. Dicionário digital. Disponível em <http://www.aulete.com.br>. Acesso em mar. 2019.
- AZANHA, Gilberto. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. *Revista de Estudos e Pesquisas. FUNAI, Brasília*, v. 2, n. 1, p. 61-111, jul. 2005.
- BARRETO, Mônica Maria Guimarães Savedra. Bilinguismo e Bilingualidade: uma nova proposta conceitual. In: In: SALGADO, Ana Claudia Peters; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães Barreto. (Org.). *Sociolinguística no Brasil. Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Homenagem ao professor Jungen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- BENIERE, Simone Raquel. *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: Alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC. Dissertação (Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul–UFFS. Chapecó, 2017.*
- BENJAMINS, John. *An Introduction to Linguistic Typology*. Philadelphia: USA. 2012.
- BEVILAQUA, Camila. A Aldeia Vertical: mistura indígena na cidade do Rio de Janeiro. *Mundo Amazônico*, v. 8, n. 2, p. 49-70, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322971001>. Acesso em: 21 fev. 2019.
- BITTENCOURT, Circe Maria. LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.
- BORSTEL, Clarice Nadir von. A Língua e a cultura de imigrantes paraguaios em Guaíra. In: SALGADO, Ana Claudia Peters; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães Barreto. (Org.). *Sociolinguística no Brasil. Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Homenagem ao professor Jungen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas In: ORTIZ, Renato (org.). 1983. Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.156-183. 2008.

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: ed. Berthand Brasil. 1989.
- BOULOS, Júnior Alfredo. História e cidadania. São Paulo: FTD, 2009.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. Contato entre Línguas: Subsídios para Educação Escolar Indígena. Revista do Museu Antropológico, UFG, Goiânia, v. 2, n. 1., 1998.
- _____. O papel da pesquisa sociolinguística em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu. UFG, Liames, v. 3, n. 1, p. 113-133, 2003.
- _____. As diferentes situações sociolinguísticas e os tipos dos empréstimos na adição do português ao xerente akwén: fatores positivos e negativos. UFG, Liames, v. 12, n. 1, p. 157-177, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade & Etnia: Construção da Pessoa e Resistência Cultural. São Paulo: Pioneira, 1986.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996.Seção I, p. 27834-27841.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'igna. A contribution to the linguistic history of the Língua Geral Amazônica. Alfa, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 613-639, 2011.
- CRYSTAL, David. Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Editor LTDA, 1985.
- CALVET, Louis – Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVIS, Mara. BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ñande Retã, nosso território: povos indígenas de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Editora Mara Calvis, 2017.
- CARDOSO, Suzana Alice. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CAVALCANTI, Marilda C. Estudos Sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil. Revista Delta, n. 15, Número Especial, p. 385-417, 1999.
- CAVALCANTI, Marianne Carvalho Bezerra. Sociolinguística. In: FARIA Evangelina Maria Brito de; CAVALCANTI, Marianne Carvalho Bezerra (Org.). Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010, CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS INDIGENAS. Resultados do universo. Rio de janeiro. 2010.
- CLYNE, Michael. Multilingualism. In: COULMAS, Florian. The Handbook of Sociolinguistics. 2. ed. rev. Oxford e Cambridge: Linguistic Society of America, 1998. v. 74.
- COUTO, Hildo Honório do. Contato interlinguístico: da interação à gramática. 2 ed. Brasília: Programa de Pós-graduação em linguística. Universidade de Brasília, 2017.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DORNELLES, Clara. Brasil. Um país Monolíngue de Todos. . In: SILVA, Sidney de Souza. Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias. Caletoscópio, v. 4. Edição Especial, 2016.

DYER, Judy. Language and Identity. In: LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter (ed.). The Routledge Companion to Sociolinguistics. Nova Iorque: Routledge, 2007. p. 101-108.

EDWARDS, John. Minority languages and group identity: cases and categories. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

FARIAS, Evangelina Maria Brito de. CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (Org.). Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FARIAS, Edineide Bernardo; MEDEIROS, Heitor Queiroz de. O Povo Terena e a Educação Escolar Indígena Diferenciada e Bilíngue em Mato Grosso do Sul. Notandum, n. 43, jan-abr, 2017.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. Routledge Journal, 1959. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1959.11659702>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FERREIRA, R. V.. A educação indígena, o trabalho lingüístico e o linguista, todos devem trabalhar juntos?. In: 16º. COLE - No mundo há muitas armadilhas é preciso quebrá-las, 2007, Campinas. 16º. Anais do COLE. Campinas: Ed.Unicamp, 2007.

FERREIRA, Rogério Vicente; AMADO, Rosane de Sá; CRISTINO, Beatriz Protti. (Orgs.). Português Indígena: novas reflexões. Munique: Lincom Academic Publishers, 2014.

FISHMAN, J. A. Why is it hard to save a threatened language? In: _____. (Ed.). Can threatened languages be saved? – Reversing language shift, revisited: a 21st century perspective. Clevedon: Multilingual Matters, 2001. p. 1-22.

FRAGA, Letícia. Bilinguismo em Português/Holandês Em Carambeí-Pr. In: SILVA, Sidney de Souza. Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas: Pontes, 2011.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas Indígenas e Português: Contato ou Conflito de Línguas? Reflexões Acerca da Situação dos Mawé. In SILVA, Sidney de Souza. Línguas em contato: Cenários de bilinguismo no Brasil. Coleção Linguagem e Sociedade, v. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

FRANCESCHINI, Rita. The notion of code in linguistics. In: AUER, Peter (ed.). Code Switching in Conversation: Language, Interaction and Identity. Londres: Routledge, 2013.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. Análise de conteúdo. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GARCIA, Mariana de Souza. Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência. 2007. 252 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, 2007.

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriela da Silva; LODER, Letícia Ludwig. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audi-ovisuais como procedimentos analíticos plenos. DELTA, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257-288, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502014000200257&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Rafaela Maia. A saúde indígena na aldeia urbana Água Bonita: um desafio para o desenvolvimento local. 2011. 104f. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2011.

GONÇALVES, Solange Aparecida. Por um planejamento linguístico local. Revista Investigações, v. 22, n. 2, p. 205-237, jul. 2009.

GUILLEN, Isabel. 500 Anos Um novo mundo na TV. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

GUMPERZ, John. Discourse strategies. Cambridge: Cambridge University. Press, 1982.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HAMEL, Rainer Enrique; SIERRA, Maria Teresa. Diglossia y Conflicto Intercultural: la lucha por un concepto o la danza de los significantes. Boletín de Antropología Americana, n. 8: p. 89-110, dez. 1983.

HERMANN, Jaqueline. Cenário do encontro de povos: a construção do território. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

HOHMANN, Beate. Manutenção e planificação linguística numa comunidade pomerana do Espírito Santo. Um estudo sociolinguístico. In: SILVA, Sidney de Souza. Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

KOZIOL, Jessica Marie. Code switching between Spanish and English in contemporary American society. 2000. Monografia (Graduação em Inglês e Línguas Estrangeiras) - St. Mary's College of Maryland, St. Mary, 2000.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. Identidade e comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. Porto Alegre, Nonada, n. 24, 2015.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdã: John Benjamins, 1982.

_____. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LADEIRA, M. E. M. Língua e História, Análise sociolinguística em um grupo terena. Tese(doutorado em semiótica e linguística geral). 2001. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo – SP.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. DISCURSO INDÍGENA: IDENTIDADE, ALTERIDADE, TRANSCULTURALIDADE. Raído, Dourados, MS, v. 1, n. 1, jan./jul. 2007. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados – MS.

LUCCHESI Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

LYONS, John. Linguagem e Linguística. Uma introdução. Ingraterra: Cambridge University Press, 1981.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. In: MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MACKEY, William F. The description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.) Reading in the sociology of language. The Hague: Mouton, ed. 3, p. 554-584, 1972.

MAHER, Tereza Machado. O Dizer do Sujeito Bilíngue: aportes da Sociolinguística. In: Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos, 1997 / (organização) INES, Divisão de Estudos e Pesquisas - Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Ed. Littera Maciel Ltda, 1997.

_____. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

_____. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTE, Marilda C.; RICARDO, Estella Maris Bortoni. (Org.). Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 67-73, 2007.

_____. Sendo índio na cidade: mobilidade, repertório linguístico e tecnologias. Revista da Anpoll, Florianópolis, n. 40, p. 58-69, jan./jun. 2016.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue: discutindo conceitos. ReVEL, v. 3, n. 5, ago. 2005. Disponível em <www.revel.inf.br>. Acesso em: 22 set. 2018.

MELLO, Heloisa Augusta Brito de. O falar bilíngue. Goiânia/GO: UFG, 1999.

_____. Educação bilíngue: uma breve discussão. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n.1, p. 118-140, 2010.

_____. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilingue do sudoeste goiano. In: SILVA, Sidney de Souza. Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MESQUITA Rodrigo; BRAGGIO, Rodrigo; BIGONJAL, Silvia Lucia. Obsolescência linguística em Xerente Akwén: diglossia, empréstimo e codeswitching. Signótica, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 493-518, jul./dez. 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à Sociolinguística. O tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MUSSI, Vanderléia Paes Leite. As estratégias de inserção dos índios Terena: da aldeia ao espaço urbano (1990-2005). 2006. 330 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136046>>. Acesso: 11 fev. 2019.

MYERS-SCOTTON, Carol. Social motivations for codeswitching: Evidence from Africa. Oxford: Clarendon Press, 1993.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VIEIRA, Carlos Magno. O índio e o espaço urbano: breves considerações sobre o contexto indígena na cidade. *Cordis. História: Cidade, Esporte e Lazer*, São Paulo, n. 14, p. 118-136, jan./jun. 2015.

NINCAO, Onilda Sanches. Representações de Professores Indígenas sobre o Ensino da Língua Terena na Escola. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2003.

_____. “Kóho Yoko Hovôvo/O Tuiuiú e o Sapo”: identidade, bilinguismo e política linguística na formação continuada de professores Terena. 2008. 236f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

_____. Um evento de (bi)linguismo em língua indígena: reflexos de uma política linguística Terena. *Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 11, n. 2, jul./dez, 2012.

_____. Kóho Yoko Hovôvo/O Tuiuiú e o Sapo: os Terena, uma nova identidade de nação? *Cadernos de estudos Culturais*, v.7 n. 13, p. 107-120, 2015.

OLIVEIRA, Renata Sobrino Porto. Code-switching: perspectivas multidisciplinares. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Caroline Pereira. A relevância pedagógica na construção de propostas de educação bilíngue intercultural. Dissertação - Universidade Federal de Goiás, Faculdades de Letras –UFG. Goiânia, 2011.

ORTIZ, Rosalvo Ivarra; MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. Memória e trajeto secular: os Terena como protagonistas de sua história, Dourados, *Revista Realização*, v. 4, n. 8, p. 81-86, 2017.

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva; NASCIMENTO, Elisangela Castedo Maria do. Mapeamento da língua terena na Aldeia Aldeinha município de Anastácio, MS. Campo Grande, *Revista Interações*, v. 14, n. 2, p. 297-306, jul./dez., 2013.

PEREIRA, Paulo Roberto. Carta de Pero Vaz de Caminha – A certidão de nascimento da nação brasileira. São Paulo: Bradesco, 2000.

PEREIRA, Levi Marques. Os Terena de Buriti: as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

PEREIRA, Telma. Fronteira Oiapoque-Saint-Georges: Línguas e políticas linguísticas em contato. In: BARRETO, Mônica Maria Guimarães SAVEDRA. SALGADO, Ana Cláudia Peters. (Org.). *Sociolinguística no Brasil. Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Homenagem ao professor Jungen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

PORTO, Renata Sobrino. Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

PRUDENTE, Mabel Pettersen. Um estudo Sociolinguístico sobre a comunidade Árabe em Goiânia. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 2011.

RASO, Tommaso. MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

RICARDO, Carlos Alberto. *Os índios e a sociodiversidade nativa contemporâneo no Brasil*. São Paulo: MEC, 1995.

RICARDO, Fany Pantaleoni. *Povos Indígenas no Brasil*. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guaj%C3%A1>. Acesso em: 26 ago. 2019.

RICHARDSON, Viviane. *Portu-English: análise de code-switching português-inglês no discurso coloquial de uma família bilíngue*. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. A originalidade das línguas indígenas brasileiras, *Linguística Antropológica*, v. 9, n. 1, p. 187-195, 2017.

ROMAINE, SUSAN. *Bilingualism*. Nova Iorque: Basil Blackwell Inc., 1989.

ROMAINE, Suzanne. Introduction to the Study of Bilingualism. In: ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Brazil Blackwell, 2 ed., p. 78-119, 1995.

_____. The bilingual child. In: ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Brazil Blackwell, 2 ed., p. 78-119, 1995.

SANT’ANA, Graziella Reis de. *Historia, espaços, ações e símbolos das associações indígenas Terena*. 2009. 331p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães Barreto. (Org.). *Sociolinguística no Brasil. Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Homenagem ao professor Jungen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, José Amorim. FERREIRA, Rogério Vicente; OLIVEIRA, Caroline Pereira. Uma reflexão sobre referenciação em textos escritos em Língua Portuguesa por alunos indígenas da

comunidade Terena de Miranda/MS. In: FERREIRA, Rogério Vicente; AMADO, Rosane de Sá; CRISTINO, Beatriz Protti.(Org.). *Português Indígena: novas reflexões 2014*. Disponível em:

https://www.academia.edu/14188554/Portugu%C3%AAs_Ind%C3%ADgena_novas_reflex%C3%B5es. Acesso em 15 jan. 2019.

SILVA, Aracy Lopes. GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. – Brasília: MEC/MARI/ UNESCO, 1995.

SILVA, Luiz Felipe Barros Lima; BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. *A Constituição da comunidade urbana Água Bonita em Campo Grande – MS: Territorialidade e identidade indígena*. XVII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luís/MA, jul. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Sidney de Souza. *A Colônia do Rio Uvá: Um contexto de Imigração Alemã e Deslocamento Linguístico*. . In: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SOBRINHO, Maria de Lourdes Elias. *Alfabetização na língua terena: uma construção de sentido e significado da identidade terena da aldeia Cachoerinha*. 2010. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2010.

SORDI, Adriana Rita. *A constituição do sujeito indígena jovem Kaiowá e Terena: um estudo a partir da teoria da subjetividade*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2018.

SOUZA, Ilda de. *Povos Indígenas e a Diversidade Linguística, Diversidade cultural: plurilinguismo, línguas indígenas no Brasil e em Mato Grosso do Sul*. In: URQUIZA, Antonio H. Aguilera et al (Org.). *Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TORANZOS, Romina Leonor. *Mantenimiento y cambio de lengua: el quechua entre inmigrantes bolivianos residentes en Bahía Blanca*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca, Argentina, 2014. Disponível em <<http://repositoriodigital.uns.edu.ar/handle/123456789/2977>> Acesso em 11 fev. 2019.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. *Educação escolar e os índios urbanos de Campo Grande/MS: considerações preliminares sobre as práticas de ensino nas escolas*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas: UNICAMP, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. *História Indígena. 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>. Acesso em 20 jan. 2019.

ZOIA, Alceu. PASUCH, Jaqueline. PRIPOLLI, Odimar João. Dez anos dos índios terena em Mato Grosso: aprendizagens de um processo migratório, conquistas e desafios. Porto Alegre. V. 9, n.1, p. 86-104. Jan./jun. 2015.

WEINREICH, Uriel. Languages in contact: Findings and problems. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Pesquisa de mestrado da Universidade Federal do MS.
PPGEL/2018**

Roteiro de entrevista**I-Identificação**

Nome:.....data de nascimento.....

Endereço:.....

Cargo, posição junto ao grupo indígena ou igreja:.....

Data de coleta de dados:.....

Aldeia de origem:.....

II-Identificação da língua falada em diferentes ambientes

Na comunidade.....

Na família.....

Na escola:.....

Sala de reforço.....

III-Identificação do uso de língua (língua falada

Fala só língua Terena? () sim () não

Fala língua portuguesa e língua terena? () sim () não

Fala só língua portuguesa? () sim () não

Sexo:

() M () F

Dados da aldeia:

Data de origem:.....

Número de pessoas moradores:.....

Etnias presente na aldeia.....

Profissionais presentes na aldeia:.....

Número de jovens em idade universitária.....

Número de crianças:.....

Número de mulheres.....

Número de homens.....

Número de idosos.....

ANEXO 2 - AMOSTRA DE ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO**Campo Grande 12/05/2018****Evento: Festa do Dia das Mães****Local: Comunidade Terena da aldeia urbana da Vila Romana****Íncio: 18:00 hs**

Uma festa que reuniu muitas famílias indígenas e não indígenas no pátio central da aldeia urbana da Vila Romana. Uma festa com enfeites comuns de uma festa não indígena.

[...]

Uma festa que teve o uso da língua Terena e Portuguesa, sendo a Língua Terena usada por jovens, nos discursos, nas orações, também feita por idosos.

Mas os traços da cultura indígena Terena, de aconselhar as novas gerações, de ensinamento foi preservado no discurso dos mais velhos, no uso da LP em conjunto com a LT.

[...]

ANEXO 3 - AMOSTRA PARCIAL DO "QUESTIONÁRIO DA PESQUISA"*Questionário etnográfico linguístico*

- 1-Em que ano você e seus parentes chegaram a aldeia urbana? Que idade você tinha?
- 2-Realiza algum tipo de atividade com outros Terena? Qual?
- 3-Qual língua utiliza quando realiza atividade com Terena?
- 4-Escuta música cantada em Terena? Sabe cantar em Terena?Qual?
- 5-Sabe provérbios ou ditado em Terena? Qual?
- 6-Usa em Terena o nome de alguma comida? Quais?
- 7-Conserva alguma tradição Terena com seus familiares, amigos ou conhecidos? Quais?
- 8-Qual aprendeu a falar primeiro? Português ou Terena?
- 9-Qual idade aprendeu a língua portuguesa, onde e com quem?
- 10-Que língua fala melhor? Que língua fala mais? Em que língua fez seus estudos e durante quanto tempo?
- 11-Lembra que alguém tenha proibido alguma vez (na escola, no lugar de trabalho, etc.) falar Terena?
- 12-Em que língua pensa?
- 13-Em que língua reza/ ora interiormente?
- 14-Que língua usa com seu marido/mulher em sua casa todos os dias?
- 15-Com o marido/mulher quando está irritado/ nervoso com ele/ela?
- 16-Usa a língua com marido/mulher na presença dos filhos?
- 17- Com seus amigos Terena quando estão tomando mate/ terere?
- 18-Com seus amigos Terena quando caminham pela rua?
- 19-Com a professora na escola?
- 20-Em seu lugar de trabalho com seus companheiros Terena ?
- 21-Onde é apropriado falar Terena?
- 22-Das línguas que você conhece qual gosta mais/menos que a outra?
- 23-Considera conveniente que seus filhos falem ambas as línguas? Por quê?
- 24-Qual seria o melhor lugar para ensiná-la?
- 25-Participa com frequência das festas religiosas Terenas? Fala se em Terena nas festas?

26-Poderia mencionar algum elemento que você considera importante para sua cultura? E qual é menos importante? Por qué?

27-Considera que a língua é um elemento importante para manter a união com a comunidade Terena? Por qué?